

A VERDADE EXTASIADA



A VERDADE EXTASIADA



**Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
Universidade de São Paulo**

LCB0455 - Monografia

Lívia Serri Francoio

Orientação: Antônio Ribeiro de Almeida Jr.

A VERDADE EXTASIADA

Piracicaba – São Paulo

1º Semestre de 2013

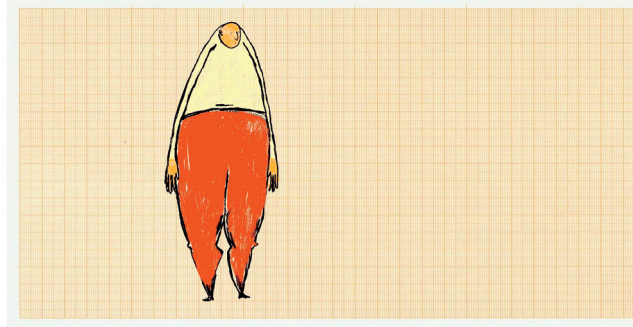
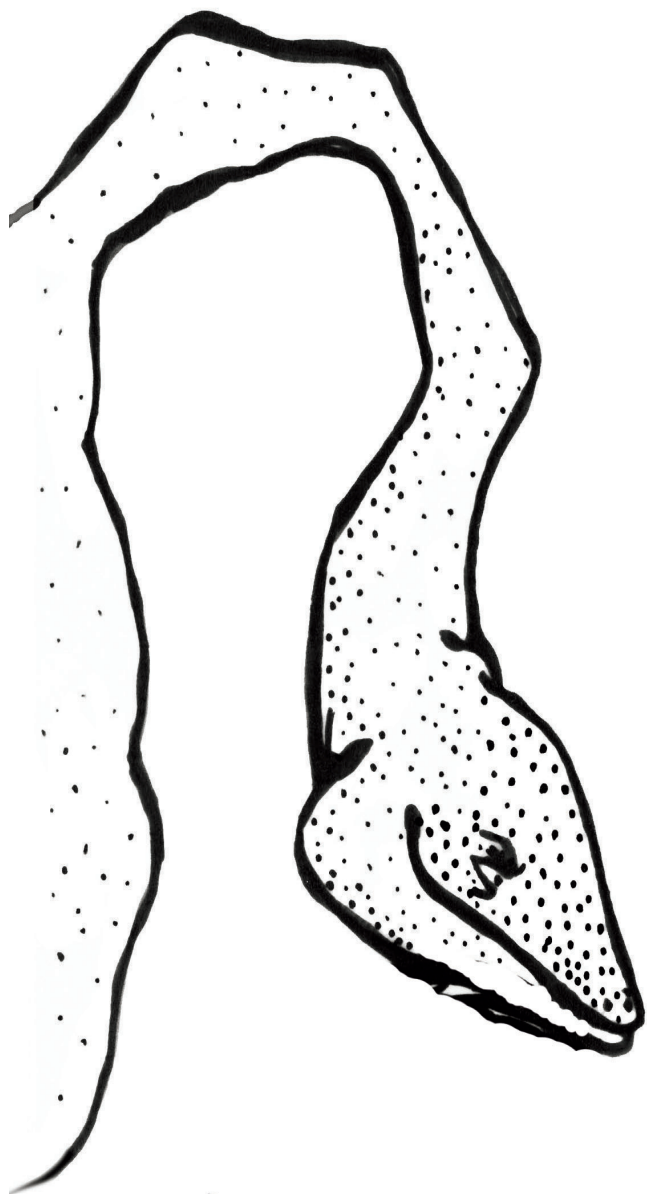
Para Victor Hugo Tampa-Maluca

Meus agradecimentos eternos a Antônio Almeida,
Beatriz Machado, Grupo de estudos do encantamento,
Grupo de Pesquisa e extensão em Educação e Comuni-
cação Ambiental, Herzog, Hugo Fortes, Jaime Bertolucci,
Juliana Serri, Laura Alves Martirani, Mãe, Mari - minha irmã,
Pai, Programa PONTE, Sergio Oliveira Moraes, Tami Buzai-
te, Terra do Ní e Thales Gaspari.

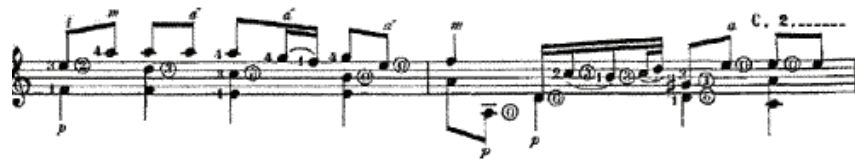




ÍNDICE



Introdução	8
Resumo	10
Apresentação dos Personagens	16
1º Ato. A Ciência como um discurso fantástico	34
2º Ato. O pobre mundo que inventamos	60
3º Ato. A arte como verdade	88
4º Ato. OPS! Escorregões: a arte imitando a ciência	100
5º Ato. O resgate	102
Posfácio	112
Anexos – Pedacinhos de conversas que se deram nos bastidores:	118
Referências	126



INTRODUÇÃO

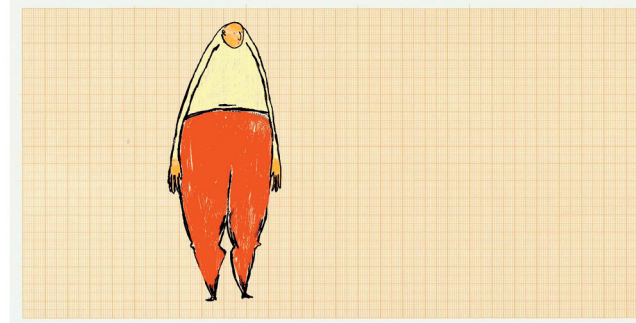
8

A concepção dessa monografia começa em um dia chuvoso, dentro de um ônibus lotado de São Paulo. Amassada, junto aos demais passageiros reconheço Marília, meio úmida e cansada, entrando no ponto da Av. Vital Brasil. Conversamos. Já quase formada em artes plásticas, ela me pergunta se vou prestar o vestibular para o curso de audiovisual, compartilhando com ela desse modo, um pouquinho da Escola de Comunicações e Artes. Respondo que não, que optei pelas Ciências Biológicas, pois estava interessada em estudar algo verdadeiro. “Verdadeiro?”, ela me perguntou, “o que exatamente você chama de verdadeiro?”, “bem”, eu disse, “algo real, mais concreto”. Tocando nas janelas suadas do ônibus, ela me perguntou “verdadeiro como isso?”, “como a natureza” lhe falei, cheia de certezas nos olhos. Não sei se ela me respondeu alguma coisa ou se fez apenas uma careta. Bem, essa monografia é o que eu digo a mim mesma de quase seis anos atrás, mantendo, com certeza, a careta.

Eis a questão: durante esses cinco anos de graduação, em momento algum me senti mais próxima da verdade, do concreto ou do real, qualquer que fosse a minha intenção de dizer com esses termos. Em nenhum momento eu acreditei, apesar de todas as provas e dados. Tive de admitir isso para mim mesma, e o aprendizado tornou-se aí, claro que em menor grau, assim como Roland Barthes o fez em relação à linguagem, compreender “como uma sociedade produz estereótipos, isso é, cúmulos de artifício, que ela consome em seguida como sentidos inatos; isto é, cúmulos de natureza.” com relação ao conhecimento, com relação à própria natureza.

Relativizada toda a ciência, sem deixar por isso de reconhecer suas inúmeras e um tanto assustadoras implicações, a ideia da arte como verdade chegou a mim de modo muito mais gracioso. Veio em contatos sinceros e epifanias que estão colocadas nessa monografia de maneira mais conceitual, mas espero que ainda com graça, em sua quarta parte.

Reunidos os autores que me dariam todo o suporte teórico para esta monografia, percebi que em muitos momentos eles dialogavam



9

entre si com muita facilidade e desenvoltura, de modo que meu papel passou a não ser tanto o de uma protagonista, mas como que de uma anfitriã que organiza um banquete à moda antiga, servindo aos convidados com vinho apenas para dar-lhes uma melhor desenvoltura no discurso, mas não permitindo a embriaguez.

Desde já me desculpo pela ingenuidade que possa haver em muitos de meus comentários, afinal, sou apenas uma bióloga entrando em território estrangeiro, pisando muitas vezes em ovos, e, confesso, em muitos assuntos não sabendo exatamente do que estamos falando.

Eu não sei dizer
Nada por dizer
Então eu escuto

(Ney Matogrosso)

Nos organizamos em quatro momentos. Essa divisão se tornou muitas vezes obscura: enquanto alguns ainda terminavam a entrada, outros já desfrutavam da sobremesa. O mais importante, no entanto, é que a leitura desse trabalho seja tão prazerosa quanto foi o ato de bordá-la.

Faço minhas as palavra de Pierre Bourdieu:

Hans Haacke:

- Eu acredito que o importante é que seja divertido. É preciso extrair prazer disso e é preciso que proporcione prazer ao público.

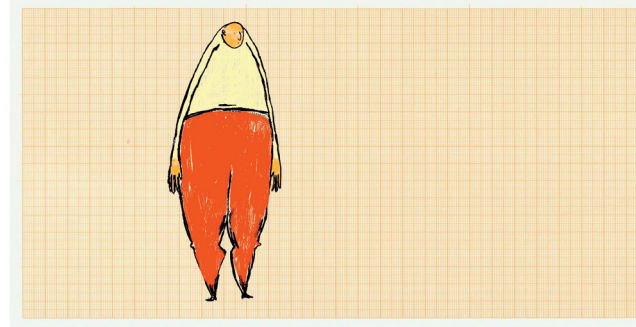
Pierre Bourdieu:

- Pensa-se espontaneamente que o sério ou o profundo é o tedioso ou o feio. Acho que uma análise das visões inconscientes do trabalho intelectual poderia liberar a energia do prazer e, da mesma forma,

a energia do simbólico. Pode ser que isso que estejamos fazendo aqui contribua para produzir este feito... [11]

É possível que no evento aqui relatado, não tenhamos chegado a nenhuma conclusão redonda e nem mesmo tenhamos seguido um fio condutor teórico. Até mesmo porque as temáticas aqui abordadas estão longe de terem quaisquer elementos inéditos para todos que já tenha tido um mínimo interesse em investigar um pouquinho acerca das contradições e implicações do positivismo, é por isso que cabe dizer que esta monografia apenas faz sentido neste lugar específico para o qual ela foi desenhada: o curso de Ciências Biológicas da ESALQ/USP, que eu trilhei e no qual senti muita falta da conversa que aqui proponho. Como se, dentro deste ambiente de arquitetura novecentista, tenham sido mantidas apenas as concepções de desenvolvimento, ciência e natureza vigentes neste período, apesar de toda a “tecnologia de ponta” aqui desenvolvida, sendo esta, aliás, possível consequência deste imaginário se não deformado, deformador.

Com certeza, a maior dificuldade deste trabalho, ainda tão incompleto, foi o de dar-lhe limites, estabelecer pontos finais. De repente, todos os textos, ilustrações, comentários de boteco, pareciam estar percorrendo direta ou indiretamente a cerca dos temas que eu queria abordar. Como disse Thomas Mann, quando nos encontramos tomados por uma ideia, a encontramos por toda parte, podemos até farejá-la. Provavelmente em decorrência disso, não foi possível contemplar todas as personagens que com certeza contribuiriam neste debate, de modo que muitos não foram convidados. Felizmente, estes não tomaram a atitude infantil da feiticeira que, ressentida, jogou um feitiço de sonolência sobre o reino. Pelo contrário, aguardam ansiosamente pelas próximas festas, nas quais nos aprofundaremos nas questões que aqui só mencionamos de maneira vaga e bastante superficial.



Humildemente, esperamos que nossa conversa, além de prazerosa, seja convidativa, ou seja, passível de estas pessoas deste espaço e deste tempo, se sentirem à vontade para participar, se assim desejarem, através do questionamento das verdades dadas, dos “fatos reais”, dos “comprovados cientificamente”, das “revelações” dos testes de DNA, que em pouco tempo serão provavelmente vendidos em farmácias.

Também gostaríamos, mas esta já é uma intenção um pouco mais ambiciosa, visto a iminente extinção dos tempos não utilitários, das licenças poéticas e até mesmo do sexto sentido, que a partir deste encontro, textos sem citação, imagens não tão bem definidas, histórias inventadas, passem a ser aqui neste campus da Universidade de São Paulo, tratadas com mais seriedade, sem que com isso se acrescente um grão de arroz de rigidez.

No meu baquete, apesar de se encontrarem pessoas de áreas muito diversas - sociólogos, filósofos, místicos, artistas plásticos, familiares e cineastas (meus preferidos) - foram muito raras as discordâncias extremas, tratei de convidar apenas amigos. De dementes já basta o mundo. Assumo que estamos aqui falando mal deles pelas costas.

As longas colheres

Uma vez, num reino não muito distante daqui, havia um rei que era famoso tanto por sua majestade como por sua fantasia meio excêntrica.

Um dia ele mandou anunciar por toda parte que daria a maior e mais bela festa de seu reino. Toda a corte e todos os amigos do rei foram convidados.

Os convidados, vestidos nos mais ricos trajes, chegaram ao palácio, que resplandecia com todas as suas luzes.



12

As apresentações transcorreram segundo o protocolo, e os espetáculos começaram: dançarinos de todos os países se sucediam a estranhos jogos e aos divertimentos mais refinados.

Tudo, até o mínimo detalhe, era só esplendor. E todos os convidados admiravam fascinados e proclamavam a magnificência do rei.

Entretanto, apesar da primorosa organização da festa, os convidados começaram a perceber que a arte da mesa não estava representada em parte alguma.

Não se podia encontrar nada para acalmar a fome que todos sentiam mais duramente à medida que as horas passavam.

Essa falta logo se tornou incontornável.

Jamais naquele palácio nem em todo o país aquilo havia acontecido.

A festa não parava de esforçar-se para atingir o auge, oferecendo ao público uma profusão de músicos maravilhosos e excelentes dançarinos.

Pouco a pouco o mal-estar dos espectadores se transformou numa surda mas visível contrariedade.

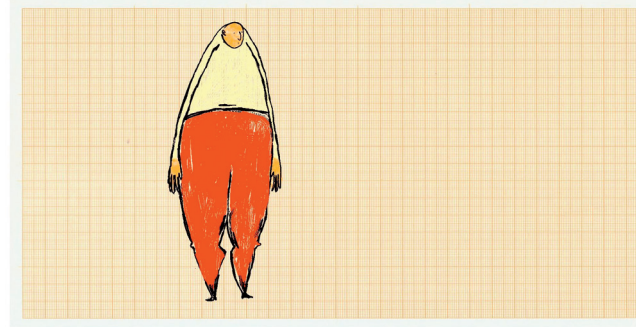
Ninguém no entanto ousava elevar a voz diante de um rei tão notável.

Os cantos continuaram por horas e horas. Depois foram distribuídos presentes, mas nenhum deles era comestível.

Finalmente, quando a situação se tornou insustentável, e a fome intolerável, o rei convidou seus hóspedes a passarem para a uma sala especial, onde uma refeição os aguardava.

Ninguém se fez esperar. Todos, como um conjunto harmonioso, correram em direção ao delicioso aroma de uma sopa que estava num enorme caldeirão no centro da mesa.

Os convidados quiseram servir-se, mas grande foi sua surpresa ao descobrirem, no caldeirão, enormes colheres de metal, com mais de



13

um metro de comprimento. E nenhum prato, nenhuma tigela, nenhuma colher de formato mais acessível.

Houve tentativas, mas só provocaram gritos de dor e decepção. Os cabos desmesurados não permitiam que o braço levasse à boca a beberagem suculenta, porque não se podiam segurar as escaldantes colheres a não ser por uma pequena haste de madeira em suas extremidades.

Desesperados, todos tentavam comer, sem resultado. Até que um dos convidados, mais esperto ou mais esfaimado, encontrou a solução: sempre segurando a colher pela haste situada em sua extremidade, levou-a à ... boca de seu vizinho, que pôde comer à vontade.

Todos o imitaram e se saciaram, compreendendo enfim que a única forma de alimentar-se, naquele palácio magnífico, era um servindo o outro. [23]

RESUMO

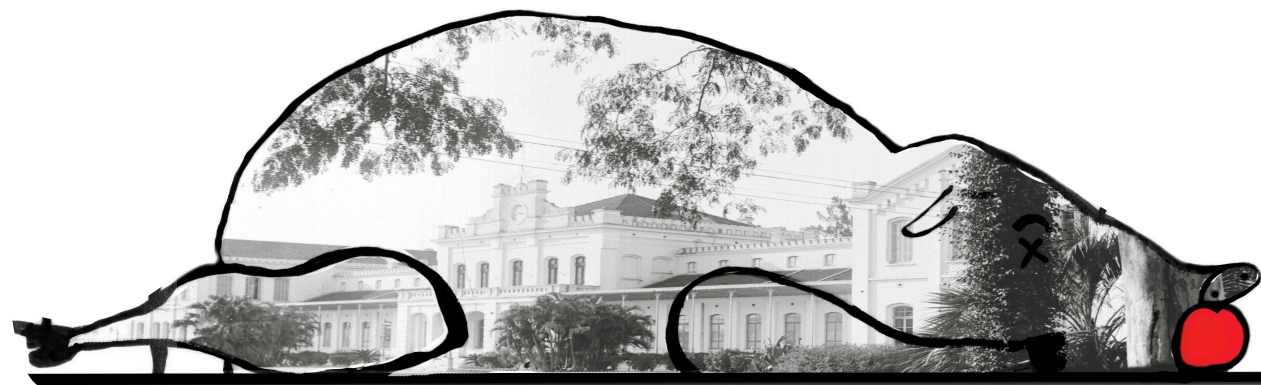
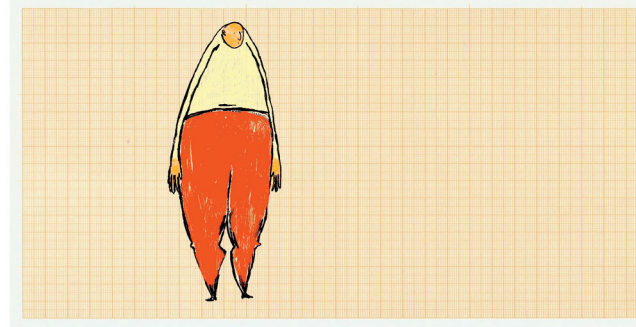
14

– Werner, reparei nestes quadros do lago Ness na parede.

– Sim, é meu próximo projeto, um documentário, vai chamar-se “O Enigma do Lago Ness”. E, claro, há aqui algumas das famosas fotografias de Nessie, o monstro. Claro, vê-se que é tudo mentira (...) vê-se claramente que Nessie é uma pura invenção de nossa fantasia. E eu gosto ainda mais do que do verdadeiro monstro, que acontece só nos nossos sonhos e pesadelos coletivos. Eu continuo a perguntar-me por que é que tantos americanos foram raptados por aliens. Não só se encontraram com aliens como também foram raptados. Quando se faz uma análise, a grande maioria deles são mulheres muito obesas que não só foram raptadas, mas também violadas por aliens. Eu mantenho-me fazendo a mesma pergunta: Por que? Por que nós nunca vimos qualquer mulher ser raptada na Etiópia? Ou, por que nós nunca vimos ninguém raptado em Bangladesh ou Nigéria? De forma que vou me centrar nisso nesse documentário. Sempre estive interessado na diferença entre fato e verdade. E sempre senti que há algo como uma verdade mais profunda. Existe em cinema, e eu chamar-lhe-ia de “a verdade extasiada”. É de alguma maneira a mesma coisa com poesia. Quando você lê um grande poema, sabe imediatamente no teu coração, no teu íntimo, que há uma verdade funda, inerente, uma verdade extasiada. Assim, existe um êxtase naqueles que foram raptados e tem aver com os nossos desejos coletivos, com os nossos sonhos coletivos, e é uma transposição estranha, ainda não o compreendo totalmente, mas estou tentando encontrar os verdadeiros dementes lá fora.

Incidente no Lago Ness [61]

15



APRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS

16

Aborígene

Reivindica a conservação da terra australiana comprada por uma multinacional, por nesta sonharem as formigas verdes. Tem total consciência da decadência e ausência de espiritualidade da civilização moderna.

Aldous Huxley

Um dos mais proeminentes membros da família Huxley. Passou parte da sua vida nos Estados Unidos, e viveu em Los Angeles a partir de 1937. Foi um entusiasta do uso responsável do LSD como catalisador dos processos mentais do indivíduo, em busca do ápice da condição humana e de maior desenvolvimento das suas potencialidades.

Alexandre Koiré

É um homem de história curiosa, sem dúvida. De soldado a filósofo da religião, de filósofo da religião a historiador da ciência. Mesmo trilhando caminhos tão “divergentes” por assim dizer, é impossível separar a história da ciência de Koyré.

Almir Ferreira da Silva Jr.

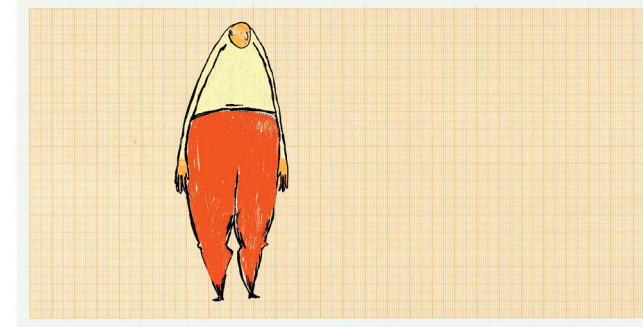
Professor Dr. da Universidade Federal do Maranhão. Suas principais linhas de atuação são estética e hermenêutica, políticas educacionais e tradições e novas tecnologias no ensino aprendizagem.

André Breton

Nasceu em 19 de fevereiro de 1896, escritor, francês, poeta e teórico do surrealismo. Acredita que em primeiro lugar é o universo que deve ser interrogado sobre o homem e não o homem sobre o universo.

Andrei Tarkovski

Filho do poeta russo Arseni Tarkovski, autor de muitos dos poemas recitados em seus filmes, nasceu em 1932. Tendo se formado em



17

Geologia, abandona a profissão para se dedicar ao cinema, iniciando sua carreira ao entrar no Instituto Central de Cinema da URSS (VGIK) em 1956. Solaris e Stalker, dirigidos por ele, são dois dos filmes mais incríveis já realizados.

Anne Cauquelin

Filósofa, romancista, ensaísta e pintora francesa. É editora da revista New estética, professora de filosofia na Universidade de Paris e na Universidade de Picardie. Sua investigação centra-se na cidade, urbanismo, e arte contemporânea, sob uma perspectiva epistemológica.

Antônio Almeida

Membro da comissão de coordenação do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (USP). Integrante da comissão de coordenação do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos (DIVERSITAS) da FFLCH USP. Membro titular da Comissão de Pós-Graduação Interunidades em Ecologia Aplicada - CENA - ESALQ/ USP. Professor Associado do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP. Doutor em Sociologia pela FFLCH - USP. Pesquisador visitante da Faculty of Management da McGill University, em Montreal e do Communication Department da University of Massachusetts - Amherst. Atualmente, realiza pesquisas sobre mídia e ambiente; bullying, trote universitário e assédio moral. Tem estudado a língua alemã e é absolutamente contrário à implantação de chips em automóveis.

Arlindo Machado

Doutor em comunicações e professor do programa de pós-graduação em comunicação e semiótica da PUC/SP e do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA/USP. Seu campo de pesquisas



abrange o universo das chamadas "imagens técnicas", ou seja, daquelas imagens produzidas por meio de mediações tecnológicas diversas, tais como a fotografia, o cinema, o vídeo e as atuais mídias digitais e telemáticas.

Atreyu

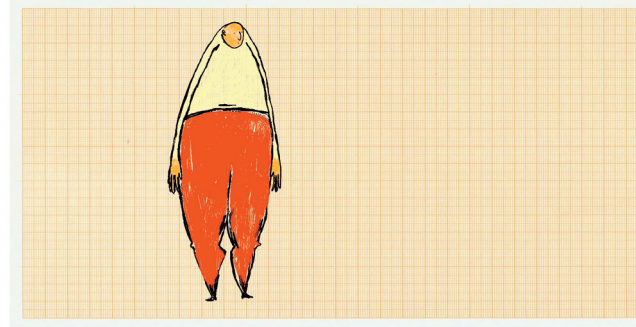
Jovem e corajoso guerreiro pele-verde de Fantasia. Seus pais foram mortos por um búfalo logo após o seu nascimento. Criado por toda a comunidade, seu nome significa "Filho de todos". Se tornou um exímio arqueiro e caçador.

Boaventura de Sousa Santos

Professor Catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra; Coordenador Científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa. Dirige o projeto de investigação ALICE - Espelhos estranhos, lições imprevistas: definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências do mundo. É bem humorado, bastante otimista e usa um óculos que possui aros bem grandes.

Bronowski

Nasceu na Polônia em 1908 e cresceu na Inglaterra onde ocupou diversos cargos governamentais durante a Segunda Guerra Mundial. Após o termino do conflito, mudou-se para os Estados Unidos, onde trabalhou para a Unesco e lecionou no Massachusetts Institut of Technology – MIT – e no instituto Salk da Califórnia. Matemático, filósofo, linguista, professor e personalidade da TV, possui uma numerosa obra publicada.



Cacique do Chaco Paraguaio

Possui total consciência da decadência e ausência de finalidade da ciência moderna.

Charles Kiefer

Atualmente é professor e orientador de oficinas literárias particulares.

Cornelius Castoriadis

Único grego deste banquete. Em Atenas, estudou direito, economia e filosofia. Foi para França em 1945, fugindo do regime ditatorial grego. Em 1946 fundou a revista Socialismo e Barbárie.

D'arcy Thompson

Biólogo e matemático, estudou os papéis da física e da mecânica no desenvolvimento dos organismos.

Dr. Zaius

Orangotango, Ministro da Ciência no Planeta dos Macacos.

Dra. Zira

Chimpanzé, psicóloga e veterinária especializada em humanos.

Edgar Morin

Nasceu em Paris, em 8 de julho de 1921. Sociólogo e filósofo francês, pesquisador emérito do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique). Formado em Direito, História e Geografia, realizou estudos em Filosofia, Sociologia e Epistemologia. É considerado um dos principais pensadores sobre a complexidade. Autor de mais de trinta livros. Durante a Segunda Guerra Mundial, participou da

Resistência Francesa. É considerado um dos pensadores mais importantes do século XX e XXI. Acredita que a fonte da juventude é o amor.

Eduardo Galeano

Nasceu em 3 de setembro de 1940, em Montevideu. Na infância, tinha o sonho de tornar-se jogador de futebol. Na adolescência, trabalhou como pintor de letreiros, mensageiro, datilógrafo e caixa de banco. Aos 14, vendeu sua primeira charge política para o jornal El Sol, do Partido Socialista. Jamais deixou de produzir trabalhos de caráter político, mantendo a ternura.

Eliana Stort

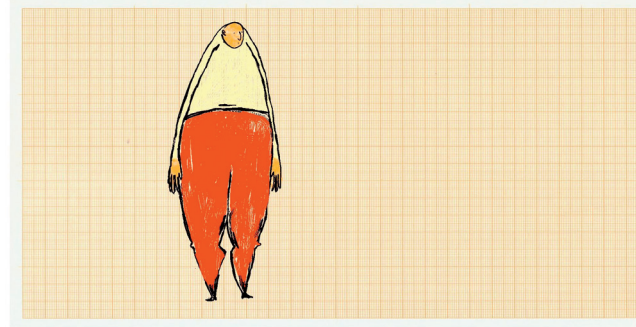
Mestre em educação pela Universidade Estadual de Campinas.

Enrique Leff

Conhecido no Brasil como professor do Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná, é economista mexicano, doutor em Economia do Desenvolvimento pela Sorbonne (1975), professor de Ecologia Política e Políticas Ambientais na Pós-Graduação da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) e, desde 1986, coordenador da Rede de Formação Ambiental para a América Latina e Caribe do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA).

Frans Krajcberg

Nascido na Polônia, chegou ao Brasil em 1948, procurando reconstruir sua vida, após perder toda a família em um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Com formação em engenharia e artes, realizada em Leningrado, sua carreira artística inicia-se no



Brasil. Ao longo de sua carreira, mantém-se fiel a uma concepção de arte relacionada diretamente à pesquisa e utilização de elementos da natureza. A paisagem brasileira, em especial a floresta amazônica, e a defesa do meio ambiente marcam toda a sua obra.

Gaston Bachelard

Nasceu em 27 de junho de 1884, em Bar-sur-Aube, França. Sua obra pode ser dividida, ainda que de forma didática, em duas: a obra diurna e a obra noturna, como o próprio autor expressa no seguinte trecho da obra Poética do Espaço: "Demasiadamente tarde, conheci a boa consciência, no trabalho alternado das imagens e dos conceitos, duas boas consciências, que seria a do pleno dia e a que aceita o lado noturno da alma".

Geólogo

Encarregado de tocar um grande empreendimento de uma multinacional em solo australiano, deve lidar com a população local que reivindica a conservação da terra, por nesta sonharem as formigas verdes.

Guimarães Rosa

Escritor mineiro, nascido na cidade do coração (Cordisburgo – MG). Dizem que possuía uma biblioteca de misticismo em sua casa e que adorava gatos. Quase de nada sabia, mas desconfiava de muita coisa. Escreveu o romance mais bonito do século XX, Grande Sertão: Veredas.

Guy de Maupassant

Nasceu em agosto de 1850. Escritor e poeta francês com predileção para situações psicológicas e de crítica social com técnica naturalista. Foi amigo de Gustave Flaubert. Além de romances e peças de teatro, Maupassant escreveu 300 contos, todos obras de grande valor.



22

Ao longo de sua vida, sofreu grandes perturbações e passou por alguns manicômios.

Hans Hacke

Artista alemão instalado desde 1965 nos Estados Unidos, pertence a uma geração de artistas que de modos muito diferenciados traçam "o processo pelo qual o esforço industrial é transformado em ilusão (a retórica publicitária) e o esforço artístico em mercadoria, um gratificando o outro".

Hans-Georg Gadamer

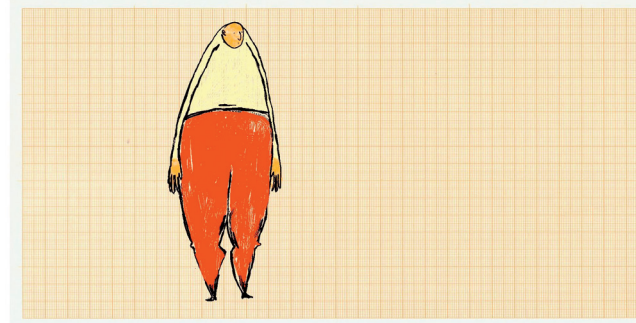
Nasceu em Marburg, Alemanha, em 11 de Fevereiro de 1900. Filósofo considerado como um dos maiores expoentes da hermenêutica filosófica. Sua obra de maior impacto foi Verdade e Método (Wahrheit und Methode), de 1960.

Werner Herzog

Melhor cineasta do mundo, bem afeiçoado. Seus filmes discutem diversas questões antropológicas; o colonialismo, a relação entre o Homem e a natureza, a relação entre ficção e verdade, o imaginário e o encantamento.

Hugo Fortes

É professor doutor na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Possui Doutorado em Artes pela ECA-USP (com doutorado sandwich de dois anos na Alemanha), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2000) e graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade de São Paulo (1989). Em 2007 foi vencedor do Prêmio CAPES de Tese, com o trabalho "Poéticas Líquidas: a água na arte contemporânea", considerada a melhor tese de doutorado em nível



23

nacional na categoria Artes/Música. Foi bolsista de doutorado durante dois anos em Berlim, na Alemanha, onde atuou como docente convidado na Universität der Künste Berlin (Universidade das Artes de Berlim).

Humberto R. M. Navarro

Licenciado em filosofia com especialização em ciências sociais pelo Instituto Libre de Filosofia y Ciencias A.C – Guadalajara, Jalisco.

Ilya Prigogine

Nasceu em Moscou no dia 25 de Janeiro de 1917, tornou-se químico e foi naturalizado belga. Recebeu o Nobel de Química em 1977, pelos seus estudos em termodinâmica de processos irreversíveis com a formulação da teoria das estruturas dissipativas. Foi professor da Universidade Livre de Bruxelas e da Universidade do Texas, Austin, onde, em 1967, foi co-fundador do atual Centro Para Sistemas Quânticos Complexos.

Immanuel Wallerstein

Nasceu em Nova Iorque, em 28 de Setembro de 1930. Sociólogo estadunidense, mais conhecido pela sua contribuição fundadora para a teoria do sistema-mundo. Interessou-se pela política internacional quando ainda era adolescente, se encantando com a atuação do movimento anti-colonialista na Índia.

Imperatriz Criança

Possui muitos nomes. Aparentemente jovem, existe desde sempre. Não faz distinção entre o Bem e o Mal. Mora no coração de Fantasia, no Palácio de Cristal.

Jean Baudrillard

Sociólogo, poeta e fotógrafo, nasceu em Reims, nordeste da França, em 27 de julho de 1929. Tornou-se o primeiro de sua família a cursar uma universidade quando se mudou para Paris para assistir as aulas na Sorbonne. Extremamente reservado, este personagem polêmico desenvolve uma série de teorias que remetem ao estudo dos impactos da comunicação e das mídias na sociedade e na cultura contemporâneas.

Jean Clottes

Nasceu em 1933, é um pré-historiador francês, especialista do Paleolítico Superior e da arte rupestre (ou, como gosta de dizer, da arte parietal).

Jean Ladrière

De origem armênia, nasceu em Nivelles, para onde voltou quando se tornou professor emérito da Universidade Católica de Louvain. No centro da sua obra, está a relação entre a fé e a razão. Tanto no plano intelectual quanto no humano, ele foi um dos professores universitários belgas mais respeitados do século XX.

Jean Paul Sartre

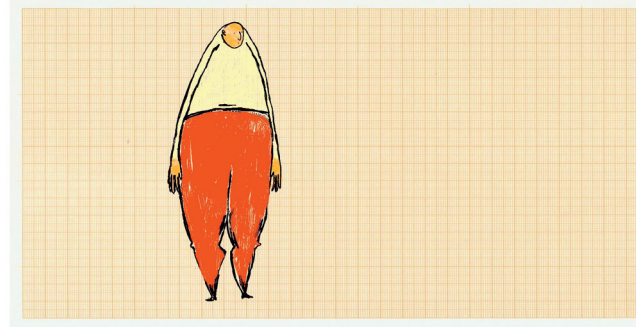
Manteve com Simone de Beauvoir uma relação polêmica e fecunda, que lhes permitiu compatibilizar suas liberdades individuais com sua vida em conjunto.

John Bailey

Produtor do fictício documentário Incidente no Lago Ness.

Jorge Larrosa Bondia

É professor da Universidade de Barcelona e doutor em Filosofia da Educação. Com diversos livros publicados, realizou estudos de pós-



doutorado no Instituto da Educação na Universidade de Londres e no Centro Michel Foucault, da Sorbonne, em Paris. Defende que as instituições e procedimentos educativos sejam menos padronizados e lidem melhor com o imprevisível, que a educação seja um lugar de recomeço do mundo e de refúgio da infância, um momento de acolher as crianças e iniciá-las na relação com o mundo. A educação possui, a seu ver, relação com o amor e responsabilidade. É o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumir a responsabilidade por ele e o renovamos com a chegada dos mais novos.

Judith Butler

Filósofa norte-americana, pretende historicizar o corpo e o sexo, dissolvendo a dicotomia sexo x gênero, que fornece às feministas possibilidades limitadas de problematização da “natureza biológica” de homens e de mulheres. Para Butler, em nossa sociedade estamos diante de uma “ordem compulsória” que exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática que são obrigatoriamente heterossexuais.

Steven Weinberg:

Em 1991, foi agraciado com a Medalha Nacional de Ciências. Seu livro Os primeiros três minutos é um relato clássico do big-bang. É membro da Royal Society of London, da Academia Nacional de Ciências, e recebeu numerosos títulos honorários.

Lais Mourão Sá

Possui graduação em Sociologia e Política pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutorado em Antropologia pela Universidade de Brasília e pós-doutorado em Ciências

Sociais e Meio Ambiente pela Universidade de Campinas. Atualmente é professora adjunta da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Meio Ambiente, com ênfase em Educação e Gestão Ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: paradigma da complexidade, ecologia humana, educação do campo, educação e gestão ambiental.

Lewis Mumford

Nasceu em Nova York. Estudou no City College nova-iorquino e na New School for Social Research. Colaborou em publicações e seus primeiros textos publicados, tanto em jornais quanto em livros, firmaram sua reputação como escritor interessado pelas questões urbanas. Sempre situou seus comentários num contexto amplo, que incluía a literatura, a arte e a ação comunitária como meio para aprimorar a qualidade de vida. Em outras obras (1934-1941), Mumford advertiu que a sociedade tecnológica deveria entrar em harmonia com o desenvolvimento pessoal e as aspirações culturais regionais.

Livia

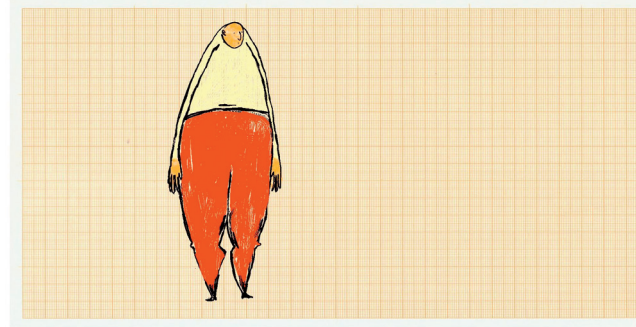
Quando criança,
Caminhava com os braços balançando
Queria que a ribeira fosse um rio,
O rio uma torrente
E uma poça d'água, o mar...

Maestro

Regente da orquestra do filme Fantasia.

Manoel de Barros

Vem de Cuiabá de garimpos e de ruelas entortadas. Seu pai teve uma venda no Beco da Marinha, onde nasceu. Se criou no Pantanal de



Corumbá entre bichos do chão, aves, pessoas humildes, árvores e rios. Aprecia viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos. Já publicou 10 livros de poesia: ao publicá-los sente-se meio desonrado e foge para o Pantanal onde é abençoado a garças. Procurou a vida inteira e não se achou — pelo que foi salvo. Não está na sarjeta porque herdou uma fazenda de gado. Os bois lhe recriam. Agora é tão ocaso! Está na categoria de sofrer da moral porque só faz coisas inúteis. No seu morrer tem uma dor de árvore.

Marcel Mauss

Sociólogo e antropólogo, foi marcante na sociologia e na antropologia social contemporânea e considerado como o pai da antropologia francesa. Sobrinho de Émile Durkheim e nasceu quatorze anos mais tarde e na mesma cidade, estudou com o tio e foi seu assistente, e tornou-se professor de religião primitiva (1902) na École Pratique des Hautes Études, em Paris.

Mariana Serri

Excepcional artista mineira, canceriana com ascendente em touro, bastante boêmia, sensível e em alguns momentos, bastante generosa. Apaixonada por Duke Ellington e Werner Herzog. Atualmente, além de dedicar-se a sua lapidada produção plástica, trabalha em um prédio rosa enorme.

Matty Cropton

Ilustradora, muito sábia e perspicaz. Muito curiosa da vida dos insetos. Grande amiga de William Adamson.

Mauricio Adinolfi

Artista plástico paulista para o qual poesia e pulsão o levaram a estudar filosofia. A reflexão sobre o mundo, sobre “ser” sempre acom-

panharam as descobertas que fez das coisas; e as experiências no litoral santista, a Serra do Mar, o vento, a água, o porto, tudo foi se tornando parte de seu ser.

Michel Foucault

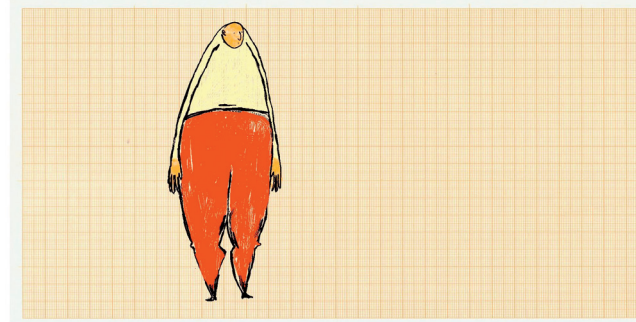
Professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France. Todo o seu trabalho foi desenvolvido em uma arqueologia do saber filosófico, da experiência literária e da análise do discurso. Seu trabalho também se concentrou sobre a relação entre poder e governamentalidade e das práticas de subjetivação. Nas suas palavras, "Trata-se (...) de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassam as regras de direito que o organizam e delimitam (...) Em outras palavras, captar o poder na extremidade de cada vez menos jurídica de seu exercício".

Michel Ribon

Filósofo especializado na área de Estética e Filosofia da Arte. Seus temas incluem: a interação da arte e da natureza, a feiúra na arte-feiúra, no trabalho criativo e sua transfiguração, evocação e representação do tempo, a catástrofe na pintura, literatura e música na era da modernidade, relações entre arte e sociedade, bem como o apagamento da arte contemporânea e da literatura. Tem refletido intensamente sobre tudo o que faz uma obra de arte, o seu tom e estilo, a sua visão, respiração e inspiração, explorado os temas fundamentais e questões que estimulam cada reflexão sobre a arte.

Monique Wittig

Nasceu em 13 de julho de 1935, na França. Controvertida escritora teórica do feminismo, particularmente interessada em superar a noção de gênero e o contrato heterossexual.



Neil Postman

Professor de media ecology e diretor do departamento de cultura e comunicação da universidade de Nova Iorque. Começou a sua carreira acadêmica no campo da literatura inglesa, passando depois pela linguística. De escrita muito clara, é uma das personalidades mais ouvidas na área da crítica da cultura e da comunicação.

Pablo Picasso

Nasceu na cidade de Málaga, em Andaluzia, região da Espanha, e recebeu o nome completo de Pablo Diego José Francisco de Paula Juan Nepomuceno María de los Remedios Cipriano de la Santísima Trinidad Ruiz y Picasso. Em torno do seu nascimento surgiram várias lendas. Segundo uma delas, Pablo nasceu morto e a parteira dedicou a sua atenção à mãe acamada. Só o médico, Don Salvador, o salvou de uma morte por asfixia soprando-lhe fumo de um charuto na face. O fumo fez com que Picasso começasse a chorar.

Pai de Pawel

Cresceu em uma família católica, mas percebeu muito cedo que as coisas podiam ser contadas e medidas e começou a pensar que tudo podia sê-lo. Às vezes duvida disso, mas não assume.

Paul Feyerabend

Nasceu em Viena no dia 13 de janeiro de 1924. Filósofo da ciência, viveu em diversos países como Reino Unido, Estados Unidos, Nova Zelândia, Itália e Suíça. Seus maiores trabalhos são *Against Method* (publicado em 1975), *Science in a Free Society* (publicado em 1978) e *Farewell to Reason* (uma coleção de artigos publicados em 1987). Feyerabend tornou-se famoso pela sua visão anarquista da ciência e por sua suposta rejeição da existência de regras metodológicas universais. É uma figura

influente na filosofia da ciência, e também na sociologia do conhecimento científico.

Paula Sibilía

Argentina, de cabelos longos e encaracolados, é graduada em Antropologia e em Ciências da Comunicação pela Universidade de Buenos Aires (UBA) e mestre em Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, é doutoranda em Comunicação e Cultura na UFRJ e professora no Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF). É autora do livro *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*.

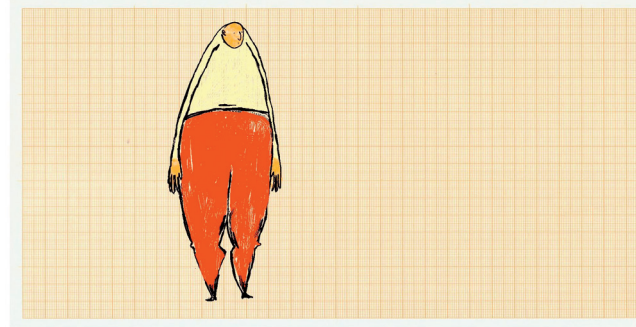
Pina Baush

Linda, coreógrafa, dançarina, pedagoga de dança e diretora de balé, alemã. Suas coreografias eram baseadas nas experiências de vida dos bailarinos e feitas conjuntamente, várias delas são relacionadas a cidades de todo o mundo. Entre os seus temas recorrentes estão as interações entre masculino e feminino.

Proust

Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust foi um importante escritor e poeta francês. Nasceu na cidade de Paris em 10 de julho de 1871 e faleceu na mesma cidade em 18 de novembro de 1922. A obra mais conhecida de Proust foi *Em busca do tempo perdido*, um conjunto de sete novelas, considerada uma das grandes obras da literatura do século XX.

René Guénon



De discurso bastante enfático e rosto simpático, viveu no Cairo a partir de 1930, onde praticou o Islamismo como sua religião pessoal e onde era conhecido como 'Abd al-Wahid Yahya. Ao lado da prática do esoterismo islâmico, ou Sufismo, Guénon prosseguiu expondo a doutrina da universalidade da verdade, como se pode verificar em livros como "Símbolos Fundamentais da Ciência Sagrada" e "O Reino da Quantidade e os Sinais dos tempos". Quando mal compreendido, é considerado um teórico da direita conservadora.

Roland Barthes

Nasceu em Cherbourg, na França, em 1915. Sua carreira intelectual foi atípica. Tendo sofrido de tuberculose com várias recaídas, começou sua carreira como professor no estrangeiro e passou parte do tempo da Segunda Guerra em sanatórios. Tendo como inimigos o senso comum, a arrogância intelectual, o dogmatismo científico ou político e, como objetivos a alcançar, a "palavra calma", a prática do Neutro (tema de outro curso) e o prazer do texto. Escreveu um dos livros mais bonitos do mundo, *Fragmentos de um discurso amoroso*.

Samuel Napolitano

Cursou filosofia na Universidade de São Paulo e mestrado na Faculdade de Educação nesta mesma instituição. Desenvolve a arte de contar histórias desde 1984 e, fisicamente, lembra bastante o George Harinsson.

Simone de Beauvoir

Sempre esteve consciente de que seu pai esperava ter um filho, ao invés de duas filhas. Ela diz que ele costumava afirmar: "Simone pensa como um homem!" o que a agradava muito. Desde a pouca idade Beauvoir distinguiu-se nos estudos. Foi uma escritora, filósofa existencialista e feminista francesa.

Sylvia Leite

Jornalista graduada pela Unit – Universidade Tiradentes - (Sergipe) e doutora em Letras (Língua, Literatura e Cultura Árabe) pela USP. Costuma viajar por terrenos como a cosmologia, a matemática e a língua árabe. Seu objetivo é mostrar que a arte geométrica do Islã é mística, sensual e traduz outros mundos neste mundo. A autora tece formas originais de interpretar a tradição, compreendida aqui como um contra-espelho daquilo que se convencionou chamar de modernidade.

Tami Buzait

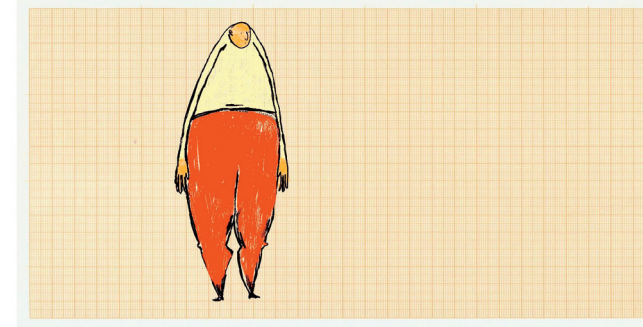
Filósofa, feminista e mística. Não consegue acordar cedo e sabe que tem um talento musical extraordinário.

Ulisse Aldrovandi

De origem nobre, a sua família queria que fosse aprendiz de mercador, mas encontrou a sua vocação no estudo das humanidades e do direito nas universidades de Bolonha e Pádua, e tornou-se notório. Posteriormente, os seus interesses voltaram-se para a filosofia e lógica, que combinou com o estudo da medicina. Acusado de heresia em 1549, foi levado para Roma para ser julgado. Enquanto permanecia em semicativeiro nessa cidade, foi se interessando cada vez mais pela botânica, zoologia e geologia.

William Adamson

Naturalista que, depois de anos pesquisando na selva amazônica, retorna à Inglaterra e casa-se com Eugenia, filha mais velha de uma família aristocrática. Ao empregar seu tempo livre na observação de insetos, encontra no comportamento das formigas um espelho para as terríveis relações de poder em que se encontrava imerso.



William Burroughs

Grande parte de sua obra, de atmosfera fantástica e grotesca, tem caráter autobiográfico. Apesar de fazer parte da chamada geração beat, seus livros têm pouco em comum com o restante desses autores, já que a linguagem utilizada provém de fluxos de consciência durante o uso de alucinógenos. Foi um dos pioneiros da literatura experimental, tanto no universo léxico escatológico, urbano, comum e absurdo como no consumo de drogas para produção subjetiva de textos. Já velho, escreveu um lindo e pequeno livro sobre como o convívio com gatos, com os quais mantêm uma relação psíquica, o colocou em contato com seu verdadeiro eu.

Win Wenders

Quando jovem, foi gravurista no estúdio de Johnny Friedlander, um artista norte-americano, em Montparnasse. Durante este tempo ficou fascinado pelo cinema, e assistia a até cinco filmes por dia na sala de cinema local. Tornou-se cineasta e dirigiu um dos melhores filmes da história, Asas do desejo, que ganhou uma versão americana lamentável.

Wolfgang Tillmans

Desde criança, sempre foi um aficionado pelas estrelas e pela organização científica do universo. Graças à observação dos astros por telescópio, ele desenvolveu um conhecimento astronômico considerável para um diletante. Sua prática fotográfica surgiu como um desenvolvimento dessa paixão pelas lentes como meio de captação da luz, seja das estrelas, seja das imagens. Essa visão científica não se converteu, no entanto, em uma maneira estanque de ver o mundo. Tillmans absorve a heterogeneidade contemporânea compondo panoramas belos e sem sentido, como uma representação de um universo que já não se explica matematicamente.

Iº ATO

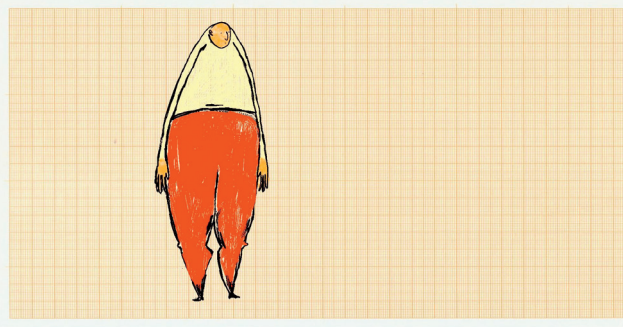
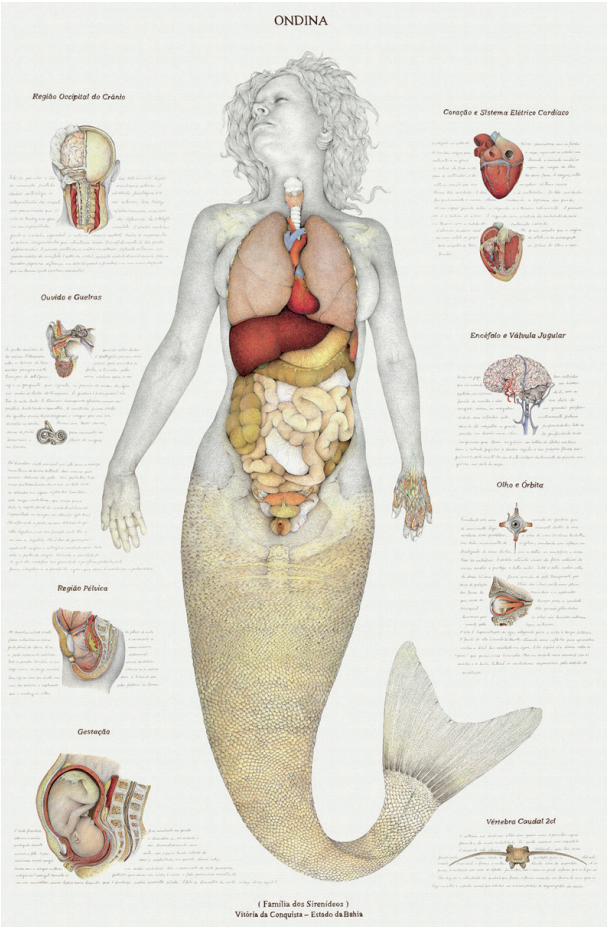
A CIÊNCIA COMO UM DISCURSO FANTÁSTICO

34

“O nome desse livro justificaria a inclusão do Príncipe Hamlet, do ponto, do traço, da superfície, do hipercubo, de todas as palavras genéricas e, talvez, de cada um de nós e da divindade.”

O livro dos seres imaginários – Jorge Luiz Borges [10]

Walmor Corrêa. Ondina. Da série Unheimlich, Imaginário Popular Brasileiro. Acrílica e grafite sobre tela. 2005. [54]



35

Entrada: Na qual todos os convidados passam a desconfiar da veracidade absoluta do discurso científico.

Livia da as boas vindas e agradece a presença de todos. Indica a saída de emergência, deixa os convidados à vontade para fumar dentro de casa e conta um conto:

El Banquete del Mago

Había una vez un mago que construyó una casa cerca de una aldea grande y próspera.

Un día invitó a toda la gente de la aldea a un banquete.

- “Antes de que comamos -dijo- tenemos algunas diversiones”.

Todo el mundo se alegró, y el mago les proporcionó un espectáculo de magia de primera clase, con conejos saliendo de sombreros, banderas apareciendo de la nada y cosas que se convertían en otras. La gente estaba encantada.

Entonces el mago preguntó:

- “¿Quieren comer ahora, o desean más entretenimiento?”

Todo el mundo pidió entretenimiento, porque nunca habían visto nada igual: en casa podía haber comida pero nunca tanta emoción.

De modo que el mago se transformó en paloma, luego en halcón, y finalmente en dragón. La gente se volvió salvaje de excitación.

El mago les preguntó de nuevo, ellos querían más... Y lo tuvieron.

Entonces les preguntó si querían comer, y le dijeron que sí.

De modo que el mago hizo que se sintieran como si estuviesen comiendo, dirigiendo su atención por medio de ciertos trucos, mediante sus poderes mágicos.

La comida imaginaria y el entretenimiento duraron toda la noche.

Cuando llegó el amanecer, algunas de las personas dijeron:

- “Debemos ir a trabajar”.



De modo que el mago hizo que imaginaran que iban a casa, que se preparaban para el trabajo, y que trabajaban todo el día.

Cuando alguien decía que debía hacer algo, el mago le hacía pensar primero que iba a hacerlo, luego que lo había hecho y, por último, que había regresado a la casa del mago.

Finalmente, el mago había tejido tales hechizos con la gente de la aldea que sólo trabajaban para él, mientras pensaban que continuaban con sus vidas ordinarias. Si alguna vez se sentían intranquilos, les hacía pensar que estaban de regreso al banquete en su casa, y eso les daba placer y les hacía olvidar.

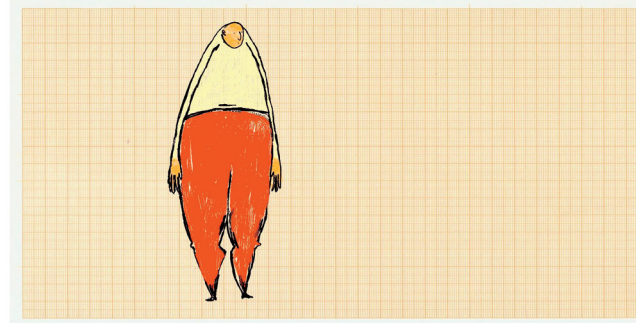
- “Y ¿qué ocurrió con toda esa gente?”

- “Bueno, eso no se los puedo decir, porque el mago aún está muy ocupado con sus hechizos e ilusiones, y muchas de aquellas personas continúan bajo su poder”. [45]

O Banquete do mago é um conto da Tradição Sufi e, com certeza, possui uma série de camadas de interpretação, muitas das quais eu ainda não tenho e muito provavelmente jamais terei acesso e compreensão. Assim, embora a utilização que faço desta história seja aqui um tanto quanto superficial, achei pertinente nesta situação porque, como um aperitivo que intriga o nosso paladar para aquilo que há de vir, ela nos remete a uma condição na qual o que se coloca é uma cadeia de ilusões, onde se tornam aparentemente reais concepções imaginárias, o que, na minha opinião, consiste no “mecanismo chave” das ciências modernas.

Boaventura de Sousa Santos (abrangendo e esclarecendo o raciocínio que Livia acabara de colocar):

- O pensamento ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. [41]



Livia:

- Mas este não seria o mecanismo de pensamento de qualquer cultura?

Anne Cauquelin:

-Coisa curiosa: quando se trata de culturas estrangeiras, imaginamos facilmente a relação entre os espaços apresentados e os modos de vida, os usos, as “maneiras” de ver e os modos de dizer, de tal forma que chegamos a perceber uma espécie de tecido inconsútil, sem dentro nem fora, em uma única peça. Mas para nós, em nossa própria cultura, temos grande dificuldade de imaginar que nossa relação com o mundo (com a realidade, diga-se) possa depender de um tecido tal que as propriedades atribuídas ao campo espacial por um artifício de expressão – qualquer que seja ele – condicionem a percepção do real. [17]

Eliana Stort:

- O fato de ser aberto ao mundo faz com que o homem seja um construtor do mundo, segundo seu próprio modelo. “Seu mundo é a exteriorização de seus valores e aspirações, a encarnação de sua intenção, a objetivação de seu espírito” (Rubem Alves). (...) A realidade em si mesma não revela suas próprias possibilidades; são as aspirações e os desejos do homem que as extraem dela. [47]

William Adamson:

- Também podemos ressaltar que a atitude do estudioso humano é com frequência afetada por aquilo em que ele deseja acreditar, por sua atitude perante a criação em geral, ou seja, por uma tendência muito disseminada de ver qualquer coisa, viva ou inanimada, em termos antropomórficos. Meditamos sobre a utilidade dos outros seres vivos para a

humanidade. Pois um dos usos que deles fazemos é tentar considerá-los como espelhos mágicos para tentar refletir nossas próprias faces, com alguma diferença. Procuramos em suas sociedades analogias com a nossa, estruturas de comando e uma linguagem para a comunicação. No passado, julgava-se que tanto formigas quanto abelhas teriam reis, generais e exércitos. Sabemos hoje que não é bem isso, e descrevemos as formigas operárias fêmeas como escravas, amas, freiras ou obreiras, conforme nossa escolha. [14]

Eliana Stort:

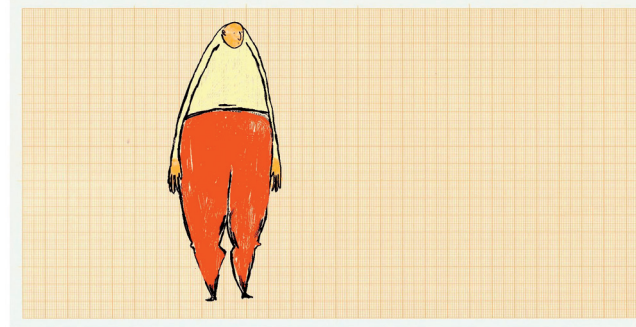
- No Homem, a natureza pede um sentido. O mundo do Homem é a exteriorização de seus valores. [47]

Boaventura de Sousa Santos:

- O etnocentrismo ocidental (...) desdobra-se em androcentrismo nas suas concepções sobre as relações entre os sexos. O reino animal está cheio de machos avidamente promíscuos em perseguição de fêmeas que se mantêm passivas, languidas e expectantes até escolherem um parceiro, o mais forte ou o mais bonito. Este sexismo científico prolonga-se na sociobiologia, sobretudo nas explicações dadas para as assimetrias entre os sexos. [42]

Simone de Beauvoir:

- A palavra fêmea sugere-lhe uma chusma de imagens: um enorme óvulo redondo abocanha e castra o ágil espermatozoide; monstruosa e empanturrada, a rainha das térmitas reina sobre os machos escravizados; a fêmea do louva-deus e a aranha, fartas de amor, matam o parceiro e o devoram; a cadela no cio erra pelas vielas, deixando atrás de si um rastro de odores perversos; a macaca exhibe-se impudentemente e se recusa



com faceirice hipócrita; as mais soberbas feras, a tigresa, a leoa, a pantera, deitam-se servilmente para a imperial posse do macho. Inerte, impaciente, matreira, estúpida, insensível, lubrica, feroz, humilhada, o homem projeta na mulher todas as fêmeas ao mesmo tempo. [8]

Lívia

– E, nas fêmeas, projeta todas as suas mulheres.

Judith Butler:

- As pressuposições culturais sobre o status relativo de homens e mulheres e sobre a relação binária do gênero estruturam e orientam as pesquisas sobre determinação sexual. A tarefa de distinguir sexo de gênero torna-se difícil uma vez que compreendamos que os significados com marca de gênero estruturam a hipótese e o raciocínio das pesquisas biomédicas que buscam estabelecer o “sexo” para nós como se fosse anterior aos significados culturais que adquire. A tarefa torna-se certamente ainda mais complicada quando entendemos que a linguagem da biologia participa de outras linguagens, reproduzindo essa sedimentação cultural nos objetos que se propõe a descobrir e descrever de maneira neutra. [13]

Monique Wittig:

- O sexo é tomado como um “dado imediato”, um “dado sensível” ou “características físicas” pertencentes à ordem natural. Mas o que acreditamos ser uma percepção física e direta é só uma construção mítica e sofisticada, uma formação imaginária que reinterpreta as características físicas (em si mesmas tão neutras como outras, mas marcadas por um sistema social) por meio de uma rede de relações em que são percebidas. [13]

Lívia:

- E, no entanto, a ordem da causa e efeito comumente se invertem, ao serem utilizados os exemplos do comportamento do “reino animal” como justificativa e legitimação de uma série de valores e condutas de caráter duvidoso.

Jean Baudrillard:

- Não existe <reino> animal objetivo senão desde que existe o homem. [7]

William Adamson:

- Indagar o que são as formigas, em seu mundo diligente, é perguntar o que somos nós, qualquer que seja a resposta... [14]

Boaventura de Souza Santos:

-A primatologia é, no fundo, um conjunto de metáforas ou histórias sobre a origem e a natureza do homem, um discurso ocidental sobre a ordem social. (...) tal como os primatas tropicais são espelhos do homem ocidental, os primatas japoneses são espelho do homem japonês. [42]

Lívia:

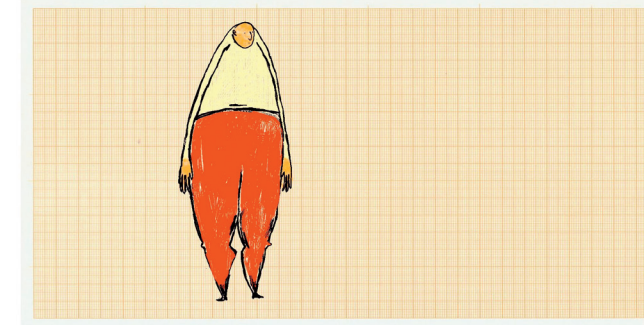
-São definitivamente espelhos, claro, mas eu diria que se tratam especificamente de espelhos côncavos, afinal, refletem ao mesmo tempo em que reduzem aquilo que espelham. Isso me remete ao incrível filme O Planeta dos Macacos, no qual, ao inverter os papéis de objeto e observador, se evidencia o autoritarismo de nossas metodologias e interpretações:

Dr. Zaius:

- Um homem agindo como um Macaco.

Dra Zira:

- Eu poderia jurar que ele está lhe respondendo.



Dr. Zaius:

- Ele tem um dom para a mímica, definitivamente.

Dra Zira:

- Muito estranho, ele está usando um cobertor velho como vestimenta. Eu tenho curiosidade de saber como ele se sairia num Teste de Hopkins de destreza.

Dr. Zaius:

- Um animal?

Dra Zira:

- Veja! Ele está movendo os dedos!

Dr. Zaius:

- Apenas porque viu você mexer os seus!

Dra Zira:

- Mas talvez tenha entendido.

Dr. Zaius:

- O homem não tem compreensão. Ele pode ter apreendido alguns truques.

Dra Zira:

- Eu temo não concordar, de acordo com meus experimentos...

Dr. Zaius:

- Dra Zira, eu devo lhe alertar, cirurgia experimental nessas criaturas é uma coisa, sou totalmente a favor, mas seus estudos de comportamento são outra coisa completamente à parte. Sua sugestão de que possamos aprender qualquer coisa sobre a natureza símia através do estudo do homem é uma bobagem completa... Além do mais, o homem é uma praga, ele acaba com o suprimento da floresta e aí migra para nossas plantações liquidando tudo por onde passa. [66]

William Adamson (Novamente recorrendo ao exemplo das formigas):

- A ideia terrível – terrível para alguns, terrível talvez para todos, a certa altura, ou de certa forma – de que somos biologicamente predestinados como as outras criaturas, e que delas diferimos apenas pela inventividade e capacidade de reflexão sobre nosso próprio destino, se manifesta sutilmente por trás dos julgamentos arrogantes que fazem da formiga um autômato ambulante. [14]

Lívia:

- A concepção que temos de nossos “objetos de estudo” são completamente fantasiosas?

André Breton:

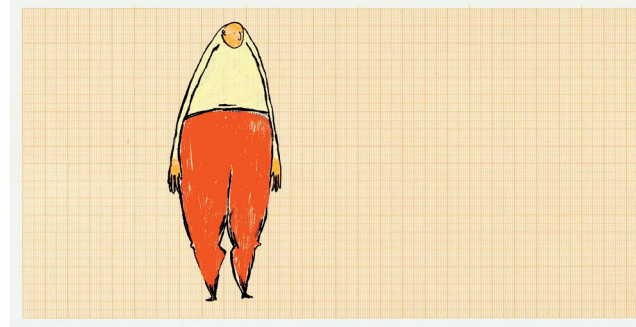
- O que há de admirável no fantástico é que não há mais o fantástico, só há o real. [73]

René Guenon:

- Os lógicos têm por hábito ver uma ciência como inteiramente definida pelo seu objeto, o que é inexato por excesso de simplificação; o ponto de vista segundo o qual este objeto é encarado deve também entrar em conta na definição da ciência (...) É, alias, uma singular ilusão, própria do “experimentalismo” moderno, julgar que uma teoria pode ser provada pelos fatos, quando, na realidade, os mesmos fatos podem sempre explicar-se igualmente por diversas teorias diferentes. [24]

Lívia:

A abertura da A Sagração da Primavera, animada por Walt Disney em 1940, pode sintetizar nossa conversa. Não consigo imaginar nada mais expressivo do que a evocação da narrativa científica em um filme chamado ‘Fantasia’:



Maestro:

- Igor Stravinsky, quando escreveu o bailado A Sagração da Primavera o seu feito foi, segundo as suas próprias palavras, exprimir a vida primitiva. Walt Disney e seus auxiliares levaram a sua declaração ao pé da letra. Em vez de apresentarem aqui o bailado na sua forma original como sendo uma série de danças de uma tribo, imaginaram eles um espetáculo, a história da evolução. Essa narrativa é portanto uma reprodução exata do que a ciência nos ensina. Sendo assim, imaginemo-nos perdidos no espaço há bilhões e bilhões de anos, olhando lá em baixo para esse pobre e solitário planeta a girar na solidão imensa do infinito. [60]

Lívia:

- E é curioso como a legitimação dos argumentos científicos, as “provas do fantástico”, vão cada vez mais adentrando em terrenos inacessíveis; das minúsculas organelas às peripécias de genes invisíveis.

Antônio Almeida:

- O jogo da paisagem se reduz e se complica ao mesmo tempo quando a designação e a ordem se conjugam: amostras de terra são extraídas segundo cores, texturas e lugares de extração. A designação faz surgir a diversidade daquilo que nomeamos como terra, e a classificação geometrizava a mistura. Essa atenção ao que geralmente passa despercebido submete a paisagem a uma visão microscópica: vemos tudo aquilo que podemos ver? [1]

Anne Cauquelin:

- A biologia espera poder esclarecer todos os enigmas sobre a vida através do fracionamento do corpo, análise das partes e descoberta dos mecanismos cibernéticos e moleculares que as governam. [17]

Immanuel Wallerstein:

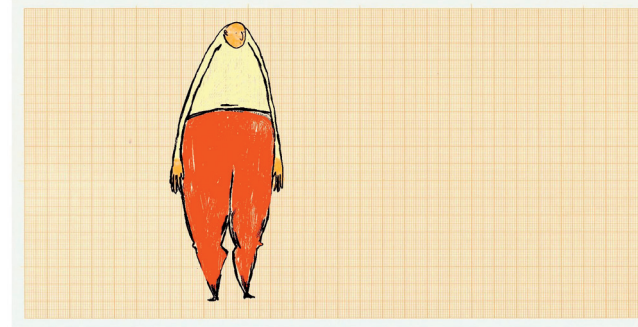
- A insistência na originalidade e objetividade levou os cientistas a cada vez mais dividir a realidade em partes, tanto em matéria quanto em tempo e objetivos em um processo de redução infinita que evitava a repetição de trabalhos anteriores, eis a mentalidade microscópica ou o etos reducionista. [49]

Paula Sibilia:

- Ahora, en el mundo contemporáneo, la escala subatómica amenaza con extrapolar el dominio del microscópio y los demás aparatos de laboratorio, pasando a constituir “la esencia de las cosas”. (...) concomitantemente, si la “esencia” de la humanidad es informática, entonces no habría diferencias substanciales entre computadoras y seres humanos, porque ambos compartirían la misma lógica de funcionamiento.(...) en ese campo de saber se extendió el uso de una metáfora, una analogía que en sus orígenes fue útil, pero de la cual los científicos terminaron olvidando su origen metafórico y decidieron aplicarla a toda la biosfera, en todos sus niveles y no solo en el molecular, reduciendo la totalidad de la vida al código del ADN y convirtiéndolo en el determinante exclusivo de todas las características de todos los seres vivos, capaz de explicar toda la complejidad y variedad de la vida a partir del material hereditario. [46]

Boaventura de Sousa Santos:

- Já em Descartes uma das regras do Método consiste precisamente em “dividir cada uma das dificuldades... em tantas parcelas quanto for possível e requerido para melhor resolver” (Descartes, 1984: 17). A divisão primordial é a que distingue entre “condições iniciais” e “leis da natureza”. As condições iniciais são o reino da complicação, do acidente, e onde é necessário selecionar as que estabelecem as condições relevantes dos fatos a observar; as leis da natureza são o reino da simplicidade e da regularida-



de, onde é possível observar e medir com rigor. Esta distinção entre condições iniciais e leis da natureza nada tem de “natural”. Como bem observa Eugene Wigner, é mesmo completamente arbitrário (Wigner, 1970: 3). No entanto, é nela que assenta toda ciência moderna. [42]

Ilya Prigogine:

- As leis da natureza descrevem um mundo que exige ser compreendido num modo histórico e não dedutivo. [37]

Livia:

- Sim, é curiosa essa conotação: “leis da natureza”.

Ilya Prigogine:

- A ideia de lei da natureza tem uma conotação legal. Tudo se passa como se a natureza fosse obrigada a cumprir leis. [37]

René Guenon:

- Pretende-se hoje aplicar a medida até no domínio psicológico, que, no entanto, escapa a isso pela sua própria natureza. (...) Não insistirei sobre o que há de ilegítimo em querer remeter a qualidade à quantidade, nem sobre o que tem de insuficiente todas as tentativas de explicação que se ligam mais ou menos ao tipo “mecanicista”; não é esse o meu propósito aqui e a esse respeito só farei notar que, mesmo na ordem sensível, uma ciência desse tipo tem somente poucas relações com a realidade, cuja parte mais considerável lhe escapa necessariamente. [24]

Livia:

- Sim, partes essenciais são completamente rejeitadas. A imaginação, por exemplo, que teoricamente não deve influenciar em nada de um trabalho acadêmico.



46

Paul Feyerabend:

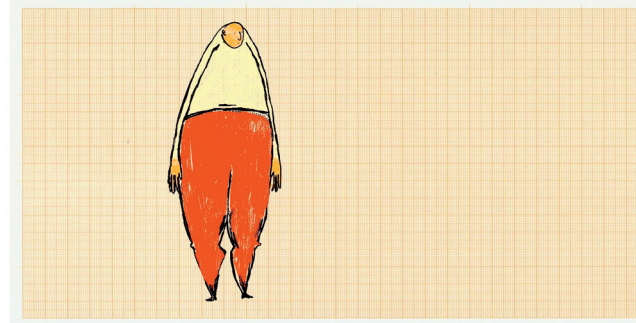
- As barreiras impostas à influência da imaginação, religião, formação cultural e humor da pessoa cientista serão realmente respeitadas? [19]

Livia:

- Claro que não! E justamente aí encontra-se mais uma de nossas fantasias: uma ciência independente de cientistas. Como disse Immanuel Wallerstein, criamos uma situação na qual nós não podemos ter a certeza de que um determinado cientista alcançou a verdade, mas podemos apontar quando este falhou – apontamos quando o cientista não seguiu à risca o método científico, quando deixou de ser “racional”, quando se entregou à poesia. O grupo que possui condições de apontar é restrito, talvez tão restrito quanto a comunidade eclesástica que uma vez deteve o monopólio do conhecimento, e quem há de guardar os guardiões? [49]



O Planeta dos Macacos [66]



47

Boaventura de Sousa Santos:

- Este saber das nossas trajetórias e valores, do qual podemos ou não ter consciência, corre subterrânea e clandestinamente, nos pressupostos não ditos do nosso discurso científico. [42]

Cornelius Castoriadis:

- Há mais do que a dependência material, política, social da ciência instituída com respeito ao sistema instituído. Há, e igualmente importante, a sua dependência com respeito à metafísica implícita e não consciente dessa sociedade, linhas de força ideológico-imaginárias do campo histórico contemporâneo. [16]

Livia:

- E, a cada teoria, mais um conflito egóico, de créditos pelas descobertas e patentes sobre resultados.

René Guenon:

- Numa civilização tradicional é quase inconcebível que um homem pretenda reivindicar a propriedade de uma ideia, e, em todo caso, se o faz, por esse mesmo fato, retira-lhe todo o crédito e toda a autoridade, porque a reduz assim a ser apenas uma espécie de fantasia sem qualquer alcance real: se uma ideia é verdadeira, ela pertence igualmente a todos aqueles que são capazes de compreendê-la; se ela é falsa, não há motivo para se vangloriar de a tê-la inventado. [24]

Cornelius Castoriadis:

- As teorias científicas sucedem-se. E nessa sucessão não podemos ver nem uma ordem, nem uma simples desordem. Com regularidade, as teorias aceitas revelam-se “falsas” ou não são “verdadeiras” como se pensava no momento de sua formulação. As novas teorias não são melhores

aproximações: têm uma outra estrutura lógica e pressupostos metafísicos diferentes. [16]

Antônio Almeida:

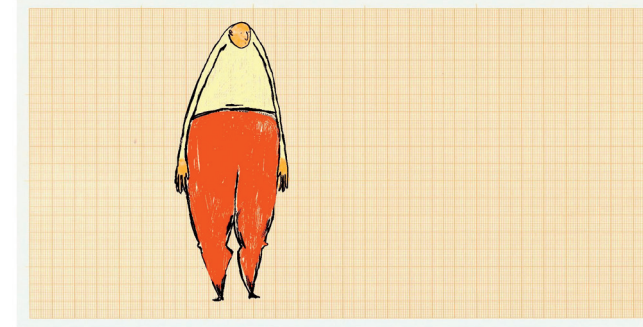
- Estas modificações vinculam-se também à transformação das representações humanas sobre as máquinas. O aparecimento da máquina a vapor e, em período recente, das máquinas cibernéticas influenciaram profundamente as representações possíveis sobre as plantas e afetaram, desta forma, a representação do ser vivo enquanto máquina. [1]

Cornelius Cartoriadis:

- As teorias se seguem, o sucesso de cada uma contendo o germe de sua morte como teoria. (...) toda verdade científica é um erro em sursis. E no entanto ela não é só isso. O que é ela, portanto, e o que procuramos nós no saber? Será preciso dizer que, como todo desejo, este também está condenado a sempre se equivocar sobre seu objeto, a ignorá-lo e, portanto, a não o alcançar? Este amor veria como o outro, o que lhe adquire escapar irresistivelmente entre os dedos? Mas como pensar que o objeto excelente é essencialmente imaginário? [16]

Lívia:

- Dados objetivos foram definidos como dados reproduzíveis, aqueles que não passam por uma interpretação de caráter subjetivo, logo equívoco. E, no entanto, a busca por operações mais sofisticadas com dados quantitativos levou os cientistas a cada vez mais reduzir o número de dados, a reduzir o tempo de coleta, selecionar pontos amostrais de acordo com a facilidade de coleta. Wallerstein conclui que os considerados grandes debates metodológicos foram muitas vezes falsos debates que limitou a chamada "busca da verdade" a microscópicas formas de positivismo. [49]



Immanuel Wallerstein:

- A crença em certezas, premissa fundamental da modernidade, nos cega e incapacita. [49]

Lívia:

- E como poderíamos ter a certeza? Se, como diz Edgar Morin, não temos nenhum dispositivo cerebral que nos permita distinguir a alucinação da percepção, o sonho da vigília, o imaginário do real, o subjetivo do objetivo. A fantasia, os sonhos, desejos, infiltram-se em nossa visão do mundo exterior; povoa nossas premissas, nossas metas, nossa ciência, com certeza nossa ciência.

Neil Postman:

- Na verdade, as histórias dos pesquisadores sociais são muito parecidas na estrutura e objetivo com aquilo que é chamado de literatura imaginativa; isso equivale a dizer que tanto o pesquisador social quanto o romancista dão interpretações únicas a um conjunto de acontecimentos humanos e apoiam suas interpretações com exemplos de várias formas. (...) O romancista e o pesquisador social constroem suas histórias com o uso de metáforas e arquétipos. [35]

Lívia :

- E com relação aos pesquisadores das chamadas ciências naturais, podemos dizer o mesmo?

Immanuel Wallerstein:

- Todo saber é saber social. [49]

Boaventura de Sousa Santos:

- A natureza, enquanto objeto de conhecimento, foi sempre uma entidade cultural e que, por isso, desde sempre as ciências ditas naturais foram sociais. (...) Esta verificação permite mostrar que a ciência moderna, além de moderna, é também ocidental, capitalista e sexista. (...) o livro moderno da natureza foi escrito segundo o princípio de mercado e o princípio do Estado, utilizando a linguagem da racionalidade cognitivo-instrumental. [42]

Tami Buzaité:

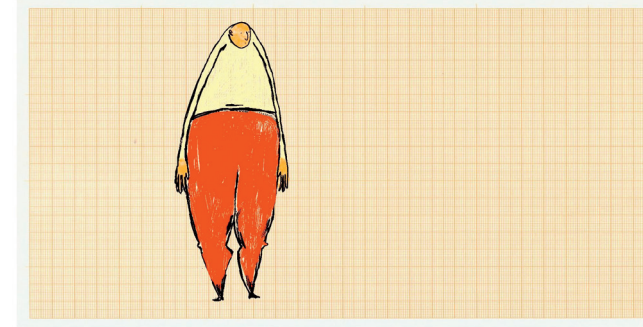
- Me interessa a naturalização porque me interessa pensar o destino da humanidade e como nós nos tornamos reféns de uma ideia alheia, arbitrária e abstrata de natureza... eu não entendo como foi que chegamos nessa opressão da natureza como um gentil e floral algoz que nos tolhe a autonomia.

Anne Cauquelin:

- A Natureza é uma 'ideia que só aparece vestida' (...). Desse modo, aquilo que olhávamos apaixonadamente como a manifestação absoluta da presença do mundo em torno de nós, a natureza, para a qual lançávamos olhares admirativos e quase religiosos, era em suma apenas a convergência em um único ponto de projetos que tinham atravessado a história, obras que se apoiavam umas às outras até formar esse conjunto coerente na diversidade e que conferiam ao espetáculo a evidência de uma natureza.

Inocentemente presos à armadilha, contemplávamos não uma exterioridade, como acreditávamos, mas nossas próprias construções intelectuais. Acreditando sair de nós mesmos mediante um êxtase providencial, estávamos muito simplesmente admirados com nossos próprios modos de ver. [17]

Neil Postman:



- Hoje em dia, Dostoiévski, Freud, Dickens, Twain, Marx não são distribuidores do conhecimento legítimo. Eles são interessantes, são dignos de ler, são artefatos de nosso passado, mas em relação à "verdade" devemos voltarmos para a "ciência", o que me leva ao ponto crucial do que chamo cientismo. [35]

Boaventura de Sousa Santos:

A ciência moderna não é a única forma de explicação possível da realidade. Nada há de científico na razão que hoje nos leva a privilegiar uma forma de conhecimento baseada na previsão e controle dos fenômenos. No fundo, trata-se de um juízo de valor. A explicação científica dos fenômenos é a autojustificação da ciência enquanto fenômeno central da nossa contemporaneidade. A ciência é, assim, autobiográfica. A consagração da ciência moderna nestes últimos quatrocentos anos naturalizou a explicação do real, a ponto de não mais conceber senão nos termos por ela propostos. Contudo, o processo de naturalização foi lento e, no início, os protagonistas da revolução científica tiveram a noção clara de que a prova íntima das suas concepções pessoais precedia e dava coerência as provas externas que desenvolviam. [42]

Ilya Prigogine:

- Dizemos com frequência que a ciência é neutra. Isso é apenas parcialmente verdadeiro. Como a ciência poderia ser neutra no momento em que explora a nossa posição no interior da natureza? [37]

Livia:

- Também dizemos que a água é incolor, inodora e insípida e, no entanto, uma rápida olhada nas 18 ânforas da escadaria do Museu do Ipiranga permite notar que cada rio brasileiro do qual foram coletadas as amostras

de 10 litros de água, possui uma coloração diferente... Quem duvidará de que elas também possam diferentes cheiros e gostos? [68]

(...) Pausa para um cafezinho.

Duas imagens que retratam o Oviraptor, da Era Mesozóica, circulam entre os convidados:

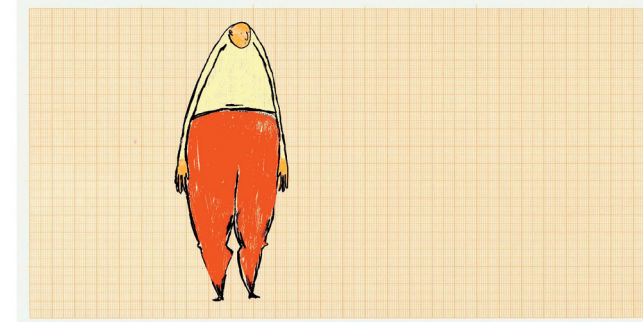


A primeira, baseada no fato dos fósseis dessa espécie serem comumente encontrados próximos aos resquícios de ninhos de ovos, se relaciona a seu nome, Oviraptor philoceratops, do latim "ladrão de ovos". Com um olhar que mistura prazer e ódio, esse dinossauro verde se refestela destruindo a ainda não nascida prole das demais espécies.

•



A segunda imagem, mais recente, baseada também no fato dos fósseis dessa espécie serem comumente encontrados próximos aos resquícios de ninhos de ovos, retrata um outro oviraptor, mais precisamente uma oviraptor, maternal, carinhosa, que morria dignamente defendendo o ninho, seu próprio ninho, com seus próprios ovos, dos demais dinossauros homicidas. Agora rosa, com ornamentos e plumas coloridas, ela olha orgulhosa e esperançosa – e nós diríamos 'até ingenuamente' – para a sua nova e promissora prole.



Lívia:

A secularização da sociedade teria, segundo Immanuel Wallerstein, se expressado no saber em duas diferentes etapas: a rejeição da teologia como modo de conhecimento exclusivo e dominante com seu deslocamento para o Homem como fonte de conhecimento. Mas esse deslocamento não teria sido suficiente, havendo ainda os que argumentassem que apenas a ciência teria condições de extrair o saber da realidade empírica, rejeitando assim a filosofia como uma forma de conhecimento racional. Consagrou-se com esse discurso, a defesa de um conhecimento que se tornaria mais democrático, a validade de qualquer saber poderia ser passível de confirmação por quem estivesse disposto à reprodução dos métodos utilizados para se chegar a ele. Democracia que se tornou mais questionável conforme mais especializados tornaram-se os estudos científicos. O divórcio entre a ciência e a filosofia gerou outras problemáticas, tanto a vencida teologia quanto a excluída filosofia afirmavam que dispunham dos instrumentos tanto para dizer o que era a verdade, quanto para dizer o que era bom. A ciência empírica não acreditava dispor dos meios para dizer o que era bom, apenas o que era a verdade, assumindo que só a esta busca se dedicariam e de que desta teriam o monopólio, alegando ainda a impossibilidade de acesso à saber o que é bom e o que é belo. Tal premissa, no entanto, mostrou-se apenas teórica, clandestinamente cientistas e filósofos possuem e mantêm, nas entrelinhas de seus discursos, objetivos não assumidos pelos seus campos de estudos e, sendo a reunificação dada de maneira clandestina, seus resultados se tornam difíceis de avaliar. [49]

Boaventura de Sousa Santos:

- O determinismo mecanicista é o horizonte certo de uma forma de conhecimento que se pretende utilitário e funcional, reconhecido me-

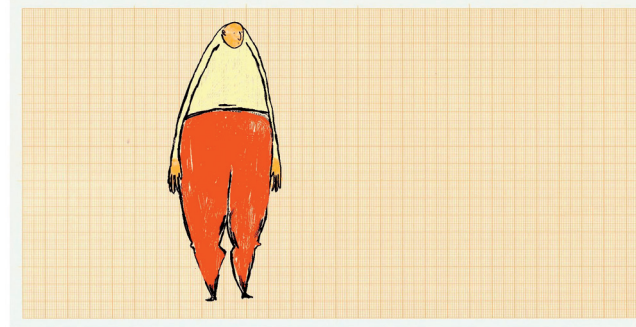
nos pela capacidade de compreender profundamente o real do que pela capacidade de dominar e transformar. [42]

Paula Sibilia:

— El libro De Praxis Medica (siglo XVIII) (...) resume los conocimientos de la época y expone algunos resultados de esa batallas en los campos de saber y de poder. En sus paginas bellamente ilustradas, el cuerpo humano se describe como una gran maquina compuesta por otros pequeños artefactos: los dientes se comparan con tijeras, el estómago con uns botella, el pulso con un reloj y el sistema cardiovascular con una bomba hidráulica. (...) La Mettrie extendió las bases del mecanicismo universal: el cuerpo de cada hombre consistía en un conjunto de resortes, palancas y engranajes redigidos por leyes puramente mecânicas (...) ‘Toda teoria científica es un mito relativo a la interpretación de las fuerzas de la Naturaleza’, sentenció Oswald Spengler en su iracundo libelo sobre filosofia de la técnica, pero una característica sería exclusividad de lá cultura fáustica: solamente en la tecnociencia adscripta a ese linaje las teorias son, también y sobretudo, hipotesis de trabajo. Eso significa que la exigencia de verdad es accesorio: todo lo que se les exige es que sean útiles cuando son puestas en práctica, porque dichos saberes no se proponen desnudar los fundamentos de la existência como conocimiento puro, sino tornar sus fenómenos utilizables para determinados fines. [46]

Jean Ladrière:

— O universo dos instrumentos torna-se um universo animado, capaz de funcionar por si mesmo, reforçando incessantemente a interdependência de seus elementos, substituindo cada vez mais o mundo vivo pelo espetáculo de um mundo encantado onde os objetos se deslocam sozinhos. [47]



Lívia:

— Me lembrei da cena do filme Decálogo I, de Krszistof Kieslowski. Especificamente da cena em que uma das principais personagens deste episódio, um cientista positivista (Pai de Pawel) deslumbrado com a tecnologia dos computadores, disserta sobre seu fascínio:

“Segundo Elliot, a poesia não se pode traduzir, mas será que ele estava certo? Imagine um tradutor capaz de acumular toda a sabedoria (...) com uma memoria infinita, acessível a qualquer momento (...) Um computador pode ser algo ou alguém assim (algo que tem inteligência ou até consciência, ele seleciona, talvez até tenha vontade. Considero que um computador devidamente programado, pode até ter seus gostos, preferências estéticas, uma personalidade! E é verdade.” [59]

Anne Cauquelin:

— Se as informações necessárias são dadas – rapidez de crescimento, articulação dos ramos entre si, caráter da floração, proporção dos elementos –, podemos obter a imagem de uma árvore em vias de crescer; para que uma onda estoure na praia, basta... “ter um modelo matemático que simule a superfície do mar e as ondas. O modelo anima partículas de agua em orbitas circulares ou elípticas”. Podemos modelar também a topografia do oceano; quanto a espuma...” ...ela calculada sob a forma de partículas cujo sentido, rapidez e duração são fornecidos pelo modelo de superfície”. (...) seria necessário pensar que a “natureza, conceito global, ideia, está em ação aqui, não sob a espécie de aparências sensíveis a nosso aparelho perceptivo, mas sob a espécie do sistema cognitivo que é a sua condição?

O êxtase, então, ou o sentimento de uma perfeição, viria não mais do espetáculo da natureza “oferecida” a nossos olhares amorosos, mas da contemplação de nossa própria atividade cerebral: uma autocelebração do nosso poder de concepção. [17]

Jean Baudrillard:

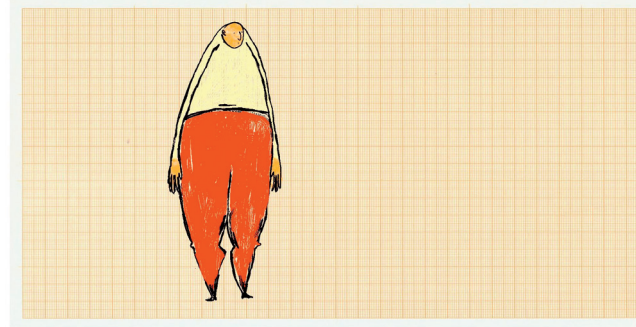
- O campo aberto é o da simulação no sentido cibernético, isto é, o da manipulação em todos os sentidos destes modelos (cenários, realização de situações simuladas, etc.) mas então nada distingue esta operação da gestão e da própria operação do real: já não há ficção. (...) Não há aí relação de causa a efeito: não é porque o espaço terrestre está hoje virtualmente codificado, cartografado, recenseado, saturado, se fechou de algum modo ao mundializar-se – um mercado universal, não somente das mercadorias, mas dos valores, dos signos, dos modelos, que já não dá lugar ao imaginário – não é exatamente isso que o universo exploratório (técnico, mental, cósmico) da ficção científica deixou também ele de funcionar. Mas os dois estão estreitamente ligados, e são duas vertentes de um mesmo processo geral de implosão que sucede ao gigantesco processo de explosão e de expansão característicos dos séculos passados. (...) O imaginário era o álibi do real, num mundo dominado pelo princípio de realidade. Hoje em dia é o real que se torna simulação. [7]

Cornelius Castoriadis:

- A natureza, o valor, a orientação, os modos de produção e os produtos desse saber lhe parecem acima de qualquer discussão, dogmas que em nada diferem, quanto à solidez e ao modo de adesão subjetiva, dos dogmas religiosos que reinavam recentemente. Assim como, efetivamente, só espíritos ilógicos ou pervertidos podiam contestar a virgindade da virgem, que se demonstra sendo enunciada, somente pessoas que não compreendem o que as palavras querem dizer poderiam contestar a cientificidade da ciência. [16]

Ilya Prigogine:

- A descoberta de leis deterministas, afinal, não nos remete ao ponto de vista divino? [37]

**Cornelius Castoriadis:**

- A ciência é instituição no sentido pleno do termo e cada vez mais uma instituição central do mundo contemporâneo. Como tal, é marcada pelos meios materiais, as formas de organização e as ideias que toma dele e lhe dá. Como toda instituição, é uma inércia sustentada por um mito: entregue a ela mesma, continua na mesma direção, com a mesma velocidade; questionar seu valor, seus métodos, sua orientação, seus resultados, equivale ao iconoclasmo. [16]

Neil Postman:

- Quando os sacerdotes católicos usam vinhos, hóstias e encantamentos para corporificar ideias espirituais, eles reconhecem o mistério e a metáfora que estão sendo usados. Mas os especialistas do tecnopólio não reconhecem insinuações ou nuances, quando usam formas, testes padronizados, pesquisas de opinião e outras maquinarias para dar realidade técnica às ideias sobre inteligência, criatividade, sensibilidade, desequilíbrio emocional, desvio social ou opinião política. Querem que acreditemos que a tecnologia pode revelar, com honestidade, a verdadeira natureza da condição humana ou crença por que a contagem, a estatística ou a taxionomia deu-lhe uma forma técnica. (...) No tecnopólio, todos os especialistas são investidos do carisma do sacerdócio. Alguns de nossos especialistas-sacerdotes são chamados de psiquiatras, outros de psicólogos, alguns de sociólogos, outros de estatísticos. O deus que eles servem não fala de justiça, bondade, compaixão ou graça. Seu deus fala de eficiência, precisão, objetividade. E é por isso que no tecnopólio desaparecem conceitos como pecado e mal. Eles vêm um universo moral que é irrelevante para a teologia da especialidade. E, assim, os sacerdotes do tecnopólio chamam o pecado de “desvio social”, que é um conceito estatístico, e chamam o mal de “psicopatologia”, que é um conceito médico. [35]

Lívia:

- E tudo se passa como se consistisse na mais pura objetividade!

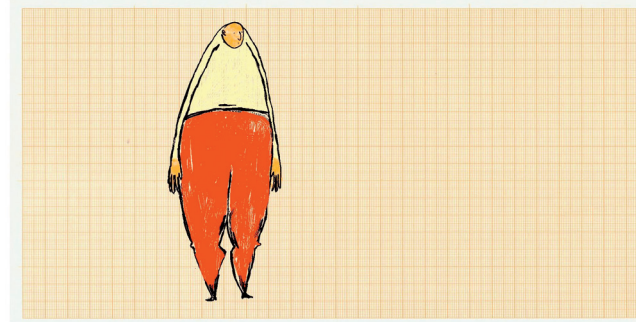
Eduardo Galeano:

- Eu já estava há um bom tempo escrevendo Memória do Fogo, e quanto mais escrevia mais fundo ia nas histórias que contava. Começava a ser cada vez mais difícil distinguir o passado do presente: o que tinha sido estava sendo e estava sendo à minha volta, e escrever era minha maneira de ver e abraçar. Supõe-se, porém, que os livros de história não são subjetivos.

Comentei isso com José Coronel Urtecho: neste livro que estou escrevendo, pelo avesso e pelo direito, na luz ou na contra-luz, olhando do jeito que for, surgem à primeira vista minhas raivas e meus amores.

E nas margens do rio San Juan, o velho poeta me disse que não se deve dar a menor importância aos fanáticos da objetividade:

- Não se preocupe – me disse – É assim que deve ser. Os que fazem da objetividade uma religião, mentem. Eles não querem ser objetivos, mentira: querem ser objetos, para salvar-se da dor humana.



2º ATO

O POBRE MUNDO QUE INVENTAMOS

60

Almoço: No qual os convidados admitem que a ciência, apesar de ser um discurso fantasioso, possui consequências concretas.

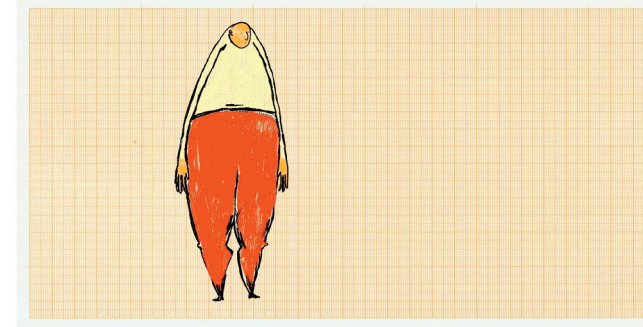
Immanuel Wallerstein:

- Na aparência, as ciências prosperavam. Os pequenos defeitos do sistema – o colonialismo, o racismo, a fome – passam a ser encarados como problemas transitórios cuja busca da verdade inevitavelmente solucionaria. [49]

Boaventura de Sousa Santos:

- No entanto, à medida que o tempo passava, tornou-se claro não só que muitas dessas promessas ficaram por se cumprir, mas também que a ciência moderna, longe de eliminar os excessos e os défices, contribuiu para os recriar em moldes sempre renovados, e, na verdade, para agravar alguns deles.

A promessa da dominação da natureza, e do seu uso para o benefício comum da humanidade, conduziu a uma exploração excessiva e despreocupada dos recursos naturais, à catástrofe ecológica, à ameaça nuclear, à destruição da camada de ozônio, e à emergência da biotecnologia, da engenharia genética e da consequente conversão do corpo humano em mercadoria última. A promessa de uma paz perpétua, baseada no comércio, na racionalização científica dos processos de decisão e das instituições, levou ao desenvolvimento tecnológico da guerra, e ao aumento sem precedentes do seu poder destrutivo. A promessa de uma sociedade mais justa e livre, assente na criação da riqueza tornada possível pela conversão da ciência em força produtiva, conduziu a espoliação do chamado terceiro mundo e a um abismo cada vez maior entre o Norte e o Sul. Neste século morreu mais gente de fome do que em qualquer dos séculos anteriores, e mesmo nos países mais desenvolvidos, continua a subir a percentagem dos socialmente



61

excluídos, aqueles que vivem abaixo do nível de pobreza (o chamado "Terceiro Mundo Interior"). [42]

Lívia:

- Sim, trata-se de um panorama bem abrangente de algumas das mais desastrosas implicações da forma de conhecimento que adotamos. Gostaria que pensássemos mais especificamente com relação a nosso entendimento de natureza...

Tami Buzaité:

- O que é que você está chamando de natureza? As plantas, pedras e animais?

Cornelius Castoriadis:

- O que nos importa são sempre os homens e a sua cidade. Mas sabemos que não podemos separá-los das pedras e das árvores. Começamos também a saber onde nos conduz essa separação.

Talvez, mas é discutível e obscuro, saibamos mais do que Platão sobre os homens e a cidade. Certamente sabemos infinitamente mais, no sentido banal da palavra saber, sobre as pedras e as árvores. Começamos também a saber que esse saber, eficaz sem fim a certos respeito, de nada serve a outros muito mais importantes. [16]

Antônio Almeida:

- Ao separar os homens e a cidade das pedras e das árvores, o pensador separa as relações entre os homens das relações entre o homem e a natureza. Retornado inúmeras vezes, sob múltiplos disfarces, este projeto de separação afirma a possibilidade de que o homem venha a ser senhor possuidor da natureza e implica que o homem continuará sendo senhor e possuidor do homem. [1]

Lívia:

- O que acaba por nos fazer questionar se, de fato, estamos na condição pregada por um “senso comum” na qual apenas o ambiente seria uma “vítima” dos empreendimentos científicos humanos.

Gaston Bachelard:

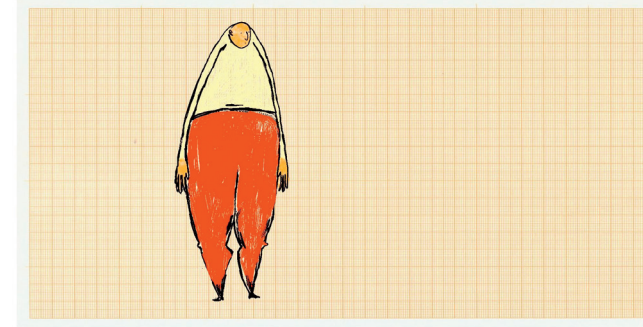
- Em face das aplicações práticas das ciências à arte do engenheiro, do industrial, do médico, o homem dos nossos dias sente-se tão deslocado perante a ciência como perante a um poder a que atribui um prestígio, um poder que domina o seu destino, o que acabará por fornecer a resposta a todos os problemas, objeto ambivalente do seu receio e da sua admiração. [3]

René Guenon:

- Os ocidentais em geral cultivam a ciência assim entendida: o que eles têm em vista não é o conhecimento, mesmo inferior; são as aplicações práticas. Para nos convenceremos de que é realmente assim, basta ver com que facilidade a maior parte dos nossos contemporâneos confundem ciência e indústria, e como são numerosos aqueles para quem os engenheiros representam o tipo próprio do sábio. Nestas condições, a indústria não é apenas uma aplicação da ciência, aplicação de que esta deveria, em si mesma, ser totalmente independente; ela torna-se como que a razão de ser e a justificação da ciência, de modo que também aqui as relações normais se encontram confundidas. [24]

Eliana Stort:

- O mais impressionante, e o mais perigoso, da evolução e da vinculação da ciência à tecnologia é que estes domínios tendem a organizar-se no sentido de uma autofinalização crescente, (...) uma realidade autônoma, intermediária entre a natureza e a realidade propriamente humana (...).



Solidário ao ser humano pois, num certo sentido, é apenas seu produto, torna-se-lhe, em outro sentido, cada vez mais estranho, convertendo-se numa espécie de poder exterior que tenta impor-lhe sua própria lei. Essa lei é seu próprio crescimento. [47]

Gaston Bachelard:

- Eis o que dizia eu, o homem se sente de súbito estranho à sua própria criação. Deixou de reconhecer o filho que cresceu de mais, que se tornou aos seus olhos excessivamente poderoso. [3]

René Guenon:

O Mundo Moderno aplicou todas as suas forças, mesmo quando pretendeu fazer ciência à sua maneira, apenas ao desenvolvimento da indústria e do “maquinismo”; e querendo assim domar a matéria e domá-la para seu uso, os homens não conseguiram mais do que fazer-se seus escravos (...). Os homens não somente limitaram as suas ambições pessoais a inventar e a construir máquinas, mas acabaram também por se tornar, eles próprios, verdadeiras máquinas. [24]

Humberto R. M. Navarro:

- Después de rascarle mucho, me parece que en Decálogo I está implícito un ídolo que termina afectando nuestra forma de vivir y relacionarnos con los demás. Es de este tipo que mencionaba, difícil de vislumbrar y tomar postura ante él. Cuando desdeñamos lo viejo por tenerlo conocido, nos cautiva lo nuevo por la simple curiosidad y se nos antoja todo lo prohibido por el hecho de estarlo, muy probablemente este ídolo nos corre por las venas. (...) Cualquier idolatría, en cuanto absolutización de un bien, o de sí mismo, cierra al hombre a la realidad total (...). Interpreto en Decálogo I una cierta crítica a la actitud "científica" de la modernidad. Una actitud que describe otra auto-absolutización del hombre. El efecto

de idolatrar la modernidad, que pienso muestra Kieslowski, no sería tanto que un científico logre manipular a los demás hombres, sino que su actitud egocéntrica le puede restar posibilidades de sobrevivir a él y a los demás hombres en la realidad. Puede perecer en el desierto. [34]

Lívia:

- Um deserto repleto de informações.

Jorge Larrosa Bondia:

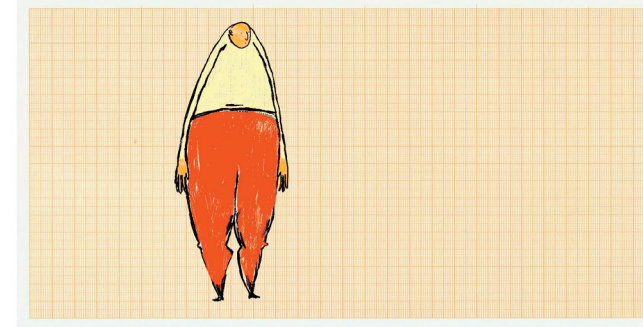
- A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma anti-experiência. Por isso, a ênfase contemporânea na informação, em estarmos informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. [9]

Boaventura de Sousa Santos:

- Rousseau fez as seguintes perguntas não menos elementares: há alguma relação entre a ciência e a virtude? Há alguma razão de peso para substituímos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres de nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria? Contribuirá a ciência para diminuir o fosso crescente na nossa sociedade entre o que se é e o que se aparenta ser, o saber dizer e o saber fazer, entre a teoria e a prática? Perguntas simples ao que Rousseau responde, de modo igualmente simples, com um redondo não. [42]

Guy de Maupassant:

- Como a terra devia ser perturbadora outrora, quando era tão misteriosa! A medida que se levantam os véus do desconhecido, despovoam-se



a imaginação dos homens. Não acha, caro senhor, que a noite ficou vazia e de um negro tão vulgar desde que deixaram de haver aparições? [29]

Lívia:

- Mas não acabamos de chegar a um acordo, de que a ciência é também ela imaginária?

Bronowski:

- Eis o paradoxo da imaginação em ciência, que tem como meta o empobrecimento da imaginação. [35]

Jean Baudrillard:

- Não há real, não há imaginário senão a uma certa distância. Que acontece quando esta distância, inclusive a distância entre o real e o imaginário, tende a abolir-se, a reabsorver-se em benefício exclusivo do modelo? [7]

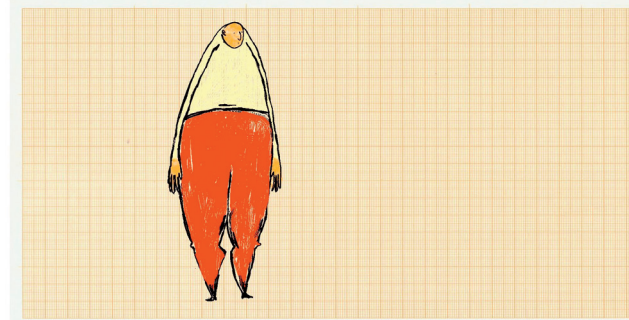
Eliana Stort:

- Os significados humanos construíram-se e mantiveram-se tendo como base os seres vivos. Com sua substituição pelos autômatos, as analogias antigas são transtornadas e os significados tradicionais esvaziados de sua significação (...) criando uma ficção encantada que não é capaz de substituir o universo simbólico, mas o destrói. Criando uma outra forma de relação com o tempo, onde o passado é desprezado e o futuro controlável. O desenraizamento, o fim das utopias. 'Existe o símbolo, não o simbolizado'. [47]

Foucault:

- Para que a história natural aparecesse, não foi preciso que a natureza se adensasse, se obscurecesse e multiplicasse seus mecanismos, até

adquirir o peso opaco de uma história que apenas se pode delinear e descrever, sem se poder medir, calcular nem explicar: foi preciso – e muito ao contrário – que a História se tornasse Natural. O que existia no século XVI e até meados do século XVII eram histórias: Belon escrevera uma História da natureza das aves; Duret, uma História admirável das plantas, Aldrovandi, uma História das serpentes e dos dragões. Em 1657, Jonston publica uma História natural dos quadrúpedes. Certamente essa data de nascimento não é rigorosa; está aqui somente para simbolizar uma referência e assinalar de longe o enigma aparente de um acontecimento. Esse acontecimento é a súbita decantação, no domínio da História, de duas ordens, doravante diferentes, de conhecimento. Até Aldrovandi, a História era o tecido inextrincável e perfeitamente unitário daquilo que se vê das coisas e de todos os signos que foram nelas descobertos ou nelas depositados: fazer história de uma planta ou de um animal era tanto dizer quais são seus elementos ou seus órgãos, quanto as semelhanças que se lhe podem encontrar, as virtudes que se lhe atribuem, as lendas e as histórias com que se misturou, os brasões onde figura, os medicamentos que se fabricam com sua substância, os alimentos que ele fornece, o que os antigos relatam dele, o que os viajantes dele podem dizer. A história de um ser vivo era esse ser mesmo, no interior de toda a rede semântica que o ligava ao mundo. A divisão, para nós evidente, entre o que vemos, o que os outros observaram e transmitiram, o que os outros enfim imaginam ou em que creem ingenuamente, a grande tripartição, aparentemente tão simples e tão imediata entre a Observação, o Documentário e a Fábula não existia. E não por que a ciência hesitasse entre uma vocação racional e todo um peso de tradição ingênua, mas por uma razão bem mais precisa e bem mais constringente é que os signos faziam parte das coisas, ao passo que no século XVII eles se tornam modos da representação. [21]



Ulisse Aldrovandi. *Serpentum, et draconum* (Bologna, 1640)
(Natural History of Snakes and Dragons) [69]



Ilya Prigogine:

- Epicuro escreveu para Meneceu: "A nossa vontade é autônoma e independente, e é a ela que podemos atribuir elogios ou censura.

Assim, para mantermos nossa liberdade, teria sido melhor ficar atrelado à crença dos deuses em vez de sermos escravos da fatalidade dos físicos. O primeiro nos dá esperança de ganhar a benevolência dos deuses por meio de promessas e sacrifícios, o segundo, pelo contrário, traz consigo uma necessidade inescapável.". [36]

Neil Postman:

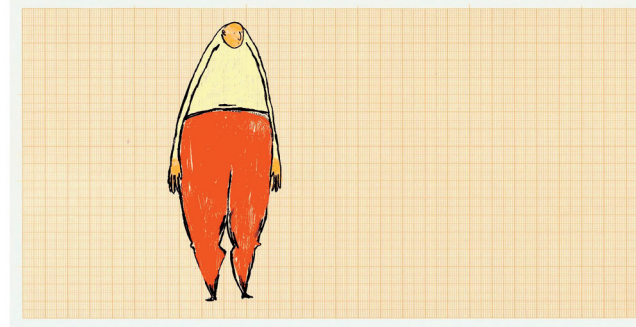
- Entre a ilusão de Deus, a ilusão do cientismo e nenhuma ilusão ou esperança de derradeira fonte de autoridade moral, qual é mais provável de servir ao interesse humano e que se revela a mais mortal na Era do Tecnopólio? [35]

René Guenon:

- É necessário compreender que não se trata de declarar ilegítimo em si mesmo um conhecimento qualquer, mesmo que seja inferior; o que é ilegítimo é o abuso que se produz quando coisas desse gênero absorvem toda atividade humana, tal como vemos atualmente. [24]

William Burroughs:

- O ambiente mágico está sendo intimidado a desaparecer. Não há mais rena verde no Forest Park. Os anjos estão deixando todas as alcovas do mundo inteiro, o ambiente no qual unicórnios, pés-grandes e renas verdes existem está cada vez mais ameaçado, como as florestas tropicais e as criaturas que nada vivem e respiram. Quando as florestas são derrubadas para dar lugar a motéis, Hiltons e MacDonald's, morre também toda a magia do universo. [12]

**Jean Baudrillard:**

- Quando já não há território virgem, e logo disponível para o imaginário, quando o mapa cobre todo o território, qualquer coisa como o princípio de realidade desaparece. (...) A própria quotidianidade do habitat terrestre elevada ao posto de valor cósmico, hipostasiado no espaço – a satelização do real na transcendência do espaço – é o fim da metafísica, é o fim da fantasia, é o fim da ficção científica, é a era da hiper-realidade que começa.

A partir daí, alguma coisa deve mudar: a projeção, a extrapolação, essa espécie de desmedida pantográfica que constituía o encanto da ficção científica são impossíveis. Já não é possível partir do real e fabricar o irreal. O processo será antes o inverso: será o de criar situações descentradas, modelos de simulação e de arranjar maneira de lhes dar as cores do real, do banal, do vivido, de reinventar o real como ficção, precisamente porque ele desapareceu da nossa vida. [7]

Lívia:

- A ficção científica torna-se a ficção de um mundo com contato? Entre nós, entre nós e a natureza, o que quer que seja ela?

Jean Ladrière:

- Um modo de existência em que cada um encontra-se ao mesmo tempo em toda parte e em parte alguma, em que tudo parece, ao menos potencialmente, poder ser apreendido pelo conhecimento e transformado pela ação, mas em que mais nada tem sabor, significação concreta, repercussão no vivido, por que foi rompida a comunicação com o mundo do sentido. [47]

Jorge Larrosa Bondia:

- A partir daí, o conhecimento já não é um páthei máthos, uma aprendizagem da prova e pela prova, com toda a incerteza que isso implica, mas um mathema, uma acumulação progressiva de verdades objetivas que, no entanto, permanecerão externas ao homem. Uma vez vencido e abandonado o saber da experiência e uma vez o conhecimento da experiência humana, temos uma situação paradoxal. Uma enorme inflação de conhecimentos objetivos, uma enorme abundância de artefatos técnicos e uma enorme pobreza dessas formas de conhecimento que atuavam na vida humana nela inserindo-se e transformando. A vida humana se fez podre e necessitada, e o conhecimento moderno já não é o saber ativo que alimentava, iluminava e guiava a existência dos homens, mas algo que flutua no ar, estéril e desligado dessa vida em que já não pode encarnar-se.

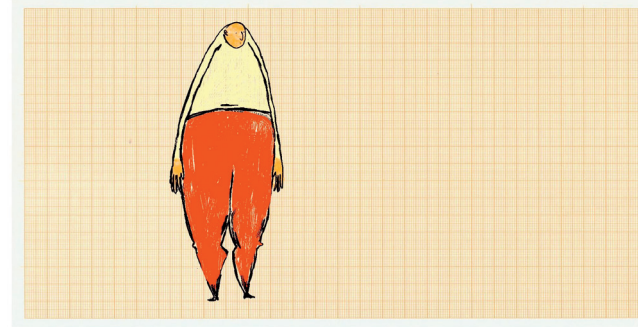
Anne Cauquelin:

- Deixemos, pois, essa natureza terrestre a qual estivemos tão fortemente apegados; domina-a outra que desconhecemos amplamente e à qual será vão querermos dar um análogo. (...) Perfume, tatilidade, movimento do corpo: os sentidos não nos servem de nada.

Temos somente a imagem, transmitida por câmeras, dados digitais em monitores, sem ponto de fuga, e ilegível, até mesmo indecifrável para quem não estiver de sobreaviso. A distância que os procedimentos da pintura e da descrição literária gostavam mesmo de manter e de apagar vez por vez se tornou um objeto opaco; não podemos nem mesmo sonhar com paisagens planetárias, podemos apenas conceber intelectualmente que há, sem dúvida, “algo a ser percebido”, mas por qual sentido, por qual abordagem, com qual instrumento sensível, qual prótese? [17]

Lívia:

- Bem, já temos os antidepressivos...

**Lewis Mumford:**

- A fada boa que presidia ao desenvolvimento da técnica não conseguiu prever a maldição que vinha de um autêntico excesso de confiança no formal, no quantitativo, no mensurável, no externo. Por isso, a nossa vida interior ficou empobrecida: não só nas fábricas como em toda a sociedade, a máquina automática tende a substituir a pessoa e a tomar todas as decisões por ela ao mesmo tempo que, pelo seu trabalho uniforme, exerce uma verdadeira paralisia sobre toda aquela parte da personalidade que não se conforma facilmente com as suas necessidades mecânicas. [32]

Steven Weinberg:

- Quanto mais o universo torna-se compreensível para nós, mais ele nos parece como que desprovido de sentido. [36]

Ilya Prigogine:

- Trata-se, com efeito, de um universo onde a compreensão parece nos forçar a renunciar à noção de acontecimento, a eliminar a novidade e a criatividade, sem as quais nossa vida seria desprovida de sentido. [36]

Lívia:

- O pensamento de Descartes e o positivismo: marcos na redução do simbólico, no exílio da imaginação. A função do imaginário foi eliminada e tudo ficou pobre na esfera racional científica. É lamentável estarmos vivendo e andando com uma perna só, a razão sendo a única convocada a resolver as dificuldades de nosso mundo, e o mundo cada vez em uma crise mais profunda. [33]

Boaventura de Sousa Santos:

- Acima de tudo, a simplicidade das leis constitui uma simplicidade arbitrária da natureza que nos confina a um horizonte mínimo para além

do qual outros conhecimentos da natureza, provavelmente mais ricos e com mais interesse humano, ficam por conhecer. [42]

Paul Feyerabend:

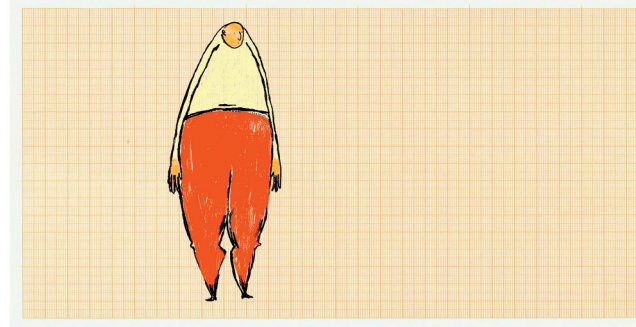
- Devemos ceder à ciência os direitos exclusivos de negociar com o conhecimento? (...) Quem poderá garantir que seus métodos sejam as melhores formas de, não apenas descobrir fatos isolados, mas de compreender a natureza como um todo? [19]

Boaventura de Sousa Santos:

- As crenças são parte integrante da nossa identidade e subjetividade, enquanto as ideias são algo que nos é exterior. Enquanto as nossas ideias nascem da dúvida e permanecem nela, as nossas crenças nascem da ausência dela. No fundo, a distinção é entre ser e ter: somos as nossas crenças, temos ideias. O que é característico do nosso tempo é o fato de que a ciência moderna pertencer simultaneamente ao campo das ideias e ao campo das crenças. A crença na ciência excede em muito o que as ideias científicas nos permitem realizar. Assim, a relativa perda de confiança epistemológica na ciência, que percorreu toda a segunda metade do século XX, ocorreu de par com a crescente crença popular na ciência. A relação entre crenças e ideias deixa de ser uma relação entre duas entidades distintas para passar a ser uma relação entre duas formas de experienciar socialmente a ciência. Esta dualidade faz com que o reconhecimento da diversidade cultural do mundo não signifique necessariamente o reconhecimento da diversidade epistemológica do mundo. [42]

Hans Haacke:

- Os conservadores, tendo como ponta-de-lança os intelectuais neoconservadores, se empenham contra as tentativas, quase sempre tímidas, para introduzir atitudes e programas multiculturais nas escolas, nas



universidades e no país como um todo. Eles compreenderam muito bem que o reconhecimento dos valores, das verdades e das outras culturas diferentes das deles, que sempre apresentaram como tendo validade universal, não é apenas uma ameaça aos fundamentos do seu sistema de pensamento, mas constitui também um grave perigo para o controle do poder. [11]

Boaventura de Sousa Santos:

- O domínio global da ciência moderna como conhecimento-regulação acarretou consigo a destruição de muitas formas de saber sobretudo aquelas que eram próprias dos povos que foram objeto do colonialismo ocidental. Tal destruição produziu silêncios que tornaram impronunciáveis as necessidades e aspirações dos povos ou grupos sociais cujas formas de saber foram objeto de destruição. Não esqueçamos que sob a capa dos valores universais autorizados pela razão foi de fato imposta a razão de uma "raça" de um sexo e de uma classe social. A questão é, pois: como realizar um diálogo multicultural quando algumas culturas foram reduzidas ao silêncio e as suas formas de ver e conhecer o mundo se tornaram impronunciáveis. (...) O conhecimento científico não se encontra distribuído socialmente de forma equitativa, nem poderia encontrar-se, uma vez que o seu desígnio original foi a conversão deste lado da linha em sujeito do conhecimento e do outro lado da linha em objeto de conhecimento. [41]

Edgar Morin:

- Por toda a parte e durante décadas, soluções presumivelmente racionais trazidas por peritos convencidos de trabalhar para a razão e para o progresso e de não identificar mais que superstições nos costumes e nas crenças das populações, empobreceram ao enriquecer e destruíram ao criar. [31]

Alexander Koiré:

- Ainda há algo que Newton – e não apenas ele, mas a ciência moderna em geral – podem ser culpabilizados: a divisão do nosso mundo em dois. Eu afirmei que a ciência moderna quebrou as barreiras que separavam o céu da terra, uniu e unificou o universo. E isso é verdade. Mas, fez isso com a substituição do nosso mundo de qualidade e sentido de percepção, o mundo no qual vivemos, amamos, morremos, por outro mundo, o da quantidade, da geometria reificada, um mundo no qual há um lugar para cada coisa e nenhum lugar para o Homem. Por isso, o mundo da ciência (...) ficou alienado e completamente divorciado do mundo da vida, e a ciência tem sido incapaz de explicar ou de livrar-se dele chamando-o de 'subjetivo'. [35]

Cornelius Castoriadis:

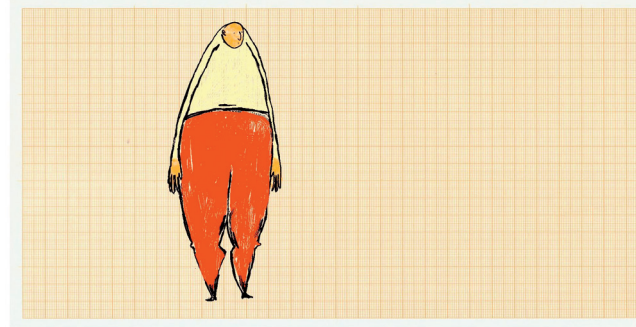
- (A biologia) orgulhosamente retirada na montanha do ser, colocou de uma vez para sempre uma separação radical entre o pensamento do ser e o pensamento dos entes, tendo sido este abandonado a uma ciência idêntica à técnica e explicitamente qualificada de não-pensamento. Nos dois casos o resultado é o mesmo: a manutenção de uma separação que entre o que a todo custo deve ser considerado e pensado junto. [16]

Ilya Prigogine:

- Essa é a tragédia do mundo moderno, que 'solucionou o enigma do universo', mas colocou outro enigma em seu lugar: o enigma de si mesmo. [36]

Neil Postman:

- Aqueles que rejeitaram a teoria da Bíblia e acreditam, digamos, na teoria da ciência, também estão protegidos contra a informação não



desejada. Sua teoria, por exemplo, os instruiu a não considerar informações sobre astrologia, dianética e criacionismo, que, em geral, eles rotulam como superstição medieval ou opinião subjetiva. Essa teoria falha ao não dar orientação sobre informação moral e, por definição, dá pouco peso à informação fora das fronteiras da ciência. É incontestável que cada vez menos pessoas estejam ligadas de alguma maneira séria às tradições bíblicas ou de outras religiões como fonte de atenção ou autoridade constrangedoras, e o resultado disso é que não tomam decisões morais, só práticas. Essa é outra maneira de definir tecnopólio. O termo é usado, com acerto, para uma cultura cujas teorias disponíveis não oferecem orientação sobre o que é informação aceitável no terreno moral. [35]

Eliana Stort

- A visão científica do mundo invade profundamente o sistema de representações e transforma-o. Por via deste sistema, alcança outros sistemas culturais, especialmente os de valores. [47]

René Guénon:

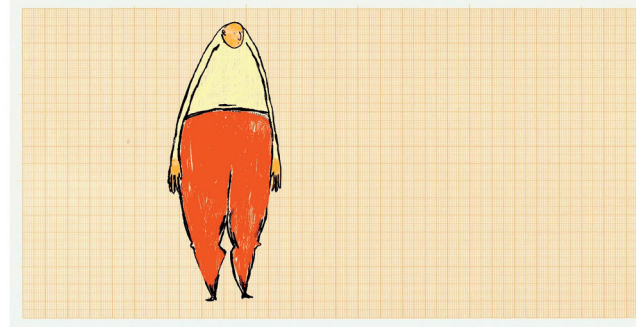
- A partir daí só houve a filosofia e a ciência "profanas", ou seja, a negação da verdadeira intelectualidade, a limitação do conhecimento a ordem mais inferior; o estudo empírico e analítico dos fatos que não se encontram ligados a qualquer princípio, a dispersão numa multiplicidade indefinida de detalhes insignificantes, a acumulação de hipóteses sem fundamento, que se destroem incessantemente umas às outras, e de visões fragmentárias que a nada podem conduzir, salvo as aplicações práticas que constituem a única superioridade efetiva da civilização moderna; superioridade, aliás, pouco invejável, e que, desenvolvendo-se até abafar qualquer outra preocupação, deu a esta civilização o caráter puramente material que faz dela essa monstruosidade.

Lewis Mumford:

- Em semelhante mundo, a vida espiritual do Homem fica confinada à parte que, direta ou indiretamente, serve a ciência e a técnica: todos os outros interesses e atividades do indivíduo são reprimidos como não <objetivos>, emocionais e, conseqüentemente, não reais. Esta decisão, na realidade, banuiu a arte, porque a arte é uma das esferas essenciais das atividades humanas autônomas e criativas. A arte, como o domínio do símbolo e da forma, do modelo e do significado, tornou-se uma área em destruição na vida moderna, em cujas mansões delapidadas um pequeno grupo de guardas zelosos e criados domésticos trava uma batalha desesperada contra o desprezo e o abandono final das casas desertas. É por isso que, com toda a nossa tão gabada eficiência mecânica, com toda a nossa superabundância de energia, de alimentos, materiais, produtos, não tem havido qualquer melhora proporcional na qualidade de vida quotidiana; é por isso que a grande maioria das pessoas <bem instaladas> da nossa civilização vive existências de apatia emocional e torpor mental, de insípida passividade e enfraquecimento do desejo – vidas que desmentem as potencialidades reais da cultura moderna. A degradação da arte, a negação da imaginação, o governo da guerra sobre as nações. Assim falou William Blake; e já vivemos o suficiente para compreender a verdade desse aforismo. [32]

Roland Barthes:

- Um francês em cada dois, parece, não lê; metade da França está privada – se priva do prazer do texto. Ora, nunca se deplora essa desgraça nacional a não ser de um ponto de vista humanista, como se, recusando o livro, os franceses renunciassem somente a um bem moral, a um valor nobre. Seria preferível fazer a sombria, estúpida, trágica história de todos os prazeres aos quais as sociedades objetam ou renunciam: há um obscurantismo do prazer. (...) é efetivamente uma alienação política que está em



causa: a perempção do prazer (e mais ainda da fruição) em uma sociedade trabalhada por duas morais: uma majoritária, da vulgaridade, outra, grupuscular, do rigor (político e/ou científico). Dir-se-ia que a ideia do prazer já não lisonjeia ninguém. Nossa sociedade parece ao mesmo tempo calma e violenta; de toda maneira: frígida. [6]

Boaventura de Sousa Santos:

- A ciência moderna é uma forma de saber que se afirma desencantada e desapaixonada. Os métodos de distanciação – conceitos frios, retórica não-retórica, literalização das metáforas, atitudes anti-psicológicas, suspensão da biografia – encontram-se entre as principais estratégias argumentativas subjacentes ao desencantamento que alegadamente garante a reprodução do dualismo sujeito-objeto. [42]

Enrique Leff:

- A crise ambiental é a primeira crise do mundo real produzida pelo desconhecimento do conhecimento; da concepção do mundo e do domínio da natureza (...). Os problemas ambientais são fundamentalmente problemas de conhecimento. [43]

Livia:

- Um conhecimento rígido e fragmentado...

Edgar Morin

- Nessas condições, as mentes formadas pelas disciplinas perdem suas aptidões naturais para contextualizar os saberes, do mesmo modo que para integrá-los em seus conjuntos naturais. O enfraquecimento da percepção do global conduz ao enfraquecimento da responsabilidade (cada qual tende a ser responsável apenas por sua

tarifa especializada), assim como ao enfraquecimento da solidariedade (cada qual não sente mais os vínculos com seus concidadãos). [31]

Paula Sibilia:

- Fue así como el saber científico redefinió el corpo: lo arrancó del hombre vivo para hacer del cadáver su modelo y su objecto privilegiado. [46]

Livia:

- O que faz com que eu me lembre de uma cena do filme Um dia, um gato [67]. No entanto, o diálogo transcrito perde muito do seu tom de deboche aos dogmas científicos que é tão manifesto no filme.

Diretor:

- Você deve se dar conta que um animal perfeitamente empalhado é melhor para se estudar.

Professor:

- Aprender com um cadáver? Não te entendo.

Diretor:

- Nenhum animal vivo é melhor para estudar do que um animal empalhado.

Professor:

- Vocês são assassinos mesmo assim!

(...)

Diretor:

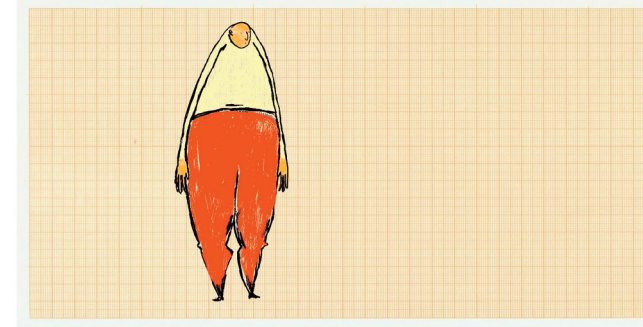
- Escute-me Robert, chamar o seu superior de assassino em publico não me parece uma critica construtiva.

Professor:

- Ou é?

Diretor:

- Bem, como vê, não é. Apesar de tudo, nunca desisti da ideia de trazê-lo para o caminho certo, o único que há como verdade, sabia?



Professor:

- Especialmente a sua verdade.

Diretor:

- A minha verdade? O que quer dizer? Afirmo que cada um tem uma? Que espécie de disparate é esse, garoto?

(...)

Diretor:

- O que pensa que faz na minha escola? Você é um louco! E o que esse viajante faz ali?

Professor:

- O camarada Oliva, estamos na aula de artes e ele é o nosso modelo.

Diretor:

- Ah! Sei! O que vi foram palhaçadas de um doido!

Professor:

- Ele está estimulando a imaginação.

Diretor:

- Não é científico. Nada mais há para mim, nada mais existe!

Lais Mourão Sá:

- Esta visão particularista e fragmentada do ser humano tem sido amplamente apontada não somente como uma das causas, mas como o principal obstáculo para a superação da incapacidade política de reverter os riscos ambientais e a exclusão social. (...) Esta crença cultural na eficácia milagrosa de um conhecimento puramente instrumental é produzida e reproduz o desenraizamento dos humanos de seu solo biológico e planetário, oculta a complexidade da vida e desliga o humano de seus vínculos intrínsecos com a ordem cósmica. [40]

Paula Sibilia:

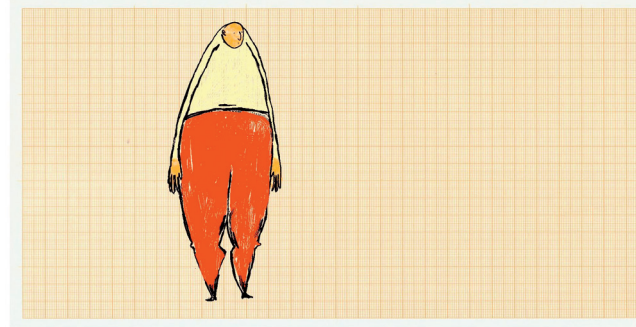
- El ambiente técnico creció y se expandió hasta convertirse en una nueva naturaleza: la ciudad, lo urbano, lo artificial irradiaron sus tentáculos por toda la superficie del planeta, convirtiéndose en el medioambiente “natural” donde los seres humanos viven y se reproducen. La técnica no salió del laboratorio, sino que éste se extendió de manera monstruosa; con la naturaleza acorralada, el tamaño del laboratorio tecnocientífico pasó a coincidir con las dimensiones del mundo. [46]

Anne Cauquelin:

- As atividades paisagísticas, no equilíbrio frágil de sua presença no seio da paisagem contemporânea, relacionam-se com a perda da referência clássica: a de uma terra de dimensões “humanas”. Por que o universo explodiu em satélites, a paisagem foi retalhada, arranjada, construída com arte; as reservas de lazeres e de esteticismos aristocráticos ou burgueses não se configuram mais pela desmedida da guerra dos mundos e das viagens interestelares. A natureza terrestre, sua rica diversidade e até mesmo os matizes pelos quais, não faz muito, ela ainda nos surpreendia e nos maravilhava, não passam de um pormenor ínfimo na organização daquilo que a ultrapassa em grandeza, em força, em energia e, para a maior parte de nós, em mistério. Sóis menos redondos, círculos cujas leis ainda estão para ser descobertas, orbitas helicoidais, buracos negros, estranhos atratores e novos abismos esburacam a pele do mundo domesticado. (...) Medida em atmosfera, atravessada de naves espaciais, surge outra paisagem, que amesquinha os céus vistos através das frondes das alamedas, pelas janelas entreabertas ou acima das cidades elétricas. [17]

Gaston Bachelard:

- Ora, o homem, além de um cérebro, possui também um coração. Como se não havia pois, hoje em dia, de sentir o perigo de uma ciência que, desintegrando-se de uma cultura viva, degenera numa pura técnica?



Como não haveríamos de pressentir que o desenvolvimento técnico mais audacioso só tem sentido, afinal de contas, e justificação também na medida em que melhora as condições de vida e contribui para o seu desenvolvimento? [3]

Cornelius Castoriadis:

- É preciso portanto retomar a interrogação teórica do saber científico sem ignorar que assim fazendo vamos de encontro, frontalmente, à representação comum que o público culto e o outro têm hoje da ciência. Com efeito, por um desses paradoxos aos quais a história acumulou até à náusea aqueles que não se contentam com suportá-la, a época contemporânea, incerta de tudo, gosta de julgar-se certa pelo menos de uma coisa: de seu saber. De fato, às vezes sente um mal estar ao lembrar-se de que só é seu pela mais temerária das sinédoques, de que seus fragmentos não totalizados e talvez não totalizáveis, só existem de posse de algumas corporações cujas línguas não tem mais ligação com a sua e cada vez menos umas com as outras. De fato, ela se interroga periódica e espasmodicamente sobre a relação estabelecida por uma surpreendente falta de relação entre esse pretense saber e a confusão total em que ela vive, a ausência de fins ou de ilusões que lhe faz às vezes, a impossibilidade de definir uma economia de meios destinados a uma proliferação sem precedente, a preocupante confirmação da relação entre $E=mc^2$ pelos cadáveres de Hiroshima e Nagasaki e, mais recentemente, as destruições talvez irreparáveis que com a ajuda desse saber ela pôde infligir em menos de um século ao equilíbrio de uma biosfera velha de bilhões de anos. [16]

Anne Cauquelin:

- Não é lenta a degradação que os empreendimentos humanos infligiram ao solo primitivo, ao clima, à fauna e à flora que assinala o fim da

paisagem, é o sistema formal (grande forma e pequenas formas) tradicional que desmorona inteiro diante da descoberta dos espaços infinitos. [17]

Antônio Almeida:

- Uma planta desfigurada exige um ambiente igualmente desfigurado. [1]

Cornelius Castoriadis:

- Experimentação, quantificação a todo preço, mesmo se trivial ou não pertinente, no mínimo formalização, expansão ilimitada do paradigma cibernético-informacional (...), preocupação exclusiva com o poder fazer e com a organização como fins em si – estes não são, no domínio científico como nos outros, senão os sintomas manifestos da transformação do homo sapiens em homo computans (...). Como surpreender-se com a dificuldade quase insuperável de fazer tomar consciência das questões que ultrapassam esse quadro e virtualmente o destroem; com o fato de que uma tal tentativa não pode ser sentida pelos prisioneiros da caverna científica – o olhar pregado nos seus visores luminosos, nas telas dos aparelhos e nos resultados que saem dos computadores – senão como uma tentativa de reduzi-los à obscuridade, que é, muitas vezes, com efeito, sua própria obscuridade interior? [16]

Anne Cauquelin:

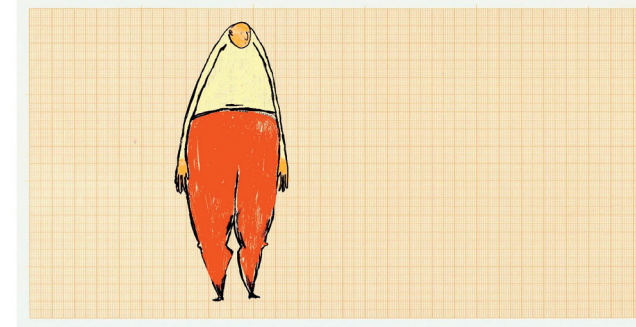
- Não há dúvida de que é por esse viés que a natureza está presente na paisagem, não porque seria uma parte dela, valendo pelo todo, mas porque é produzida por uma sequência de regras, cuja coerência faz um objeto em tudo e por tudo semelhante a um objeto natural. [17]

Tami Buzaité:

- Que ideia pobre, miserável do que seja a vida e do que seja afeto ou amor: Impressiona-me como chegamos num momento de tanta pobreza imaginativa. E como a gente pede por uma fixidez e uma regulação externa tão pobre à qual se deu o nome de "natureza".

Antônio Almeida:

- A representação do ser vivo como uma máquina certamente abriu e ainda abre possibilidades enormes de controle dos fenômenos. Cada passo dado no caminho da fragmentação do ser vivo pela análise reducionista, resultou numa capacidade ampliada de intervenção sobre a realidade. [1]



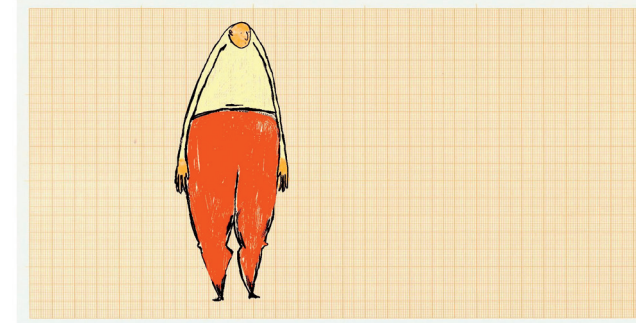
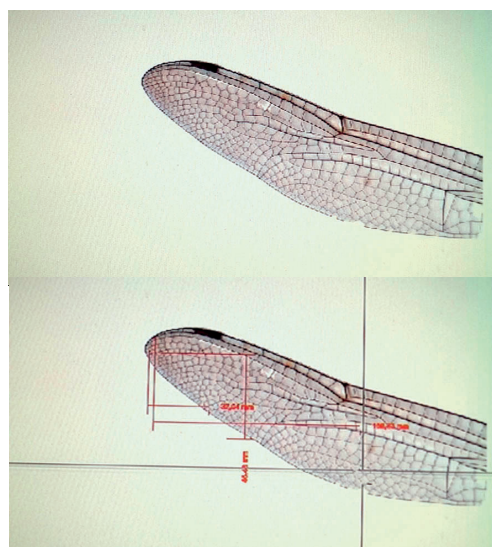
Capa da revista Trends in Plant Science. [50]

Cornelius Catoriadis:

- O imenso trabalho realizado há séculos foi também em parte motivado pela ideia de que o homem poderia assim tornar-se senhor e possuidor da natureza. Os resultados de sua atividade científico-técnica o fariam antes aparecer hoje como a mais nefasta escória do planeta. Lembrem-lhe em todo caso e talvez sob pena de morte, sua inscrição não ultrapassável numa natureza a cuja sutileza e a cuja profundidade suas atividades conscientes não conseguem comparar-se; que é seu habitat, mas não será nunca seu domínio e que o habita tanto quanto ele a habita, como o testemunham sua nova patologia tanto somática quanto psíquica, tanto individual quanto coletiva.

A. Huxley:

- Não apenas não temos o direito de tratar animais como coisas, mas posso dizer mais, não temos direito de tratar nem coisas como coisas. [25]

Hugo Fortes:**Sylvia Leite:**

- Aqueles cujas representações ficaram reduzidas ao domínio da dualidade excludente, do racionalismo simplificador, do materialismo quantificador e da linguagem binária das oposições elementares, o âmbito mental no qual isto não pode ser o outro, perderam de vista a possibilidade de relacionar-se com a polivalência da realidade a partir de outras perspectivas. Permanecem fechados em uma leitura simbólica do mundo e, portanto, não podem articular de forma coerente seu processo cognitivo global. Não estão abertos à possibilidade de uma inspiração integradora. Podem considerar fenômenos isolados separadamente dentro dos parâmetros que lhes resultem familiares, fragmentando a realidade em uma infinidade de parcelas desconexas, e seu temerário universo tende à dissolução. [27]

Lívia:

- É basicamente isso que o aborígene responde às especulações científicas do geólogo no formidável filme de W. Herzog, Onde Sonham as Formigas Verdes [64]:

Geólogo:

- Estudei muito, rochas e estratos geológicos... Eu sei, a terra é redonda e que se move, mas o aspecto real do universo e qual será o seu fim... isto eu não sei. Descobriram estrelas que fogem quase à velocidade da luz dos confins do universo. E não posso me livrar da impressão de que algum dia alguém comprovará que o universo é como a casa de um caramujo, todo enroscado em si mesmo, e que só existe seu interior e nada na parte de fora. E que as estrelas que fogem de nós estão, na verdade, num curso de colisão conosco. Há matemáticos que se ocupam destas teorias, chamam isso de "espaço encurvado"; é assim: Um homem se pendura numa árvore e bamboleia na corda, pra cá e pra lá. Quantas cordas precisariam para não bambolear mais? Quantos pontos de referência para fixar uma posição? Para

fixá-lo num espaço tridimensional? Quantos, hein? Um! Mais uma corda seria suficiente e não balançaria mais. Mas quantas cordas precisaríamos, quantos pontos de referência, para ficarmos imóveis no universo, pois tudo está em movimento, como chegar ao repouso absoluto?

Aborígene:

- Vocês brancos estão perdidos. Vocês não entendem a terra. Muitas perguntas tolas. Nessa terra, sua presença chegará ao fim. Vocês não tem compreensão, objetivo, direção...

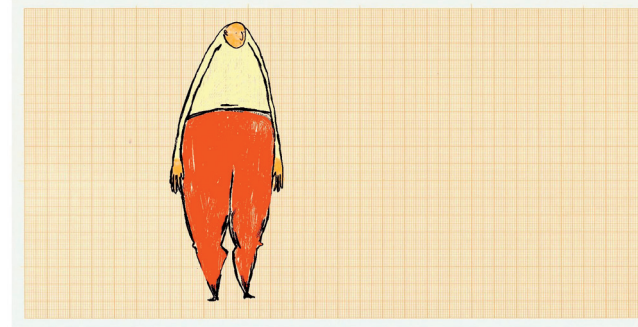
Lívia:

- Argumento que também pode ser resumido nas duas estrofes sabiamente proferidas pelo cacique de uma tribo do Chaco Paraguaio após ouvir a propaganda religiosa proferida pelo pastor Miguel Brun que, nesta monografia seria um cientista:

Você coça. E coça bastante, e coça muito bem.
Mas onde você coça não coça. [22]
(...)

- É verdade, quis saber Atreyu, aquilo que Gmork, o lobisomem, disse das criaturas aniquiladas de Fantasia? Que se transformam em mentiras no mundo dos filhos dos homens?

- Sim, é verdade, replicou a imperatriz criança, e seus olhos dourados se escureceram. Todas as mentiras foram outrora criaturas de Fantasia. São da mesma natureza... mas deformaram-se e perderam sua verdadeira essência. (...) Agora, tudo se converteu em seu contrário: aquilo que pode dar visão, cega. (...) Porém, aquilo que Gmork lhe disse era apenas uma semiverdade, como era de se esperar de uma semicriatura. Há dois



caminhos para se passar pelas fronteiras entre Fantasia e o mundo dos homens, um certo e outro errado. Quando os seres de Fantasia se veem arrastados para o mundo dos homens desta maneira horrível, seguem o caminho errado. Mas quando os filhos dos homens vêm até nosso mundo, tomam o caminho certo. Todos os que nos vêm visitar aprendem coisas que só aqui podem aprender e regressam modificados a seu mundo. Seus olhos se abrem pois eles se veem em seu verdadeiro aspecto. Por isso, também podem olhar com novos olhos seu próprio mundo e os outros homens. Descubrem de repente maravilhas e segredos onde outrora só viam monotonia do cotidiano. Era por isso que eles gostavam de vir até nós. E quanto mais rico e florescente se tornava o nosso mundo graças à visita deles, menos mentiras havia em seu mundo, e mais perfeito também era esse mundo para eles. Tal como nossos dois mundos podem se destruir mutuamente, também podem se salvar. [18]

3º ATO

A ARTE COMO VERDADE

88

Café da tarde: No qual, tendo sido discutidas as implicações de uma ciência fantasiosa, é proposto um novo caminho à busca da verdade que, surpreendentemente, está ligado à imaginação humana!

John Bailey:

- Werner, cometi um erro.

Werner:

- Não, você mentiu, é diferente.

John Bailey:

- Mas você mesmo disse que 'o cinema são mentiras'!

Werner Herzog:

- Como 'o cinema são mentiras'? Há uma diferença. Se você não sabe a diferença, se não sabe mesmo a diferença, por que não se torna um apresentador de televisão? Ou um fiscal? Ou um advogado? Mas não faça filmes.

Incidente no Lago Ness [61]

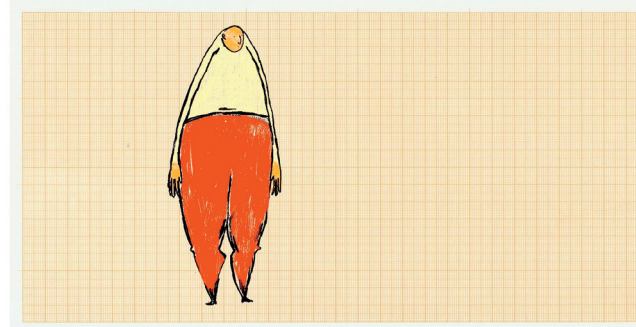
Manoel de Barros:

- Tudo o que não invento é falso. [4]

Tarkovsky:

- Mas o que é a verdade?

Creio que um dos mais desoladores aspectos da nossa época é a total destruição na consciência das pessoas de tudo que está ligado à percepção consciente do belo. (...) Ao se emocionar com uma obra-prima, uma pessoa começa a ouvir em si própria aquele mesmo chamado da verdade que levou o artista a criá-la. [48]



89

Gadamer :

- Procurar por toda parte a experiência da verdade, que ultrapassa o campo de controle da metodologia científica, e indagar por sua própria legitimação, onde quer que a encontre. [2]

Livia:

- Procurar onde, visto a eminente desertificação do nosso imaginário?

Hugo Fortes:

- Em um mundo dominado pelo racionalismo científico, no qual o homem se relaciona com o mundo natural de maneira distanciada, através de modelos e teorias, cabe ao artista repor ao homem um contato mais sensível com a natureza, não mais de forma ingênua e fundante, mas considerando as alterações histórico-científicas e interagindo poeticamente com elas. [20]

Michel Ribon

- No limite, a jazida ou o local privilegiado do belo natural está na pura geografia física (...) até no aspecto e na estrutura dos minerais: as pedras, os geodos ou os cristais, traços de batalhas geológicas, arquivos ou relicários telúricos. Assim, as produções naturais são ainda mais belas quando a Natureza, na sua pródiga gratuidade, parece proceder de modo menos finalista e menos técnico. [38]

Gadamer:

- Neste momento de nossa história, o significado filosófico da arte reside principalmente na circunstância de que são as ciências, sobretudo as ciências naturais, as que determinam o modo de pensar da filosofia. Assim, cada recordação da arte é um corretivo a esse caráter unilateral da orientação moderna do mundo. [2]

Tarkovsky:

- De fato! A imagem artística não pode ser unilateral: exatamente para que possa ser chamada verdadeira, ela deve unir em si mesma fenômenos dialeticamente contraditórios. [48]

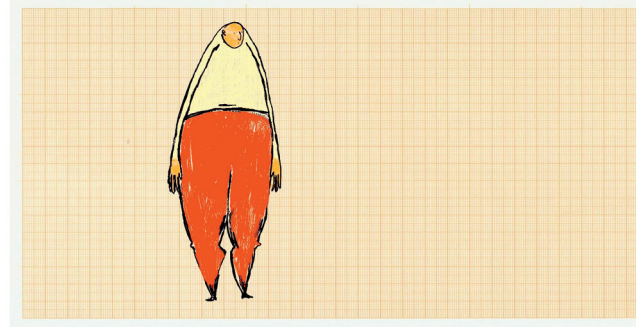
Michel Ribon:

- Assim, voltamos aos locais de beleza natural como aos lugares de uma peregrinação, de uma presença, de um refúgio. Então descobrimos aí algo que a negligência intelectual de uma cultura nos fizera esquecer: a identidade do eu e do mundo, do sujeito e do objeto, do espírito e da natureza, que um dualismo ilusório separara, tanto quanto do absoluto, que é seu fundo comum. Lançada como uma ponte entre o homem e a natureza, a arte só pode refletir, com a vida divina da natureza, a absoluta identidade da natureza e do homem. De essência panteísta, somente a arte realiza a filosofia da identidade. De acordo com Schelling, a função da arte não é agradar, descrever ou refugiar na particularidade; ela permite o acesso do homem ao absoluto. [38]

Tarkovsky:

- Poder-se-ia afirmar que a arte é um símbolo do universo, estando ligada àquela verdade espiritual absoluta que se oculta de nós em nossas atividades pragmáticas e utilitárias.

Para poder penetrar em qualquer sistema científico, uma pessoa deve recorrer a processos lógicos de pensamento, deve chegar a um entendimento que requer como ponto de partida um tipo específico de educação. A arte se dirige a todos, na esperança de criar uma impressão, de ser sobretudo sentida, de ser a causa de um impacto emocional e de ser aceita, de persuadir as pessoas não através de argumentos racionais e irrefutáveis, mas através da energia espiritual com que o artista impregnou a obra. Além disso, a disciplina preparatória que ela exige não é uma



educação científica, mas uma lição espiritual específica. (...) Se a cognição científica, fria e positivista do mundo assemelha-se à ascensão por uma escada infinita, o seu equivalente artístico sugere, por outro lado, um infinito sistema de esferas, cada uma delas perfeita e auto-suficiente. (...) A arte, como a ciência, é um meio de assimilação do mundo, um instrumento para conhecê-lo ao longo da jornada do homem em direção ao que é chamado "verdade absoluta".

Aqui, porém, termina toda e qualquer semelhança entre essas duas formas de materialização do espírito criativo do homem, nas quais ele não apenas descobre, mas também cria. No momento, é muito mais importante perceber a divergência, a diferença de princípio, entre as duas formas de conhecimento: o científico e o estético. [48]

Roland Barthes:

- É de bom-tom, hoje, contestar a oposição das ciências às letras, na medida que relações cada vez mais numerosas, quer de modelo, quer de método, ligam essas duas regiões e apagam frequentemente sua fronteira; e é possível que essa oposição apareça um dia como um mito histórico. Mas, do ponto de vista da linguagem (...) essa oposição é pertinente: o que ela põe frente a frente não é aliás, forçosamente, o real e a fantasia, a objetividade e a subjetividade, o Verdadeiro e o Belo, mas somente lugares diferentes de fala. Segundo o discurso da ciência – ou segundo certo discurso da ciência – o saber é um enunciado; na escritura, ele é uma enunciação (...) as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa. [5]

Tarkovsky:

- Através da arte, o homem conquista a realidade mediante uma experiência subjetiva. (...) Uma descoberta artística ocorre cada vez como

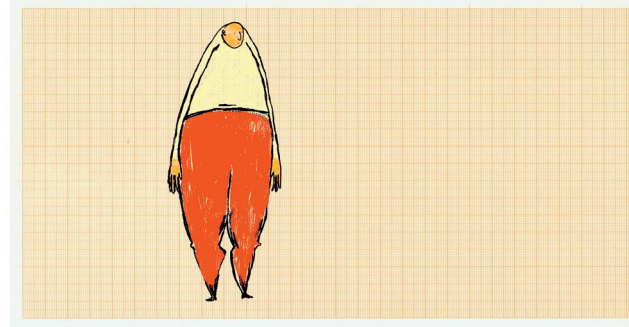
uma imagem nova e insubstituível do mundo, um hieróglifo de absoluta verdade. Ela surge como uma revelação, como um desejo transitório e apaixonado de apreender, intuitivamente e de uma só vez, todas as leis desse mundo – sua beleza e sua feiúra, sua humanidade e sua crueldade, seu caráter infinito e suas limitações. O artista expressa essas coisas criando a imagem, elemento sui generis para a detecção do absoluto. Através da imagem, mantém-se uma consciência do infinito: o eterno dentro do finito, o espiritual no interior da matéria, a inexaurível forma dada. [48]

Samuel Napolitano:

- Ciência é fantasia, a arte imaginação, explico: A Imaginatio não deve, de modo algum, confundir-se com a fantasia. Essa advertência é importante no sentido de nos prevenir da confusão derivada de uma concepção de mundo que só admite a função criadora da imaginação em sentido metafórico. Imaginação é algo real no ser, é órgão de conhecimento “porque cria ser”. O imaginário é o próprio “trajeto antropológico”, o incessante intercâmbio que existe no nível imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (Durand, Gilbert; 1882, p.26). [33]

Manoel de Barros:

- (...) Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.
Fazer cavalo verde, por exemplo.
Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall (...) [4]



Lais Mourão Sá:

- Parece, então, que o princípio do pertencimento traz em seu bojo a questão da subjetividade como uma dimensão intrínseca do conhecimento vivo e humano, e que integrá-la é condição de acesso à objetividade, isto é, à possibilidade de um conhecimento que se sabe pertencente e se quer compatível com a complexidade do vivido. [40]

Roland Barthes:

- Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta (...) A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. [5]

Lívia:

- Sim. Mas cabe ressaltar que, neste caso, por ciências queremos dizer saberes, e não todas as disciplinas científicas da ciência instituída da qual estamos falando.

Boaventura de Sousa Santos:

- A infinita discursividade da arte e da literatura protege o seu caráter artefactual contra o utopismo automático da tecnologia. A arte e

a literatura são apenas aquilo que, por determinadas razões, implica um novo tipo de relação entre contemplação e transformação que subordina a última à primeira (...). O que há nelas de futuro é terem resistido à separação entre sujeito e objeto e entre natureza e cultura, e terem preferido a compreensão do mundo à manipulação do mundo. [42]

Livia:

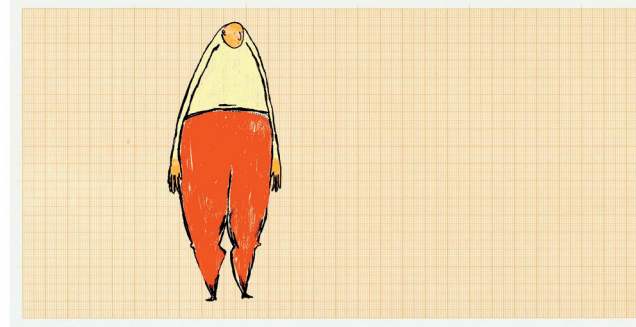
- E, diria também, que a arte leva em consideração o prazer ou o não-prazer estético (que é diferente da ausência de prazer) no seu modo de relacionar-se com o mundo.

Michel Ribon:

- Esse prazer é desinteressado: diferente da satisfação sensual, desligado de qualquer interesse prático ou utilitário, e portanto de qualquer desejo, é além disso independente do que representa o objeto cuja forma, sozinha, espontaneamente se oferece à nossa imaginação, ou seja ao modo de apreensão do sensível. Desinteressado, esse interesse pelo belo de nenhum modo é teórico. (...) quando julgamos bela uma coisa, nunca é em razão do conceito dessa coisa ou de sua significação; a contemplação estética não visa nenhum conhecimento objetivo, isto é, o conhecimento que, num conceito, é determinado pela união da imaginação (a faculdade sensível) e do entendimento (a faculdade dos conceitos), dentro da qual aquela está submetida à jurisdição desta. (...) Por conseguinte, a natureza deixa de me parecer um conjunto de fenômenos submetidos ao meu juízo determinante (e não reflexivo), que intervém em todo conhecimento objetivo. [38]

Boaventura de Sousa Santos:

- Fora do alcance da colonização, manteve-se a irredutível individualidade intersubjetiva do homo ludens, capaz daquilo que Barthes



chamou jouissance, o prazer que resiste ao enclausuramento e difunde o jogo entre os seres humanos. Foi no campo da racionalidade estético-expressiva que o prazer, apesar de semi-enclausurado, se pode imaginar utopicamente mais do que semi-liberto. (...) A racionalidade estético-expressiva une o que a racionalidade científica separa (causa e intenção) e legitima a qualidade e a importância. [42]

Marcel Mauss :

- É preciso recompor o todo. [31]

Lewis Mumford:

- A arte, conseqüentemente, exceto nas suas formas mais triviais e imitativa, não é um substituto da vida nem uma fuga à vida: é uma manifestação de impulsos e valores significantes que não encontram outra forma de expressão. [32]

Pina Baush

- Há situações, é claro, que te deixam absolutamente sem palavras. Tudo o que você pode fazer é insinuar. As palavras, também, não podem fazer mais do que apenas evocar as coisas. É aí que entra a dança. [65]

Livia:

- É aí que entra a dança, a pintura, a música, o cinema...

Ilya Prigogine:

- A fuga de Bach que ressoa no aposento me fornece a melhor analogia desse Universo cuja unidade e o devir tento pensar. (...) Sempre pensei que o único modelo satisfatório para o Universo, uma maneira de devir, regularidades e eventos, era a obra de arte, sobretu-

do a obra musical que constrói seu próprio tempo e cria a estreita via que lhe permite escapar tanto do arbitrário quanto da previsibilidade. É isso que permite à física de escapar de um duplo pesadelo: o de um mundo autômato, em que não à nenhum lugar para a novidade, e o de um mundo absurdo, causal, dominado por um acaso cego. [36]

Arlindo Machado:

- O motor do cinema é o imaginário, que foi o que atraiu o público às salas escuras, e não a promessa de conhecimento. O cinema fará o contraponto necessário à uma época de ofuscamento racional. [28]

Livia:

- Mas nem tudo são flores. O que dizer dos filmes, ou pinturas, ou poesias etc. que apenas reproduzem um discurso hegemônico? Podemos dizer que existe criação em uma comédia romântica, por exemplo, cujo material consiste na exploração de preconceitos e cujo romance se assenta em uma legitimação da heteronormatividade?

Michel Ribon:

- Diz-se que existe criação quando, por seu estilo próprio, o artista renova aos nossos olhos a beleza do mundo. [38]

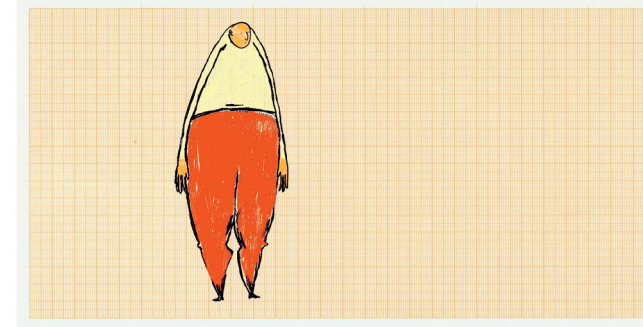
Frans Krajecberg:

- O Homem pensa que cria. Homem não cria nada, quem cria é a natureza. [63]

Livia:

- Então neste caso, qual seria a função da arte?

Immanuel Wallerstein:



- O saber é uma empresa singular, e não há contradições fundamentais entre como podemos consegui-lo no mundo natural e no mundo humano, pois são ambas partes integrais de um universo singular. [49]

Livia:

- E como se dá a comunicação entre ambas as partes?

Eduardo Galeano (respondendo através de um pequeno conto):

- Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar! [22]

Tarkovski:

- É óbvio que a arte não pode ensinar nada a ninguém, uma vez que, em quatro mil anos, a humanidade não aprendeu absolutamente nada.

Se houvéssemos sido capazes de prestar atenção à experiência da arte e de permitir que ela nos modificasse de acordo com os ideais que expressa, já teríamos nos transformado em anjos há muito tempo. A arte tem apenas a capacidade, através do impacto e da catarse, de tornar a alma humana receptiva ao bem. [48]

Immanuel Wallerstein:

- A busca da verdade e a busca da virtude estão inextricavelmente vinculadas. Estamos todos envolvidos, e simultaneamente envolvidos, em ambas.[49]

Gadamer

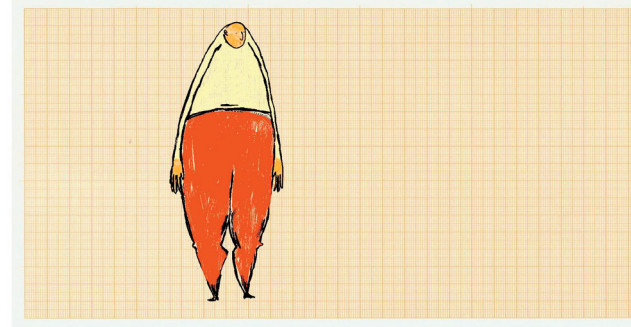
- A experiência da obra de arte não só é o desvelamento do oculto mas, ao mesmo tempo, está realmente aí dentro. Esta dentro como em um recolhimento. A obra de arte é uma declaração que não constitui nenhuma frase enunciativa, porém é o que mais diz. (...) É como um mito, como uma lenda, precisamente por que tanto retém o que diz, como, por sua vez, o brinda. [2]

Almir Ferreira da Silva Jr:

- Enquanto experiência de finitude, a arte é um movimento lúdico, interativo, simbólico, porque sinal de reconhecimento e cuja presença temporal é pura celebração. (...) Como esfera de realização humana, a arte é experiência que ultrapassa o tempo, o que lhe confere um caráter específico quanto a sua temporalidade. [2]

Proust:

- E eis que o mundo (que não foi criado uma vez mas tantas quantas surgiu um artista original) afigura-se-nos inteiramente diverso do antigo mas perfeitamente claro. Mulheres passam pela rua, diferentes daquelas de outrora, pois são Renoir, esses Renoires em que outrora nos recusávamos a ver mulheres. Os carros também são Renoir, e a água, e o céu: temos vontade de passear na floresta semelhante àquela que, no primeiro dia, parecia tudo menos uma floresta, como por exemplo, uma tapeçaria de vários matizes onde, porém, faltavam as nuances próprias às florestas. É esse universo novo e perecível que



acaba de ser criado. Ele durará até a próxima catástrofe geológica que um novo pintor ou um novo escritor original desencadeará. [38]

Lívia:

Uau! Estamos tratando de uma reviravolta... O artista original recria aos nossos olhos o mundo exterior.

Mauricio Adinolfi:

Da exposição "Sobre Ser Animal" - resultado da sua residência no Parque do Zoológico em São Paulo,

4º ATO

OPS! ESCORREGÕES: A ARTE IMITANDO A CIÊNCIA

100

Janta: Muito breve, por tratar-se de assunto indigesto.

Boaventura de Sousa Santos:

- Promovidos pela rápida conversão de ciência em força produtiva, os critérios científicos de eficiência e eficácia logo se tornaram hegemônicos, ao ponto de colonizarem gradualmente os critérios racionais de outras lógicas emancipatórias. [42]

Hugo Fortes:

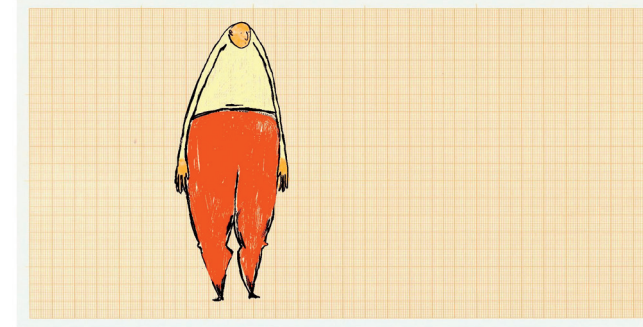
- A produção da imagem da paisagem contemporânea, além de ser informada por toda a produção artística anterior à atualidade, incorpora concepções e modelos advindos da biologia, da arquitetura e da engenharia, da física, da meteorologia e das mais variadas ciências. O artista contemporâneo tem acesso a esses modelos e conceitos científicos e sua visão de mundo já vem contaminada por eles. [20]

Lívia:

- Sim, existem muitas evidências desse movimento. Com relação ao cinema, por exemplo, me parece evidente que a crescente obsessão por uma alta definição que parece não ter limites, está relacionada a esse movimento... sinto que perdemos algo com isso. Me lembrei de uma entrevista com o animador Michel Ocelot, na qual ele critica as animações 3D porque estas quebrariam aquilo que seria o mais interessante da relação entre o filme e a criança, que esta sabe que a história não é real, mas entra nela de corpo e alma mesmo assim.

Win Wenders:

- Atualmente os filmes são totalmente fechados, enclausurados. Não há mais espaço para inserir o sonho. A maioria dos filmes contemporâneos não nos deixa mais nenhum espaço. O que você vê é o que você recebe.



101

Você não precisa sonhar para entrar no filme. Não é preciso introduzir neles o próprio sonho: chegam prontos. [62]

Boaventura:

- Como bem demonstrou a Escola de Frankfurt, para que lhe seja possível advogar a humanidade, numa sociedade em que a humanidade não pode realizar-se, a arte é institucionalizada como autônoma. [42]

Lívia:

- E muitas vezes se torna mais um autômato...

(Todos na mesa lamentam muito)

Lívia:

- Gostaria ainda de fazer uma breve observação antes de partirmos para o 5o ato deste banquete...

Claro que a instituição e a institucionalização da arte envolvem inúmeras problemáticas, este pequeno 4o ato que acaba de ser descrito poderia, sem quaisquer dificuldades de acesso à referências e convidados interessados, estender-se infinitamente pelos longos corredores da Escola de Comunicação e Arte. No entanto, cabe lembrar a todos, proponho essa conversa para um contexto específico, no qual essas não seriam as problemáticas pertinentes, embora sejam sem dúvida mais atuais. No curso de ciências biológicas da ESALQ, tendo sido orgulhosamente mantidas inúmeras tradições centenárias, conservou-se a concepção da arte como um artefato desprovido de utilidade. Quaisquer que sejam as possibilidades de discussões válidas em torno deste termo, sendo ele oriundo não de um questionamento da arte em si mesma, mas de uma perspectiva de mundo utilitarista, cabe dizer que, pelo menos na ESALQ, a arte é restauradora de uma perspectiva integral da natureza.

5º ATO O RESGATE

102

Ceia: Na qual, visto o tardar da hora, é realizada uma espécie de brainstorm com algumas propostas, algumas conversas ou lembranças que, de algum modo, nos sugerem ou remetem a um mundo melhor. Trata-se do momento Miss Universo da monografia e um apelo ao retorno às tradições.

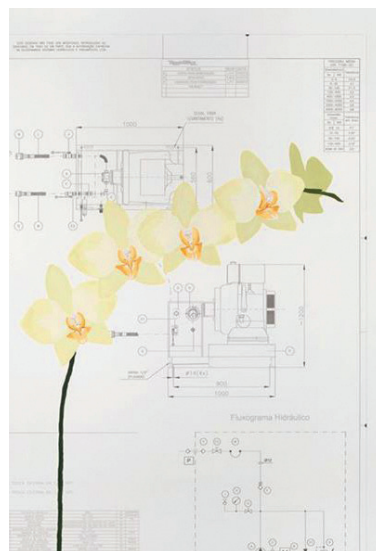
Eduardo Galano:

- Celebração de bodas da razão com o coração...

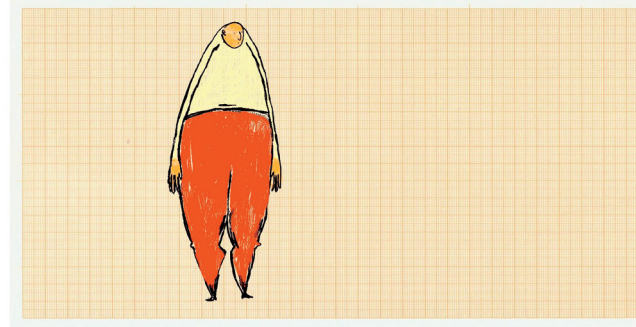
Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração.

Sábios doutores da Ética e da moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra sentipensador para definir a linguagem que fala a verdade.

Mariana Serri:



Da série Áporo (Phallaenopsis), 2013. Óleo e cera sobre desenho de sistema hidráulico em impressão a jato de tinta com pigmento mineral sobre papel de algodão. 66,5 X 49 cm. [21]



103

Boaventura de Sousa Santos:

- Em busca de uma vida melhor, a caminho doutras paragens onde o otimismo seja mais fundado e a racionalidade mais plural e onde, finalmente, o conhecimento volte a ser uma aventura encantada (...) a criação do conhecimento no paradigma emergente reclama para si uma proximidade com a criação literária ou artística. Daí que o discurso científico se aproxime cada vez mais do discurso artístico e literário. [42]

Charles Kiefer:

- Sou professor de Escrita Criativa, com mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Teoria Literária, e como tal solicito equivalência de forma e de tratamento no Currículo Lattes. Ou então que os professores-cientistas produzam textos artísticos também. [26]

Boaventura de Sousa Santos:

- A luta pela justiça social global deve ser também uma luta pela justiça cognitiva global. [41]

Jean Clottes:

- Povos tradicionais e, eu acredito, povos do paleolítico, tinham muito provavelmente dois conceitos que alteram a nossa visão de mundo. São os conceitos de fluidez e permeabilidade. A fluidez significa que as categorias que temos, homem, mulher, cavalo, árvores etc. podem mudar. Uma árvore pode falar; um homem pode se transformar em um animal e o inverso, dadas as circunstâncias. O conceito de permeabilidade é a de que não há barreiras entre o nosso mundo e o dos espíritos; uma parede pode nos falar; pode nos aceitar ou rejeitar. Um xamã, por exemplo, pode enviar o seu espírito para o mundo sobrenatural ou pode receber a visita, dentro de si, de um espírito sobrenatural. Se reunirmos esses dois conceitos, entenderemos o quão diferente era a vida desses povos da nossa.

Almir Ferreira da Silva Jr. (dirigindo-se a Gadamer):

- Isso talvez justifique a razão pela qual seu projeto de uma hermenêutica filosófica tenha se voltado bem menos à teoria da ciência moderna e bem mais ao retorno às tradições. [2]

Boaventura de Sousa Santos:

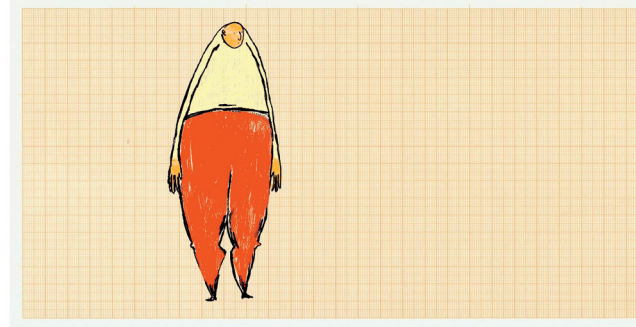
- Como ecologia de saberes, o pensamento pós-abissal tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico. (...) Um exemplo ilustra o que está em jogo. O filósofo ganiano Kwasi Wiredu afirma que na cultura e língua Akan, do Gana (grupo étnico a que pertence) não é possível o preceito cartesiano “cogito ergo sum”(1990, 1996). A razão é que não há palavras para exprimir tal ideia. “Pensar”, em Akam, significa “medir algo”, o que não faz sentido quando acoplado à ideia de ser. [41]

Neil Postman:

- A ciência pode dizer-nos quando um coração começa a bater, ou quando começam os movimentos, ou quais são as estatísticas sobre a sobrevivência dos recém-nascidos de diferentes idades gestacionais fora do útero. Mas a ciência não tem mais autoridade que você ou eu para estabelecer critérios sobre a “verdadeira” definição de “vida”, de estado humano ou de pessoa. [35]

Boaventura de Sousa Santos:

- O conhecimento-emancipação privilegia o próximo como forma de conceber e compreender o real, mesmo que o real seja global ou futuro. Só a ligação à proximidade, mesmo uma proximidade nova e desconhecida, pode conduzir ao reencantamento do mundo. [42]

**Antônio Almeida:**

- A desalienação seria a apropriação subjetiva do objeto fora da pele. Apropriação esta realizada pela transformação histórica das bases subjetivas e também pela transformação efetiva, pela humanização do objeto fora da pele. [1]

Cornelius Cartoriadis:

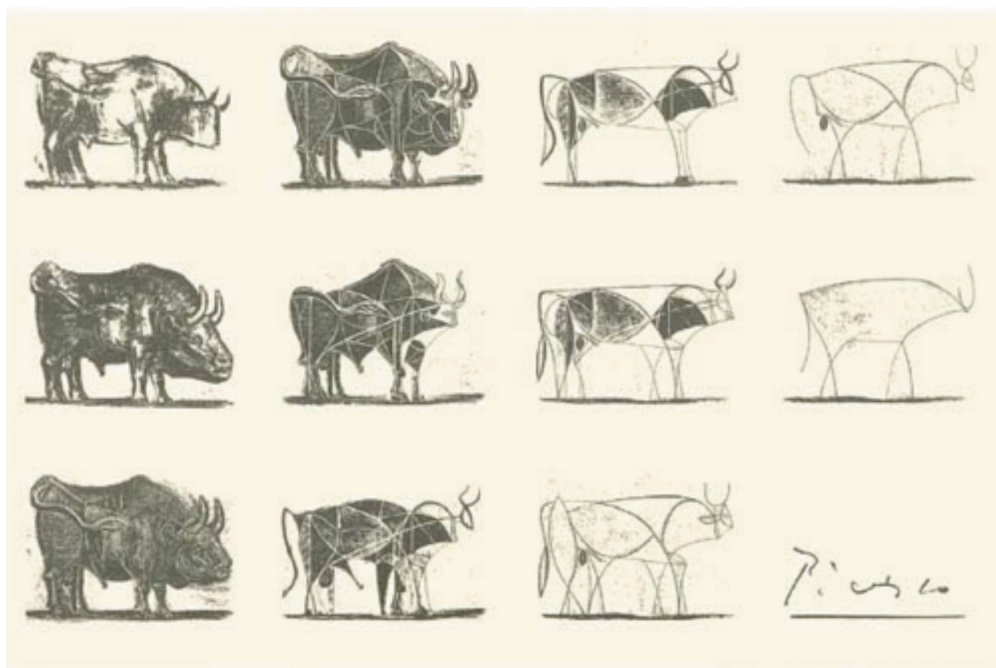
- É necessário que reflitamos o mundo atual de relação entre as disciplinas científicas particulares e sua relação com a filosofia; é necessário que questionemos a sua separação praticada e instituída, portanto, que questionemos o tipo de separação do trabalho que as domina. (...) Que poderia ser, com efeito, o questionamento da instituição social da ciência contemporânea fora de um questionamento da sociedade instituída? (...) E como essa instituição poderia ser abolida na forma atual, sem um abalo radical da organização interna do saber e do trabalho científico que lhe é congruente? (...) A transformação da sociedade exigida por nosso tempo é comprovada como inseparável da auto-superação da razão.

Tami:

- Se houve um momento em que o humanismo teve que criticar o estado religioso, os dogmas religiosos que limitavam o conhecimento e a ciência, acho que estamos num novo momento no qual é a ciência que tem que ser colocada em cheque como perpetradora de verdades e dogmas, de cristalizações e limitadora de direitos.

Boaventura de Sousa Santos:

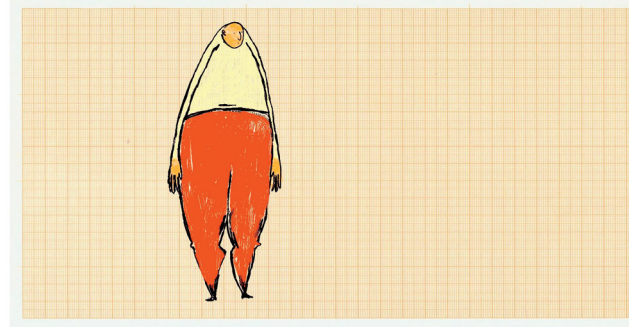
- Na ecologia de saberes, a ignorância não é necessariamente um estado original ou ponto de partida. Pode ser um ponto de chegada. Pode ser o resultado do esquecimento ou desaprendizagem implícitos num processo de aprendizagem recíproca. [41]



Bull (Plates I – XI), 1945.

Mumford:

- Mesmo na pintura rupestre paleolítica, mais antiga, o artista revela-nos mais dos que o simples fato de ter observado o bisonte cuidadosamente, ou de tê-lo venerado como um animal totem: revela igualmente, na genuína qualidade de seu traço – na sua seletividade, a sua segurança e ritmo expressivo – algo ainda mais essencial acerca da natureza da sua própria experiência e cultura. [32]

**Jean Clottes:**

- O humano foi descrito de muitas formas; por um período ele foi o “Homo sapiens”, ele ainda é chamado assim, “o homem que sabe”. Não acho que seja uma boa definição, nós não sabemos tanto assim. Eu prefiro “Homo spiritualis”.

Lívia:

- Essa diferente definição com certeza afetaria muito a nossa visão da história do Homem, a relação que mantemos com o meio e com os demais animais. É possível que essa denominação simbolicamente nos aproximasse tanto dos Homens que nos precederam quanto das demais espécies de seres vivos.

Herzog:

- A caverna se transforma em um mundo encantado do imaginário (...) em uma reentrância inacessível da caverna, há uma pegada de um garoto de 8 anos perto da pegada de um lobo. Um lobo faminto teria perseguido o garoto? Ou eles andavam juntos como amigos? [58]

Guimarães Rosa:

- Que já houve um tempo em que eles conversavam, entre si e com os outros homens, é certo e indiscutível, pois que bem comprovado nos livros das fadas carochas.

Mas, hoje-em-dia, agora, agorinha mesmo, aqui, aí, ali, e em toda parte, poderão os bichos falar e serem entendidos, por você, por mim, por todo o mundo, por qualquer filho de Deus? [39]

Lívia:

- Não sei, mas adoro o vídeo de Marcus Coates – A guide to British non-passerines – no qual ele reproduz o canto de aves. Como se, ao fazer isso, uma certa lógica fosse invertida, e não mais tentássemos inutilmente enquadrar os animais em nossos termos, mas nossa busca consistisse em nos comunicarmos com eles através de suas próprias linguagens.

(...)

Matty Crompton:

- O livro que imaginei para escrever não é um estudo científico importante. Não exigiria uma vida inteira de trabalho. (...) Creio que, se escrever uma história natural das colônias durante um ano – ou dois, caso haja necessidade absoluta –, teria algo deveras interessante para utilizar seus vastos conhecimentos para analisar as vidas destas criaturas – comparando, introduzindo os semelhantes amazônicos – e contar tudo de um modo popular com anedotas, folclore, e relatos do modo como as observações são realizadas...

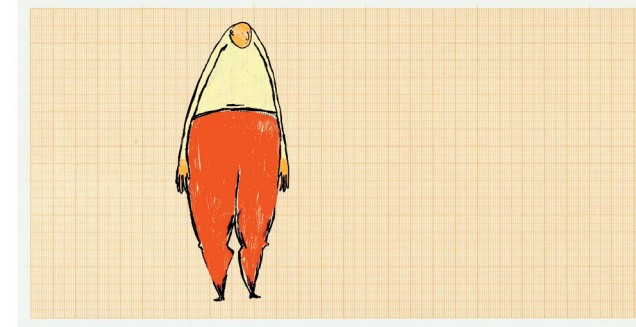
Ela olhou em seus olhos. Seus próprios olhos negros brilhavam. Ele entendeu a ideia.

William Adamson:

- Pode ser interessante – pode ser até divertido... [14]

Roland Barthes:

- Ficção de um indivíduo (algum Sr. Teste às avessas) que abolisse nele as barreiras, as classes, as exclusões, não por sincretismo, mas por



simples desse velho espectro: a contradição lógica; que misturasse todas as linguagens, ainda que fossem consideradas incompatíveis; que suportasse, mundo, todas as acusações de ilogismo, de infidelidade; que permanecesse impassível diante da ironia socrática (levar o outro ao supremo opróbrio: contradizer-se) e o terror legal (quantas provas penais baseadas numa psicologia da unidade!). Este homem seria a abjeção de nossa sociedade: os tribunais, a escola, o asilo, a conversação, convertê-lo-iam em um estrangeiro: quem suportaria sem nenhuma vergonha a contradição? Ora este contra-herói existe: é o leitor de texto; no momento em que se entrega a seu prazer. Então o velho mito bíblico se inverte, a confusão das línguas não é mais uma punição, o sujeito chega à fruição pela coabitação das linguagens, que trabalham lado a lado: o texto de prazer é a Babel feliz. [6]

Boaventura Sousa Santos:

- O prazer é a marca estética do novo senso comum. [42]

Roland Barthes:

- Toda uma pequena mitologia tende a nos fazer acreditar que o prazer (e singularmente o prazer do texto) é uma ideia de direita. À direita, expede-se para a esquerda, com um mesmo movimento, tudo o que é abstrato, aborrecido, político, e as pessoas guardam para si o prazer: sejam bem vindos entre nós, vocês que chegam enfim ao prazer da literatura! E à esquerda, por moral (esquecendo-se os charutos de Marx e Brecht), suspeita-se, desdenha-se qualquer resíduo de hedonismo". À direita, o prazer é reivindicado contra a intelectualidade, o clericalismo: é o velho mito reacionário do coração contra a cabeça, da sensação contra o raciocínio, da "vida" (quente) contra a "abstração" (fria): o artista não deve, segundo o sinistro preceito de Debussy, "procurar humildemente causar prazer"? À esquerda, opõe-se o conhecimento, o método, o compromisso, o combate, a "simples deleitação" (no entanto, e se o próprio conhecimento fosse

por sua vez delicioso?). Dos dois lados, a ideia bizarra de que o prazer é coisa simples, e é por isso que o reivindicam ou o desprezam. O prazer; entretanto, não é um elemento do texto, não é um resíduo ingênuo; não depende de uma lógica do entendimento e da sensação; é uma deriva, qualquer coisa que é ao mesmo tempo revolucionária e associal e que não pode ser fixada por nenhuma coletividade, nenhuma mentalidade, nenhum dialeto. Qualquer coisa de neutro? É fácil ver que o prazer do texto é escandaloso: não porque é imoral, mas porque é atópico. [6]

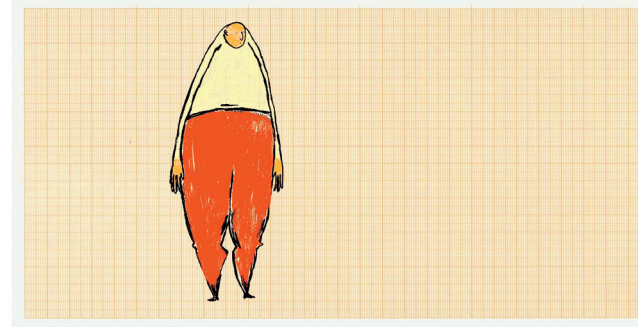
Tarkovski:

- Além disso, a grande função da arte é a comunicação, uma vez que o entendimento mútuo é uma força a unir as pessoas, e o espírito de comunhão é um dos mais importantes aspectos da criação artística. Ao contrário da produção científica, as obras de arte não perseguem nenhuma finalidade prática. A arte é uma metalinguagem com a ajuda da qual os homens tentam comunicar entre si, partilhar informações sobre si próprios e assimilar a experiência dos outros. [48]

Wolfgang Tillmans:



Deer Hirsch. Chromogenic print. Edição 2/10, imagem: 10 3/16 × 15 polegadas (25,9 × 38,1 cm); folha: 12 × 16 polegadas (30,5 × 40,6 centímetros). 1995 [55]



Tarkovski:

- Pois, afinal, o pensamento é efêmero, ao passo que a imagem é absoluta. [48]

POSFÁCIO

Vinho do Porto: Apenas Anne Cauquelin, Sartre e Livia ainda estão acordados. Livia, já cansada, apenas escuta.

Anne Cauquelin:

- Se a árvore fosse uma árvore e simplesmente uma árvore, se o rochedo fosse apenas uma massa pedregosa de formas atormentadas, se o regato fosse água apenas, não contemplaríamos uma paisagem, mas uma sucessão de objetos justapostos. Ora, nós preenchemos essas formas com conteúdos por meio de um transporte de atributos comumente admitidos. [17]

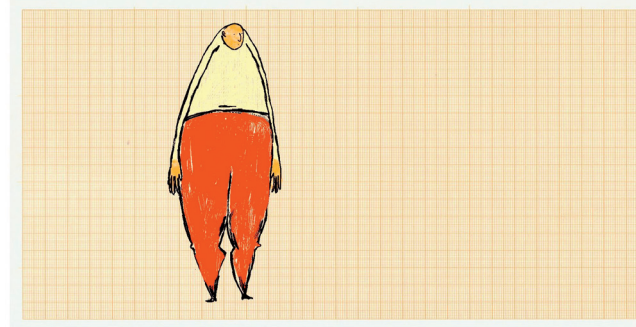
Sartre:

- E bruscamente, num repente, rasga-se o véu; compreendi, vi.

Seis horas da tarde

- Não posso dizer que me sinto aliviado nem contente; pelo contrário, estou esmagado. Somente atingi o meu fito: sei o que queria saber; compreendi finalmente tudo o que vem me sucedendo desde o mês de janeiro. A náusea não me abandonou, e não creio que me abandone tão cedo; mas deixei de sofrer com ela, não se trata já duma doença nem dum acesso passageiro: a Náusea sou eu.

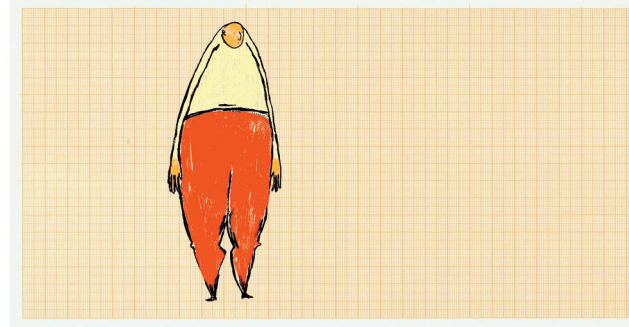
Estava então há bocadinho no jardim. A raiz do castanheiro mergulhava na terra, mesmo por baixo do meu banco. Não me lembrava, porém, que era uma raiz. As palavras tinham evaporado, e, com elas o significado das coisas, os seus modos de emprego, os pálidos pontos de referência que os homens lhes traçaram à superfície. Estava sentado, um pouco curvado, cabisbaixo, sozinho em frente daquela massa negra e nodosa, completamente em bruto e que me metia medo. E depois tive aquela iluminação.



Fiquei sem respiração. Nunca, antes destes últimos dias, eu tinha pressentido o que queria dizer <<existir>>. Era como os outros, como os que passeiam a beira mar nos seus trajes de Primavera. Dizia, como eles: <<O mar é verde; aquele ponto branco, acolá, é uma gaivota>>; mas não sentia que essas coisas existiam, que a gaivota era uma <<gaivota existente>>; geralmente a existência esconde-se. Está presente à nossa volta, em nós, somos nós; não se podem dizer duas palavras sem falar dela, e afinal não lhe tocamos. Quando eu julgava pensar nela, é de crer que não pensava em nada, tinha a cabeça vazia, ou quando muito uma palavra na cabeça, a palavra <<ser>>. Ou então pensava... como dizer? Pensava na filiação; dizia para comigo que o mar pertencia à classe dos objetos verdes, ou que o verde fazia parte das qualidades do mar. Mesmo quando olhava para as coisas, estava a cem léguas de sonhar que elas existiam: as coisas apareciam-me como um cenário. Pegava nelas, elas serviam-me de utensílios, previa-lhes a resistência. Mas tudo isso se passava a superfície. Se me tivessem perguntado o que era a existência, teria respondido de boa fé que não era nada, que era apenas uma forma vazia que vinha juntar-se às outras por fora, sem lhes modificar em nada a natureza. E depois sucedeu aquilo: de repente, ali estava, era claro como a água: a existência dera-se subitamente a conhecer. Perdera o seu aspecto inofensivo de categoria abstrata: era a própria massa das coisas; aquela raiz estava amassada em existência. Ou antes, a raiz, o gradeamento do jardim, o banco, a relva rala do tabuleiro, tudo se tinha evaporado: a diversidade das coisas, a sua individualidade, já não era mais que uma aparência, um verniz. Esse verniz derreteria-se; restavam massas monstruosas e moles, em desordem – nuas, duma medonha e obscena nudez.

Eu fugia a fazer o menor movimento, mas não precisava me mexer para ver, por trás das árvores, as colunas azuis e o lampadário do coreto, e a Véleda, no meio dum tufo de loureiros. Todos aqueles objetos – como dizer? me incomodavam; teria desejado que existissem com menos in-

tensidade, duma maneira mais seca, mais abstrata, com mais recato. O castanheiro metia-se-me pelos olhos dentro. Cobria-o até meia altura uma ferrugem velha; a casca, negra e empolada, parecia de couro fervido. O leve ruído da água da fonte Masqueret escorria-me pelos ouvidos e fazia neles um ninho, enchia-os de suspiros; as narinas transbordavam-me dum odor verde e pútrido. Todas as coisas, suave, ternamente, se entregavam à existência como essas mulheres cansadas que se abandonam ao riso dizendo com uma voz molhada: <<Rir faz bem>>; exibiam-se umas em frente das outras, faziam uma às outras a confiança abjeta da sua existência. Percebi que não havia meio termo entre a inexistência e aquela abundância extática. A existir-se, era necessário existir até àquele ponto, até ao bolor; à tumidez, à obscenidade. Num outro mundo, os círculos, as melodias, conservam as suas linhas puras e rígidas. Mas a existência é um aviltamento. Árvores, pilares tingindo-se de azul ao crepúsculo, o estertor feliz duma fonte, odores que tinham vida, nevoeirozinhos de calor que boiavam no ar frio, um homem ruivo a fazer a digestão sentado em um banco: todas essas sonolências, todas essas digestões, consideradas juntamente, ofereciam um aspecto vagamente cômico. Cômico... não: não chegava a ser cômico; nada do que existe pode sê-lo; era como uma analogia imprecisa, quase imperceptível com certas situações de vaudeville. Éramos um montão de existentes incômodos, embaraçados com nós mesmos; não tínhamos a menor razão para estar ali, nem uns nem outros; cada existente, confuso, vagamente inquieto se sentia de mais em relação aos outros. De mais: era a única relação que eu podia estabelecer entre aquelas árvores, aquelas grades, aquelas pedras. Em vão procurava contar os castanheiros, situá-los em relação à Véleda, comparar-lhes a altura com a dos plátanos: cada um deles fugia às relações em que eu procurava encerrá-los, se isolava, transbordava. Essas relações (que eu teimava em manter para adiar o desabamento do mundo humano, das medidas, das quantidades, das direções), bem lhes sentia o arbitrário; tinham deixado de

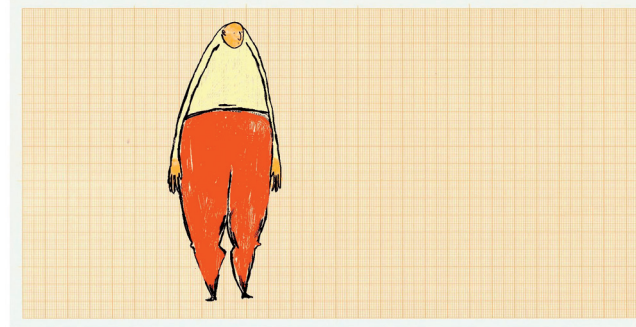


morder nas coisas. De mais, o castanheiro, ali, na minha frente, um nadinha à esquerda, De mais, a Véleda...

E eu – molenga, langue, obsceno, digerindo, chocalhando pensamentos sombrios –, eu também era ali de mais. Felizmente não o sentia, compreendia-o sobretudo, mas não estava à vontade, porque tinha medo de passar a senti-lo (ainda nesse momento tenho medo; tenho medo de que esse sentimento se aproxime por trás de mim, e me apanhe à traição, e me levante como uma onda submarina). Pensava vagamente em suprimir-me para aniquilar ao menos uma daquelas existências supérfluas. Mas até a minha morte teria sido de mais. De mais, o meu cadáver, o meu sangue tingindo aquelas pedras ao fundo daquele jardim risonho. E a carne roída teria sido de mais no seio da terra que a tivesse recebido, e os meus ossos, enfim, destacados, descarnados, limpos e polidos como dentes, ainda teriam sido de mais: continuarei eternamente a ser de mais.

Vem-me agora à pena a palavra <<absurdo>>; há bocadinho, no jardim, não encontrei, mas também não a procurava, não precisava delas: ia pensando sem palavras, sobre as coisas, com as coisas. O absurdo não era uma ideia na minha cabeça, nem um sopro da voz, mas aquela longa serpente morta aos meus pés, aquela serpente de madeira. Serpente ou unha de carnívoro ou raiz ou garra de abutre, pouco importa. E sem formular claramente nenhum pensamento, eu compreendia que tinha encontrado a chave da Existência, a chave das minhas Náuseas, da minha própria vida. De fato, tudo quanto pude alcançar em seguida me fez voltar à noção desse absurdo fundamental. Absurdo: outra palavra, afinal; debato-me com palavras; no jardim cheguei a atingir as coisas. Mas gostava de fixar aqui o caráter absoluto daquele absurdo. Um gesto, um acontecimento no pequeno mundo colorido dos homens nunca é absurdo senão relativamente: em relação às circunstâncias que o acompanham. As palavras dum doido, por exemplo, são absurdas em relação à situação em que ele se encontra, mas não em relação ao seu delírio. Mas eu, ainda agora, tive a experiência

do absoluto: o absoluto ou o absurdo. Aquela raiz, não havia nada em relação a ela que não fosse absurdo. Oh! Como poderei fixar isso com palavras? Absurda: em relação as pedras, aos tufo de ervas amarelas, à lama seca, à árvore, ao céu, aos bancos verdes. Absurda, irreduzível; nada – nem sequer um delírio profundo e secreto da natureza - podia explicá-la. É claro que eu não sabia tudo, não tinha visto a semente germinar nem a árvore crescer: Mas, diante daquela espessa massa rugosa, nem a ignorância nem o saber tinham importância: o mundo das explicações e das razões não é o da existência. Um círculo não é absurdo: explica-se muito bem pela rotação dum segmento de reta em torno de uma das suas extremidades. Mas também um círculo não existe. Aquela raiz, pelo contrário, existia na medida em que eu não podia explicá-la.” [44]



ANEXOS

PEDACINHOS DE CONVERSAS

QUE SE DERAM NOS BASTIDORES:

118

Pina Baush

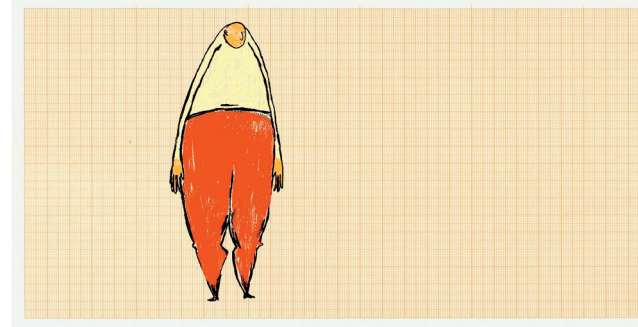
- Dance, dance, se não estamos perdidos. [65]

Antônio Almeida:

- Na ecologia, quando você escolhe a área de estudo, você escolhe os resultados. [56]

William Adamson:

- Há formigas, conhecidas como repletas, penduradas em depósitos, como pipas de vinho, inchadas de néctar armazenado. E os machos, também, especializaram-se ao extremo como operários nas fábricas, são mãos especializadas na fabricação de alfinetes ou prateleiras. Sua existência inteira se direciona apenas para a dança nupcial e a fertilização das rainhas. Seus olhos são imensos e argutos. Os órgãos sexuais, conforme se aproxima o dia fatal, ocupam o corpo quase inteiro. São projéteis voadores apaixonados, na verdade não passam de setas flamejantes do deus do Amor, cego e alado. E, depois de seu dia de glória, passam a ser desnecessários e indesejados. Correm de um lado para outro, sem meta, arrastando as asas. Em sua maioria, são rechaçados à porta do formigueiro natal, e fogem para morrer nas tardes frias do final do verão e início do outono. Como os zangões das colmeias, eles não trabalham, nem fiam, embora, assim como os zangões, sejam mimados nos estágios iniciais de suas vidas, como parasitas formosos e tolerados, que sujam e perturbam a calma labuta das colônias, que precisam ser alimentados com néctar e limpos depois, nos túneis. Os zangões também, conforme se aproxima o outono, caminham para seu terrível destino. Certa manhã, na colmeia, uma Autoridade misteriosa arma e alerta as obreiras, que atacam as hordas adormecidas de preguiçosos e passam a esquartejá-los, arrancando membros, cortando, furando, cegando, atirando-os sangrando porta afora e recusando admissão, sem o menor remorso. Como a natureza é pródiga



119

em sementes, em gerar filhos: cria milhares para que um possa transmitir sua herança a filhos e filhas.

“Muito eloquente”, comentou Matty Crompton, seca. “Sinto uma imensa piedade destes pobres machos inúteis. Devo admitir que nunca os considere sob esse ângulo antes. Não acha que pode ter escolhido uma retórica por assim dizer antropomórfica?”. [14]

Dra Zira:

E quanto a sua teoria? Alguém como Taylor pode talvez comprová-la.

Cornelius:

Zira, você quer ver a minha cabeça rolar?

Dra. Zira:

Não seja tolo, se for verdade eles vão ter que aceitar!

Cornelius:

Não, não vão.

Dra. Zira (para Taylor):

Cornelius desenvolveu a hipótese mais brilhante de que o Macaco evoluiu de uma espécie inferior de primata, possivelmente o homem.

Cornelius:

A evidência é muito pouca.

Dra. Zira:

Você não pensava assim.

Cornelius:

Isso foi antes de Dr. Zirus e a academia dizerem que a minha teoria era uma heresia.

Dra. Zira:

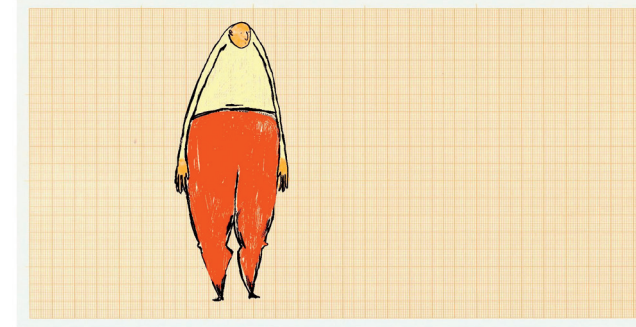
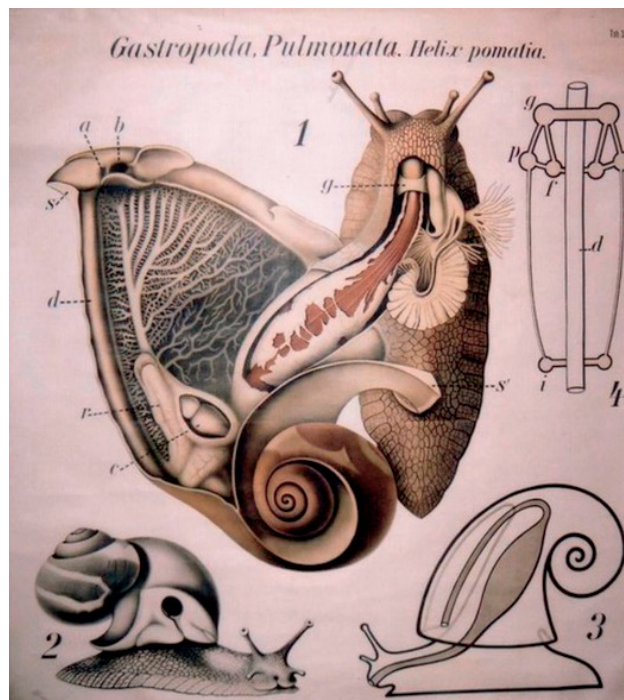
E como uma prova científica pode ser uma heresia? E se Taylor for a evidência que faltava? Uma mutação, um elo perdido entre o primata e o Macaco?

Taylor:

Eu não sou um elo perdido!

O Planeta dos Macacos [66]

Roland Barthes:



- Pois o que pode ser opressivo num ensino não é finalmente o saber ou a cultura que ele veicula, são as formas discursivas através das quais ele é proposto. [5]

Lívia:

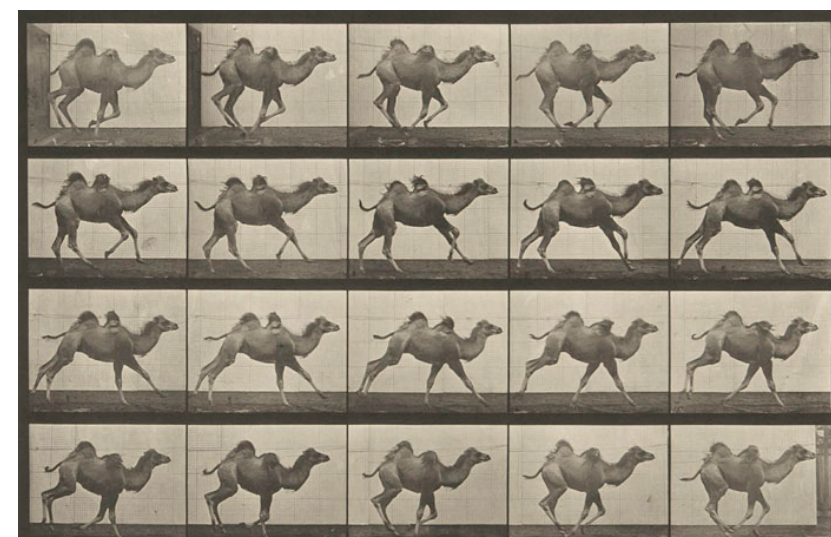
- E eis o cadáver do caracol:

Mariana Serri:

-Você tem de por algumas imagens do Muybridge na sua monografia, não?

Lívia:

- Por quê?



Bactrian Camel
Gallopian. Eadweard

Mariana Serri:

- Ora, porque são imagens muito fascinantes, e são fotografias cujos objetivos iniciais eram de cunho científico, tratavam-se de investigações acerca da anatomia do corpo animal.

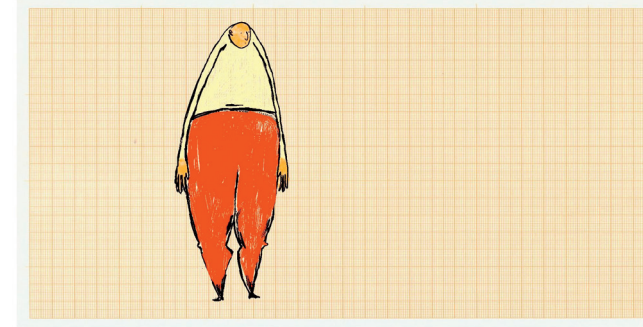
Livia:

- Mas o fascínio está no conhecimento ou na estética das fotografias?

Alberto Manguel (contando um caso):

- Em 1923, um grupo de jovens sapadores estava fazendo um levantamento topográfico de uma parte inacessível da África. Ao final de um dia duro de trabalho, sob o sol tropical, faltava uma única montanha para ser representada na prancheta topográfica. Os homens estavam ansiosos para regressar à base; um deles percebeu que se tratava de uma colina que poderia ser facilmente desenhada, com os olhos da fé e um pouco de imaginação. A sugestão foi aprovada. Os jovens investidos recortaram a imagem de um elefante de uma revista, fixaram-na em seu mapa e desenharam ao redor dela, criando assim a silhueta de um morro. A colina com forma de elefante ainda pode ser vista atualmente no canto noroeste da folha 17 de África (Gold Coast), nas British Maps Series, na escala 1:62.5000.

Essa vitória da imaginação (ou do bom senso) sobre o dever, sobre as restrições da verdade factual, é evidentemente rara. O mundo que chamamos de real tem fronteiras intransponíveis em que o velho princípio de que dois corpos (sem falar de duas montanhas) não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo é rigorosamente observado. Nosso dicionário, porém, trata de uma geografia mais generosa, na qual há sempre lugar para mais uma cidade, uma ilha ou um reino. [30]

Michel Ribon:

- A razão da arte é não o oculto, o incomunicável, o diferente, mas o manifesto, o explícito, o universal. Um quadro é um encontro que nos libera de toda particularidade e, no instante do olhar que o descobre, torna-nos absolutamente bons.[38]

Arqueólogo (Julien Monev):

- Estamos avançando para criar uma nova compreensão da caverna por meio da precisão de métodos científicos, mas esse não é o objetivo principal, o objetivo principal é criar histórias do que pode ter ocorrido na caverna durante o passado.

Herzog:

- É como se vocês criassem a lista telefônica de Manhattan com 4 milhões de assinantes precisos, mas será que eles sonham, choram à noite? Quais suas famílias? Quais as suas esperanças? Vocês nunca saberão com uma lista telefônica.

- Sem dúvida, nunca saberemos, pois o passado está definitivamente perdido. Nós nunca reconstruiremos o passado. Nós só podemos criar uma representação do que existe hoje. Você é um ser humano, eu sou um ser humano, quando entramos na caverna eu tenho a minha experiência anterior...

Herzog:

- O que você fazia antes?

Arqueólogo:

- Eu trabalhava no circo, mas troquei pela arqueologia.

Herzog:

- No circo? Você era um domador de leões?

Arqueólogo:

- Não, eu não era domador de leões, eu andava de monociclo e fazia malabarismos. A primeira vez que entrei na caverna de Chauvet eu tive a chance de entrar durante 5 dias. Foi tão intenso que eu sonhava toda noite com leões. Todo dia era o mesmo choque para mim, era um choque emocional. Eu digo, eu sou um cientista, mas também sou um ser humano. Após 5 dias eu decidi não voltar à caverna porque eu precisava de tempo para relaxar, precisava de tempo para...

Herzog:

- Para absorver tudo?

Arqueólogo:

- Isso mesmo.

Herzog:

- Você sonhava não com pinturas de leões, mas com leões de verdade?

Arqueólogo:

- Eu sonhava com ambos.

Herzog:

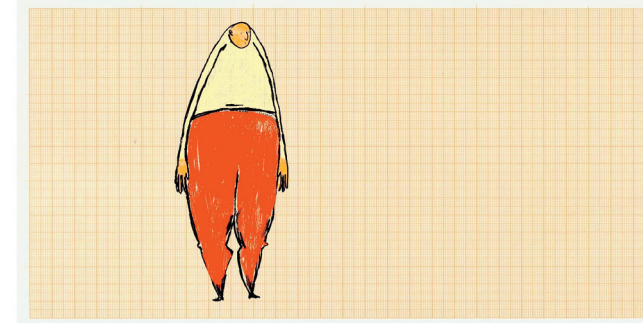
- E você tinha medo?

Arqueólogo:

-Eu não sentia medo, não era medo. Era mais uma sensação de imagens poderosas e profundas...

REFERÊNCIAS

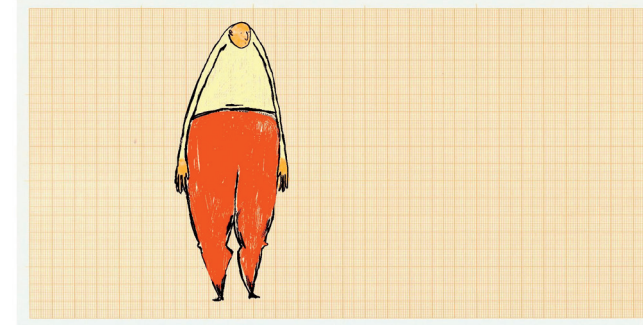
1. Almeida, Antônio Ribeiro Jr de. A planta desfigurada: crítica das representações de planta como máquina química e como mercadoria. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo. 1995.
2. Almir Ferreira da Silva Junior. Estética e hermenêutica em Gadamer: A arte como declaração de verdade em Gadamer. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo. 2005.
3. Bachelard, Gaston. O Homem Perante a Ciência. Europa América. 1967
4. Barros, Manoel de. Memórias inventadas. Planeta. 2008.
5. Barthes, Roland. Aula. Cultrix. 2004.
6. Barthes, Roland. O prazer do texto. Perspectiva. 2008.
7. Baudrillard, Jean. Simulacros e simulação. Relógio D'água. 1991.
8. Beauvoir, Simone de. O segundo sexo. Vol. I. Nova Fronteira. 1981
9. Bondia, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber



- de experiência. Palestra proferida no 13º COLE-Congresso de Leitura do Brasil, realizado na Unicamp, Campinas/SP, no período de 17 a 20 de julho de 2001.
10. Borges, Jorge Luis. O livro dos seres imaginários. Companhia das letras. 2007.
 11. Bourdieu, Pierre. Livre troca de diálogos entre ciência e arte. Bertrand Brasil. 1995.
 12. Burroughs, William. O gato por dentro. L&pm. 2010.
 13. Butler, Judith. Problemas de gênero. Civilização brasileira. 2003.
 14. Byatt, A. S. Anjos e insetos. Companhia das Letras. 1994.
 15. Caetano, Érica Antonia. O insólito em "Conversa de bois". O Insólito e a Literatura Infanto-Juvenil. III Encontro Nacional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional. Instituto de Letras da Uerj - 19 a 20 de Abril de 2011.
 16. Castoriadis, Cornelius. As encruzilhadas do labirinto. Vol I. Paz e

terra. 1997.

17. Cauquelin, Anne. A invenção da paisagem. Martins. 2007.
18. Ende, Michel. A história sem fim. Martins Fontes. 1999.
19. Feyerabend, Paul. Contra o Método. UNESP. 2007.
20. Fortes, Hugo. Transversalidades entre arte e ciência nas imagens da natureza contemporânea. 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais – 21 a 26/09/2009 - Salvador, Bahia.
21. Foucault, Michel. As palavras e as coisas. Martins Fontes. 2002.
22. Galeano, Eduardo. O livro dos abraços. L&pm. 2012.
23. Grillo, Nícia de Queiroz. Histórias da Tradição sufi. Dervish.

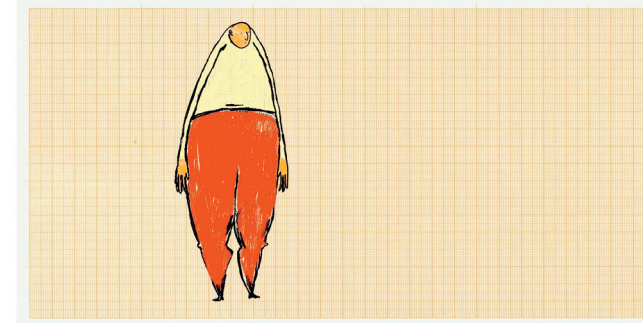


1993.

24. Guénon, René. A crise do mundo moderno. Vega. 1977.
25. Huxley, A. A situação humana. Globo. 4a ed. 1992.
26. Kiefer, Charles. A arte não pode ser inferior á ciência. (http://charleskiefer.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html)
27. Leite, Sylvia. O simbolismo dos padrões geométricos da arte islâmica. Ateliê Editorial, 2007.
28. Machado, Arlindo. Pré-cinemas & pós-cinemas. Papirus. 1997.
29. Mattia, Denisse. Vírgula depois logo – Geografia de livro. Edição de autor. 2011.
30. Miguel, Alberto & Guadalupi Gianni. Dicionário de lugares imaginários. Companhia das letras. 2003.
31. Morin, Edgar. Os 7 saberes necessários à educação do futuro.

Edições UNESCO Brasil. 2000.

32. Mumford, Lewis. Arte e técnica. Martins Fontes. 1980
33. Napolitano, Samuel. O colar de minha fala – Os contos da Tradição sufi. Annablume, 2011.
34. Navarro, Macías Rafael Humberto. DECÁLOGO. Una propuesta vital de Krszistof Kieslowski para nuestra ética cotidiana. Instituto Libre de Filosofía y Ciencias A. C. Guadalajara, Jalisco, 1997.
35. Postman, Neil. Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia. Nobel. 1993.
36. Prigogine, Ilya. Ciência, razão e paixão. Livraria da Física. 2009.
37. Prigogine, Ilya. O Fim das Certezas - Tempo, Caos e as Leis da Natureza (com Isabelle Stengers. UNESP. 1996.
38. Ribon, Michel. A arte e a natureza: Ensaio e textos. Papyrus. 1991.
39. Rosa, Guimarães. Conversa de bois. In Sagarana. José Olympio.

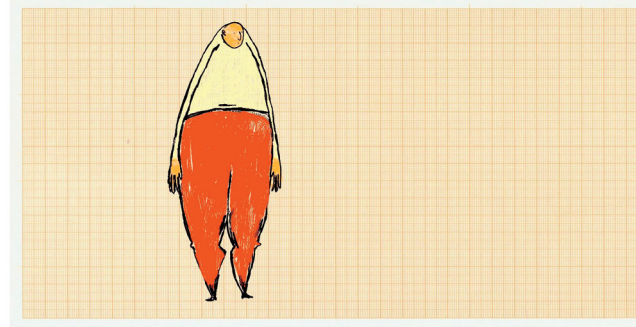


1946.

40. Sá, L. M. Pertencimento. In: Ferraro Jr. L. A. (Org.) Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental. 2005.
41. Santos, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. Revista Crítica de Ciências Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, n. 78. out. 2007.
42. Santos, Boaventura de Souza. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. Cortez, 7 ed., 2009.
43. Sartori, Renata Coelho. O pensamento ambiental sistêmico: uma análise da comunicação científica da ESALQ/USP. Tese

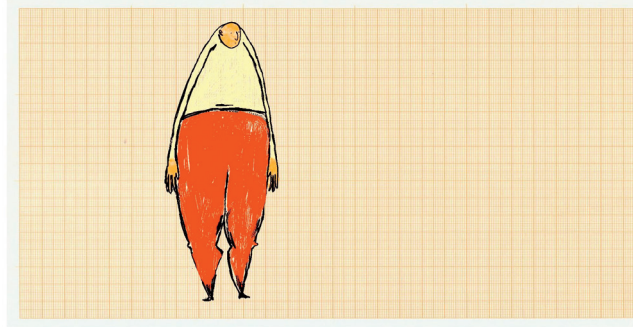
(Mestrado) Universidade de São Paulo. 2005.

44. Sartre, J. P. A Náusea. Ediouro. 2006.
45. Shah, Idries. El buscador de la verdad. Kairos. 1988.
46. Sibilla, Paula. El Hombre Postorganico. Cuerpo, Subjetividad Y Tecnologias Digitales. Editora FCE. 2006.
47. Stort, Eliana. V. R. Cultura, Imaginação e conhecimento: a educação e a formalização da experiência. UNICAMP. 1993
48. Tarkovski, Andrei. Esculpir o tempo. Martins Fontes. 1998.
49. Wallerstein, Immanuel. O fim do mundo como o concebemos. Revan. 2003.
50. Revista Trend in Plant Science. February 1999, Vol 4, No 2 [38], pp. 43-80.



ARTÍTAS

134



135

